

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

LAÍS ALENDE PRATES

**VIOLÊNCIA EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS NA TELEVISÃO: UMA ANÁLISE
SOBRE SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS
ADOLESCENTES**

**Caxias do Sul
2015**

LAÍS ALENDE PRATES

**VIOLÊNCIA EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS NA TELEVISÃO: UMA ANÁLISE
SOBRE SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS
ADOLESCENTES**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo, da Universidade de Caxias do
Sul.

Orientadora: Prof^a. Ma. Marliva Vanti
Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2015

LAÍS ALENDE PRATES

**VIOLÊNCIA EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS NA TELEVISÃO: UMA ANÁLISE
SOBRE SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS
ADOLESCENTES**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo, da Universidade de Caxias do
Sul.

Aprovado em ____/08/2015

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. Dr^a. Marlene Branca Sóló
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico esta monografia a todas as pessoas que, assim como eu, acreditam em “um mundo de paz, feito com as nossas mãos” (Suerte, 2012).

AGRADECIMENTOS

Durante a realização desse trabalho, pôde-se perceber a importância das trocas ocorridas por meio do diálogo e de se estar aberto a elas. Agradeço especialmente à minha orientadora, Marliva, por todo o caminho percorrido comigo durante a elaboração da monografia. Todo o apoio, o estímulo e os conselhos foram essenciais para o andamento deste trabalho que nos permitiu, além das trocas de saberes “acadêmicos”, uma troca sincera de sentimentos e conhecimentos diversos.

Agradeço aos meus pais, Carmen e Fausto, que sempre abraçaram comigo os meus sonhos e que, mesmo de longe, me ajudam a enfrentar os obstáculos diários que se colocam no caminho. Sou muito grata a tudo que me proporcionaram, por todo o esforço dedicado às minhas realizações e aos ensinamentos, que me proporcionaram uma visão mais “sensível” e atenta às relações sociais.

À minha irmã, Lisie, que sempre foi minha “melhor” amiga, conselheira, segunda mãe e um exemplo de esforço, dedicação e companheirismo. Mesmo com alguns quilômetros de distância, durante o percurso de formação acadêmica, se fez presente e me ajuda, a cada dia, a seguir em busca dos meus objetivos. Durante a elaboração deste trabalho, se disponibilizou a me ouvir diversas vezes sobre o tema, assim como, por diversas vezes, leu os capítulos e me ajudou a enriquecê-los. Mana, sou muito grata por te ter ao meu lado.

Ao meu namorado, Ricardo, que encarou comigo a mudança de cidade, em busca do meu sonho de estudar Jornalismo e que enfrentou e me ajuda a transpor as dificuldades diárias. Agradeço todo carinho, compreensão e amizade que temos. Assim como a minha família, não me deixou desistir dos meus objetivos e me ajudou a levantar quando precisei.

Aos meus amigos que também debateram diversas vezes comigo acerca da temática da pesquisa. Ao apoio e os ensinamentos que as trocas nos permitem.

À Escola Emílio Meyer e aos estudantes que participaram da pesquisa e contribuíram com o meu aprendizado para a produção deste trabalho.

“Jamais admita a ideia de que ter informação em si é suficiente, porque a informação sozinha não produz consciência crítica” (Mario Sérgio Cortella).

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender como adolescentes, estudantes do ensino médio da Escola Estadual Henrique Emílio Meyer, recebem reportagens jornalísticas televisivas sobre cenas contendo violência. O referencial teórico desta pesquisa conta a percepção do funcionamento da televisão aberta brasileira, a estética do grotesco na mídia, o fenômeno da violência e como este é abordado atualmente, o processo de formação identitária do jovem e, por fim, a relação entre mídia e sociedade. A metodologia utilizada foi composta pelo método de Estudo de Recepção em Grupo Focal, a partir da exibição de reportagens do Jornal Nacional (Rede Globo) e do Brasil Urgente (Rede Bandeirantes). As reportagens selecionadas foram analisadas, conforme a técnica de Análise de Conteúdo e os relatos resultantes do GF, foram discutidos a partir da perspectiva da Análise de Discurso. Com o trabalho, foi possível concluir que a televisão ainda possui grande abrangência, porém vem perdendo sua credibilidade entre os mais jovens. Além disso, notou-se que existe uma carência de discussões acerca da temática da violência e, mais especificamente, sobre a violência exibida na mídia e também exercida por ela.

Palavras-chaves: Telejornalismo, violência, adolescentes, mídia e sociedade.

ABSTRACT

This research sought to understand as teenagers, high school students from State School Henrique Emílio Meyer, receive journalistic television reports about scenes containing violence. The theoretical framework of this research account the perception of the operation of the brazilian open television, the aesthetics of the grotesque in the media, the phenomenon of violence and as this is discussed today, the process of identity formation of the young and, finally, the relationship between media and society. The methodology used was composed by the method of Reception Study in Focus Group, from the display of reports of Jornal Nacional (Rede Globo) and of Brasil Urgente (Rede Bandeirantes). Selected reports were analyzed, as the technique of Content Analysis and reports resulting from the GF, were discussed from the perspective of Speech Analysis. With the work, it was possible to conclude that the tv still has great scope, however comes losing your credibility among the younger. In addition, it was noted that there is a lack of discussion on the subject of violence and, more specifically, about the violence displayed in the media and also performed by her.

Key-words: TV news, violence, teenagers, media and society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TELEVISÃO BRASILEIRA: UMA MÍDIA PROMISSORA	38
2.1 TELEVISÃO BRASILEIRA: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	39
2.2 GÊNEROS TELEVISIVOS	47
2.2.1 Telejornal	50
2.2.2 Jornal Nacional.....	53
2.2.3 Programas sensacionalistas	55
2.2.4 Brasil Urgente	57
3 VIOLÊNCIA: A INFLUÊNCIA DAS PULSÕES DE EROS E TÂNATOS NA ESTÉTICA DO GROTESCO NA TELEVISÃO BRASILEIRA	59
3.1 ENTENDENDO AS PULSÕES DE EROS E TÂNATOS	60
3.2 A ESTÉTICA DO GROTESCO.....	62
3.2.1 A estética do grotesco na televisão brasileira.....	65
3.3 VIOLÊNCIA: A MANIFESTAÇÃO DO FÊNOMENO EM UMA SOCIEDADE CONFLITIVA	70
3.4 VIOLÊNCIA NA MÍDIA/VIOLENCIA DA MÍDIA	75
4 MÍDIA E SOCIEDADE: RELAÇÕES DE PODER	84
4.1 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE A SOCIEDADE	84
4.2 TELEVISÃO: UM MEIO DE PODER E INFLUÊNCIA	88
4.3 ADOLESCÊNCIA: PERÍODO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E BUSCA DO “EU”	89
4.4 INFLUÊNCIA DA TV NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES	95
5 METODOLOGIA	105
5.1 MÉTODOS E TÉCNICAS APLICADOS	105
5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	106
5.2.1 Pré-análise: seleção das reportagens	106
5.2.2 Exploração do material: decupagem	107
5.2.3 Tratamento, inferências e interpretação	120
5.3 ESTUDO DE RECEPÇÃO EM GRUPO FOCAL	124
5.3.1 Resultados e relatos do grupo focal	125
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	145
ANEXOS	154
ANEXO A – PROJETO DE MONOGRAFIA	155

1 INTRODUÇÃO

O interesse da pesquisadora pela temática iniciou-se nos primeiros anos de faculdade, a partir do contato com o AMORCOMTUR! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq/UCS), na Universidade de Caxias do Sul, orientado pela prof^a dra. Maria Luiza Cardinale Baptista. A partir das rodas de conversa, permeadas com as trocas de saberes entre o grupo, as leituras e as participações em eventos, a pesquisadora descobriu o “objeto paixão-pesquisa” (BAPTISTA, 1999, p. 68).

Defendo, sim, o objeto paixão-pesquisa, porque entendo que, para se embrenhar numa investigação, necessita-se da impetuosidade e do gozo de quem vive a paixão. O gosto de quem passa madrugadas, se for preciso, em busca do prazer... de quem quer ficar junto... o gosto de quem quer sempre mais. De quem vibra. De quem se emociona com o que faz (BAPTISTA, 1999, p. 70).

Compreender o funcionamento da mídia, entender como a temática da violência é trabalhada nos meios de comunicação e, mais ainda, as consequências que essa repetição exagerada de cenas de violência na televisão pode causar nas pessoas e nas relações sociais é meu “objeto paixão-pesquisa”. Entendendo a violência e as relações sociais como fenômenos complexos, acredito ser de grande importância para o bom desempenho profissional do jornalista compreender o seu papel diante de temáticas de tamanha relevância na sociedade.

No Brasil, e em diversos países, os meios de comunicação consolidaram-se e alcançaram grande importância, principalmente no que se refere ao funcionamento e à organização das sociedades. Sociedades estas, que vivem em uma constante “corrida contra o tempo”, buscando se adequar aos moldes impostos pelo sistema político e econômico vigente e, reproduzidos pela mídia. Em virtude disso, muitos aspectos das vidas pessoas se modificaram ao longo dos anos. Dentre esses fatores, destacam-se, especialmente, as relações sociais. As famílias, por exemplo, têm reduzido suas relações de convivência.

Nesse sentido, há cada vez menos tempo destinado para as atividades que envolvem toda a família. Dessa forma, não apenas as relações de convívio e afeto são prejudicadas, mas também a transmissão de valores e de educação entre pais e filhos. Em muitas casas, a televisão é a maior companhia das crianças e adolescentes, tornando-se a “babá” e/ou a principal educadora destes jovens. Dessa

forma, sob a ótica de Pacheco (1998), tem se justificado a inserção da televisão como um meio eficaz de entretenimento no contexto familiar.

Numa modernidade carregada de mandos e exigências fora do círculo familiar, pais e mães trabalhadores podem ter na televisão um recurso para “distrain” os filhos em casa enquanto eles estão fora, ou quando retornam exauridos de suas lutas do dia-a-dia profissional. Assim, a TV passa a ser justificada como um meio eficaz. Mas não faltam a muitos os discursos panfletários sobre o maquiavelismo de tal uso, e as idéias persecutórias sobre o “mal” inerente à TV [grifos do autor] (PACHECO, 1998, p. 72).

Essas exigências, citadas pelo autor, se relacionam com o modelo atual da sociedade, no qual prevalece a cultura do consumo. É importante ponderar a mudança que se estabeleceu a partir do surgimento da sociedade do consumo, ou como também é chamada, sociedade da informação, a qual produziu grandes avanços tecnológicos, mas também instaurou um novo modelo de consumo, que se apresenta, em muitos momentos, como o “consumo pelo consumo”.

O estabelecimento de uma cultura de consumo, a partir da segunda metade do século XX, é visto por alguns autores (Jameson, 2000; Baudrillard, 1993) como um momento de ruptura dos padrões de percepção da realidade e mudanças dos modos de inserção social dos sujeitos, uma que vez que a lógica do consumo se sobressai em relação à centralidade da produção como uma ação coletiva (NJAINÉ, 2004, p. 8).

Embora as formas de inserção social tenham se ampliado a partir da metade do século XX, alguns aspectos precisam ser questionados, uma vez que essa inserção ainda ocorre de maneira gradual. Percebe-se que esse formato de sociedade, estruturado na cultura do consumo, desconsidera elementos importantes da educação e das relações pessoais, tais como a coletividade, a reflexão e o senso crítico.

Somando-se a isso, têm-se os meios de comunicação que “servem notadamente para reafirmar as normas sociais, expondo os desvios destas normas ao público” (LAZARSFELD, MERTON, In LIMA, 1990, p. 114). Para fazer a manutenção dessas normas, a programação da televisão aberta brasileira inclui programas de informação e entretenimento que, em muitos momentos, unem-se sem apresentar uma definição exata sobre seu formato. Por meio da hibridização de conteúdos e programas, ficção e realidade apresentam-se interligadas ao longo da programação.

Segundo Sodré (1984, p. 78), "o sistema da televisão, com a cultura massificadora que impõe, consegue sincretizar coisas tão diversas como o real e o imaginário, homogeneizando-os". Uma das maneiras utilizadas para fazer isso é, conforme o autor, dramatizando os fatos. Da mesma forma, a televisão trata realisticamente "(com o aparato técnico-formal da informação jornalística) o campo do imaginário" (Ibidem).

Depreende-se que a mídia reproduz o sistema político e econômico vigente, assim como as normas e condutas aceitas pela sociedade. Nessa perspectiva, Patrick Charaudeau (2012), em "Discurso das Mídias" afirma que a mídia não só reproduz, como também funciona a partir da lógica econômica e da lógica simbólica. O autor aponta a relevância das instâncias de informação, a produção (mídia) e a recepção (público). "A primeira (mídia) é detentora do conhecimento e a segunda (público) é a parte interessada em obter esse conhecimento, que sem a mídia não seria possível" (CHARAUDEAU, 2012, p. 72).

Para o autor, a finalidade do "contrato midiático" é informar a sociedade por meio da visão do "fazer saber" e prender as massas para sobreviver às concorrências por meio da visão do "fazer sentir". Além disso, Charaudeau (2012) relembra a manipulação que os meios de comunicação desenvolvem sobre os fatos noticiosos, ao afirmar que

as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público. (...) Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2012, p. 19).

À discussão sobre a construção da realidade pela mídia, Leão Serva (2001), em "Jornalismo e desinformação", acrescenta que a sociedade nunca teve tantos meios para obter informações, mas esta também nunca esteve tão mal informada. Serva aponta que, apesar de não ser apresentada dessa forma, a história é contínua e se repete nas notícias, como se fossem novidades. "Embora separados no tempo cronológico, fazem parte de uma única cadeia, uma única ocorrência histórica da qual cada "notícia" é apenas uma manifestação, como um fotograma de filme de longa-metragem" (SERVA, 2001, p. 44).

O autor considera ainda que as "notícias não deixam ver a história. Ao

contrário, o sistema das notícias encobre a lógica profunda que está por trás da cortina de novidades” (SERVA, 2001, p. 47). Ou seja, a maneira como os meios de comunicação constroem as narrativas cotidianas não permite que a informação seja refletida por aquele que a recebe. Dessa forma, torna-se difícil perceber que as histórias se repetem.

Nesse contexto, emerge o papel do Jornalismo, que é de se aproximar o máximo possível da realidade e do próprio fato ao apresentá-lo. Ao mesmo tempo, o telespectador não pode ser considerado completamente manipulável, pois tem, no mínimo, o poder de desligar a sua TV. A partir de seu próprio conteúdo, ele reinterpreta o que lhe é apresentado televisualmente, embora as matérias careçam de dados reflexivos.

Porém, considera-se que essa é uma lógica profundamente enraizada na mídia. Nesse sentido, para que se entenda melhor o funcionamento dos meios de comunicação, é importante ampliar o horizonte da abordagem e introduzir o conceito de Indústria Cultural, já que esta permanece intrinsecamente ligada à mídia.

A Indústria Cultural, conceito criado por Adorno e Horkheimer (1947) no livro “Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos”, pode ser entendida como a massificação e o consumo da produção cultural. Ela utiliza os veículos de comunicação como seus produtos, dentro da lógica do sistema capitalista.

De acordo com Adorno, a Indústria Cultural se assemelha a uma indústria quando destaca a estandardização de determinado objeto – os filmes de gênero western, por exemplo – e quando diz respeito à racionalização das técnicas de distribuição (ZUIN, 2001, p. 11).

A Indústria Cultural contribui para o “reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão. Em consequência, uma outra função: a de promover o conformismo social” (COELHO, 2003, p. 23).

Assim, a Indústria Cultural é vista como uma forma de alienação ou um estado avançado de “barbárie cultural”, pois ela

fabrica produtos cuja finalidade é a de serem trocados por moeda; promove a deturpação e degradação do gosto popular; simplifica ao máximo seus produtos, de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor; assume uma atitude paternalista, dirigindo o consumidor ao invés de colocar-se à sua disposição (COELHO, 2003, p. 24).

A televisão, enquanto meio de comunicação, está inserida nestes contextos e,

como os outros meios, merece uma discussão acerca do seu funcionamento, assim como sobre os efeitos provocados nos telespectadores. Mesmo com todo avanço tecnológico e uma “certa facilidade” para que as pessoas estejam constantemente conectadas à internet, a televisão ainda é, para muitos, a única via de informação, ou ainda, o meio de maior credibilidade, pois ela não só fala, como também mostra.

Desde os primeiros anos de vida, as pessoas familiarizam-se com a presença da televisão em suas casas. Muitas vezes, esta alcança espaço de destaque nos lares brasileiros e pode até fazer com que a família se reúna, em algum momento do dia, para assistir a um programa.

Em meio à programação da televisão aberta brasileira, na qual nem sempre é possível definir e se distinguir o real do imaginário, os telejornais apresentam-se como programas informativos e têm o dever de retratar a realidade. Embora isso nem sempre ocorra da forma mais adequada, em função de diversos critérios adotados e, até mesmo, pelo modo de produção da notícia na sociedade capitalista, e pelo *modus operandi* nas redações, sujeitas à ideologia dos veículos de comunicação.

Ainda assim, os telejornais mantêm alguns moldes preestabelecidos, a saber: o formato do programa noticioso, que conta com um ou dois apresentadores na bancada, algumas matérias, notas cobertas e notas simples, boletins ao vivo, comentaristas, entre outros. Com o passar do tempo, este formato foi se adequando à contemporaneidade, sem perder a formatação.

Os noticiários são alguns desses programas que podem reunir as pessoas diante da TV, todos os dias. Um fato que contribui para isso é o horário de exibição, já que muitos são apresentados à noite, enquanto a família descansa do trabalho, conversa sobre o dia a dia e janta.

Contudo, antes de se compreender o funcionamento de um telejornal, é preciso relembrar as funções do Jornalismo, permitindo, assim, suscitar uma reflexão sobre os fatos noticiosos veiculados por ele. Dessa forma, entende-se que o papel social do Jornalismo é informar e formar a sociedade.

Ele é responsável, muitas vezes, pela manutenção de valores, construção do processo de conscientização e pela formação da opinião pública. O jornalista, por sua vez, diante de tantos acontecimentos diários, tem a função de compreender e traduzir estes acontecimentos para o público, provocando reflexões sobre os fatos noticiosos.

Entre os meios de comunicação utilizados pelo jornalista para desempenhar essa função, tem-se a televisão, a qual está presente em 97% dos domicílios brasileiros. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2014, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, a TV foi identificada como um dos meios mais utilizados pelas pessoas para obter informações e entretenimento¹.

Dentre os programas com viés informativo, o telejornal é um dos mais assistidos pelas pessoas para obter informação e consiste no Jornalismo aplicado a um meio audiovisual. Neste, as técnicas e princípios éticos são repassados e adaptados ao programa específico. Aqueles de cunho sensacionalista também são programas da categoria informativa e costumam ser muito populares no Brasil.

Para um melhor entendimento do que já foi exposto até aqui, é necessário retornar ao início desses apontamentos. Os meios de comunicação, pertencentes à Indústria Cultural, trabalham e, muitas vezes, determinam o funcionamento da sociedade em função do sistema político e econômico vigente. A televisão é um desses meios de comunicação e, desde o seu surgimento, foi ganhando cada vez mais popularidade e se fazendo presente nos domicílios da maior parte da população brasileira.

Conforme Vidigueira (2006), a expansão da televisão foi um dos fenômenos mais importantes da história recente. A autora destaca também a influência que a televisão exerce sobre as pessoas, principalmente em relação às suas atitudes, valores e comportamentos. A sua presença se tornou tão natural na vida das pessoas, que não há muito questionamento quanto ao conteúdo apresentado.

A apreensão em relação ao conteúdo veiculado pelos meios de comunicação e, principalmente pela televisão, é um direito e deve ser compartilhada não só pela comunidade acadêmica, mas também pelos demais profissionais, como também a sociedade em geral. Pois, como Guilherme Jorge de Rezende aponta em “Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial” (2000), a TV exerce uma relação hipnótica nas pessoas.

Essa ação hipnótica exercida pela TV pode fazer com que um telespectador, inicialmente com a intenção de ver só um programa determinado, passe toda uma tarde ligado em um fluxo de imagens de gêneros de programas diferentes. A sensação de encantamento despertada pela experiência visual seria, por si, suficientemente compulsiva para

¹Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

mantê-lo preso diante do televisor (REZENDE, 2000, p. 31).

A relação hipnótica produzida pela experiência visual e as narrativas apresentadas, unem-se e formam a experiência televisiva da população. Ou seja, o conteúdo estético e intelectual da programação da televisão aberta brasileira determina a relação entre a televisão e os telespectadores.

a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão [grifo do autor] (MACHADO, 2005, p. 12).

Arlindo Machado considera que a televisão é aquilo que a sociedade aceita que ela seja. Porém, enquanto “educadora”, a programação da televisão aberta brasileira apresenta muitas fragilidades. Entre os diversos tipos de programas apresentados diariamente, existem cenas de violência, que se multiplicam em horas por dia. É importante destacar que a violência por vezes é tão sutil, que o telespectador não a percebe.

Além disso, em outras ocasiões, determinadas posturas, discussões ou cenas nas quais pessoas são humilhadas por outras, são reproduzidas em demasia, gerando a banalização desses comportamentos. Nessa perspectiva, considera-se que a apreensão de comportamentos reproduzidos pela televisão, a partir de sua programação, depende de fatores como a educação que cada indivíduo recebe, por exemplo. Assim, torna-se imprescindível a compreensão sobre a interferência da mídia na educação de adolescentes.

Como questão norteadora, este trabalho apresenta o seguinte direcionamento: as matérias jornalísticas televisivas que abordam a violência podem influenciar no processo de formação identitária dos adolescentes?

Em contrapartida ao pensamento de que a mídia influencia o comportamento das pessoas, Dominique Wolton em “Elogio do grande público” (1990), apresenta a ideia de que o espectador é a mesma pessoa que o cidadão. Dessa forma, afirmar que o telespectador é hipnotizado e manipulado pela televisão, significa dizer que o cidadão também é influenciável e manipulável.

Além disso, o autor afirma que as pessoas assistem a programas “ruins” não por uma opção, mas porque essas são as possibilidades oferecidas. Importante

ponto para este trabalho, já que a presente pesquisa trata da televisão aberta brasileira.

E se o público assiste a maus programas não é tanto porque gosta deles, e sim porque eles lhes são oferecidos. Os maus programas dizem menos sobre o público do que sobre a representação que se fazem aqueles que os produzem e difundem. Em resumo, digam-me quais os programas assistidos e eu lhes direi qual a concepção de público que existe na cabeça dos que os produziram (WOLTON, 1990, p. 15).

Considerando a premissa de que a mídia influencia as atitudes e comportamentos das pessoas, faz-se necessário identificar e compreender a “bagagem” de conhecimentos que cada indivíduo carrega, ao longo da vida, para realizar suas escolhas. Um dos elementos constituintes dessa bagagem é a educação.

O conceito de educação pode ser entendido como um processo de formação consciente dos indivíduos segundo os ideais de cultura de cada povo. Segundo Paulo Freire (1980), a concepção de educação percebe o homem como um ser autônomo e a liberdade, parte importante desse processo.

Freire ainda acredita que a concepção de educação existente impossibilita as reais mudanças, pois acomoda as pessoas em falsas realidades e não reconhece a história e suas identidades culturais. Sendo assim, o autor considera que o modo como se trata a educação hoje, age de maneira a depositar conhecimento nos indivíduos, impossibilitando a transformação. A concepção de educação para Freire adquire um caráter de libertação. Dessa forma, o sujeito passa a ser autônomo e, sobretudo, um ser crítico, possibilitando, assim, reflexões e reais mudanças sociais.

Portanto, por um lado, tem-se a educação apreendida nas escolas; por outro, a educação que a televisão proporciona. Ainda há a educação que se aprende em casa e também a educação que se estabelece a partir de normas e valores apreendidos na interação social e que fazem parte do sistema cultural, político e econômico, ou seja, ideológico.

Essas instâncias de educação formam um todo, que pode se tornar um ciclo vicioso. Isso se explica da seguinte forma: a educação adquirida nas escolas é, em algum momento, falha. Isso porque a escola, muitas vezes, desconsidera elementos que são importantes para o aprendizado do aluno, dentre eles, o seu contexto de vida, suas relações familiares, sua relação socioeconômica, entre outros elementos,

considerados importantes na concepção de Freire.

Nessa perspectiva, a educação escolar adota um sistema denominado meritocrático. Neste modelo, as pessoas que “fazem por merecer” são reconhecidas e aquelas que “não se esforçam”, não devem chegar ao mesmo lugar. Este sistema não leva em conta que as pessoas vivem em contextos diversos, causando implicações, principalmente, no comportamento dos indivíduos. Assim, a escola, ao utilizar-se da meritocracia, exclui a subjetividade de cada um e, conseqüentemente, afeta o processo de aprendizagem. Assim também, a educação baseada apenas em conteúdos programados deixa de lado e a cargo do professor, cuidar de questões mais subjetivas dos estudantes, que também têm um papel importante na formação humanizada daquele indivíduo.

A educação "vinda de casa" é aquela apreendida pelos jovens ao se espelharem em seus responsáveis, os quais habitualmente, “ditam as regras”. São eles que dizem o que pode ou não ser feito, ou o que é bom ou não. Desse modo, as experiências são transmitidas a partir das vivências, princípios e valores dos responsáveis. Não raro, muito do que os pais ou responsáveis ensinam aos seus filhos origina-se do senso comum. Nessa direção, hábitos e pensamentos errôneos, como atos preconceituosos, também podem ser transmitidos aos jovens, mesmo que inconscientemente.

Além disso, os responsáveis passam muitas horas fora de casa para prover o sustento da família. Na maioria das vezes, essa é uma condição externa às suas escolhas. Esse fator contribui para que crianças e adolescentes permaneçam muito tempo sem contato com seus responsáveis e sem uma influência direta sobre aquilo que fazem, assistem na TV ou, até mesmo, sobre o que pensam.

Outra fonte de educação dos indivíduos refere-se aos conhecimentos adquiridos por meio das relações pessoais e a partir do contexto social em que vivem. Nessas relações e nesse cenário, também existem aspectos do senso comum e da cultura. Nestes, também impera o sistema de meritocracia.

Carpenter e McLuhan (1960) apontam a interferência da mídia na educação, afirmando que esta, anteriormente, era vista apenas como uma responsabilidade da escola. Atualmente, percebe-se que os meios de comunicação também compõem parte do processo de formação intelectual. Contudo, esse processo ainda possui algumas divergências quanto a sua forma de educar, tendo em vista a programação da televisão aberta.

Hoje, em nossas cidades, a maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicada pela imprensa, revistas, filmes, televisão e rádio excede em grande medida à quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. Este desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda ao ensino e derrubou os próprios muros da escola de modo tão repentino que estamos confusos, desconcertados (CARPENTER; MCLUHAN, 1960, p. 235).

Infere-se que esses quatro meios de transmissão da educação compõem parte de um sistema maior, que comete falhas e pode transformar-se em um ciclo vicioso, difícil de ser transposto pela maior parte da população. Diante deste cenário, depreende-se que a televisão ocupa um papel de destaque na vida das pessoas. Logo, o público juvenil é afetado na medida em que, em muitos casos, não conta com uma supervisão direta dos responsáveis sobre aquilo que lhe é oferecido pela mídia.

A partir das reflexões feitas até aqui, este trabalho monográfico tem como tema a influência de matérias de violência na televisão para a formação identitária de adolescentes. As hipóteses a serem verificadas, ao longo do trabalho, são: há uma mudança de comportamento dos adolescentes quando assistem às cenas de violência na televisão, ou seja, ficam mais agressivos; a repetição de cenas de violência em programas televisuais gera a sensação de medo em adolescentes, os quais se mostram receosos em suas relações sociais; a partir da reprodução excessiva de cenas de violência na televisão, há uma banalização do grotesco, da dor, da violência e do sofrimento do Outro², contribuindo para que os adolescentes tornem-se insensíveis à dor alheia; o conteúdo violento dos fatos noticiados na televisão influencia a formação da identidade de adolescentes; as pessoas tendem a repetir, no cotidiano, o que assistem na TV, ou seja, o comportamento pode ser alterado; o contato excessivo com cenas de violência, na televisão, aflora a sensibilidade e o sentimento de solidariedade à dor alheia.

Os objetivos desta pesquisa são: identificar as percepções dos adolescentes em relação às matérias jornalísticas, que retratam situações de violência veiculadas na televisão pelo Jornal Nacional (Rede Globo) e pelo programa Brasil Urgente (Rede Bandeirantes); identificar a forma de recepção de matérias jornalísticas sobre violência por adolescentes; verificar os tipos de violência identificados por

²Neste trabalho optou-se pela grafia da palavra Outro com a primeira letra maiúscula, balizado em Lacan (1998). A partir deste conceito, assume-se a alteridade e o reconhecimento em relação ao Outro, ou seja, ao meu semelhante, mas que não sou eu. Reconhece-se o lugar de diferença de ambos os indivíduos.

adolescentes nas cenas apresentadas nos programas; analisar um telejornal e um programa de caráter sensacionalista e identificar as diferenças e semelhanças entre eles; verificar as reflexões realizadas por adolescentes quanto às reportagens transmitidas; identificar, a partir dos relatos dos adolescentes, se há uma mudança em seus comportamentos (agressividade, repetição, hipersensibilização, medo, insensibilidade), após o contato com cenas de violência veiculadas pelo programa Brasil Urgente e pelo Jornal Nacional e, por fim, identificar se há uma influência das cenas de violência transmitidas na televisão sobre o modo como os adolescentes percebem a si mesmos e quanto à sua percepção e reconhecimento do Outro.

Acredita-se que a exposição excessiva às cenas de violência sem a supervisão dos responsáveis (quando estes, pelo menos, se preocupam com este tipo de reflexão), assim como a ausência de informações importantes sobre os fatos noticiosos e a escassez de conteúdos mais reflexivos, tornam o adolescente vulnerável a esses conteúdos.

Seguindo o contexto apresentado acima, compreende-se que os adolescentes podem ser afetados durante o seu processo de formação identitária, uma vez que a televisão, em sua programação, tem o propósito de estabelecer uma proximidade e uma identificação com o telespectador. Quando este não possui capacidade de discernimento em relação ao conteúdo recebido, pode ser levado a acreditar em determinadas ideias e/ou a repetir inconscientemente atitudes “apreendidas via TV”, que podem ser consideradas questionáveis.

Dentre estas, destacam-se atos de violência, como a humilhação, que hoje é cada vez mais discutida dentro das escolas, com inúmeras campanhas realizadas pelo governo e educadores contra o chamado *bullying*³. Mesmo assim, ainda há muito a ser feito nesse sentido por todos os envolvidos no processo, inclusive pela televisão, como veículo educador que é, que se tornou ou que pretende ser.

O telejornalismo sendo uma das áreas de atuação do Jornalismo, precisa seguir seus princípios. Porém, como parte integrante da programação da televisão brasileira, deve se adequar às formas de produção de conteúdo nesse meio. Dessa forma, sabe-se que o funcionamento do telejornalismo diário é regido de acordo com as normas impostas sobre o processo de produção, desde as técnicas de redação, a

³Termo da língua inglesa que se refere a todas as formas de agressões, realizadas por uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar ou agredir alguém que, geralmente, não pode se defender. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm> Acesso em: 20 abr 2015.

produção de uma reportagem e a cobertura de um fato noticioso, até as diversas situações com as quais o jornalista se depara cotidianamente, em seu trabalho.

Entre as normas e modelos a serem seguidos está, além das técnicas do Jornalismo, a preocupação com o tempo, com o ganho de audiência, com o entretenimento, com a informação, entre outros elementos que garantem o funcionamento do veículo televisão.

No Jornalismo e nos programas da categoria informativa, com ênfase no telejornalismo e nos programas de cunho sensacionalista, a violência apresenta-se como protagonista em muitas matérias. Em contrapartida, entende-se que a exploração de notícias sobre violência deveria vir carregada de uma responsabilidade em relação ao telespectador, principalmente pelo fato desses programas serem apresentados a públicos de faixas etárias distintas e, até mesmo, em função do horário de exibição.

Além disso, a construção dos fatos noticiosos, que segue o modelo comunicacional e editorial de cada veículo de comunicação, tem influência sobre a forma com que a audiência vai receber o conteúdo. Ou seja, as empresas e seus profissionais têm responsabilidade pelos efeitos causados nas pessoas que estão assistindo àqueles conteúdos.

O público também tem um papel importante na hora de selecionar o que quer ou não assistir. Nesse contexto, os responsáveis pelos adolescentes precisam desenvolver um olhar criterioso sobre os programas assistidos, como estes recebem as informações e quais as consequências desses conteúdos na formação de sua identidade e na construção de seus valores.

Faz-se necessária uma aprendizagem crítica a respeito do que escolher, do que olhar, de como olhar a televisão e fazer a criança refletir sobre o que vê. É importante que os adultos se informem melhor, atualizem-se, reflitam constantemente sobre as ações de educação informal e seus efeitos sobre a infância (MANSUR, 2003, p. 6 *apud* TEIXEIRA, S.D., p. 11).

Atualmente, com a tecnologia que se dispõe, os veículos de comunicação encontram-se em constante adaptação, a fim de atrair diferentes públicos. Para isso, usam inúmeros artifícios para conquistar a audiência, como por exemplo, os programas com caráter sensacionalista. Nesse sentido, como defende Mansur (2003), é de extrema importância que os responsáveis reflitam sobre a educação que os jovens estão recebendo da mídia, pois nem sempre o conteúdo apresentado

para um público deve ser o mesmo para outro. O que é bem difícil de acontecer na programação da televisão aberta, já que esta tem o objetivo de atrair o maior número possível de pessoas.

Por conseguinte, a televisão foi escolhida para análise neste trabalho, pois consiste em um veículo de grande abrangência, presente na vida de pessoas de todas as classes sociais, idades, culturas e níveis de escolaridade. A internet, que está se popularizando com grande eficiência, ainda fica atrás da televisão em relação a sua abrangência. Segundo pesquisa realizada em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), a internet, meio cada vez mais utilizado para obter informação e entretenimento, é alcançada por somente 56% da população (ANDI, 2012).

Em termos de números, a influência da televisão na vida dos adolescentes é considerável. Com base nisso, considera-se que a programação deve ser repensada para esses públicos. Refletir sobre a programação da televisão aberta brasileira também se faz necessário não só pelo consumo que adolescentes fazem desse meio, pois estes permanecem, muitas vezes, diversas horas em frente à televisão, mas também porque esse público é mais vulnerável e influenciável no processo de construção de identidade e em suas relações interpessoais.

A influência desse equipamento segue até hoje, com penetração domiciliar de 96,3% para adolescentes e 94,5% para crianças, conforme apontam os dados levantados na pesquisa. Vale destacar que a TV no país se insere no campo da radiodifusão, que é um setor regulado pelo governo, já que se trata de uma concessão pública, sendo o campo da produção ainda fortemente dominado por um número pequeno de famílias (PASSARELLI et al., 2014, p. 164).

A televisão agrega diversos formatos de entretenimento e informação durante a sua programação. Nesses formatos, encontram-se desenhos, filmes, programas de auditório, telenovelas, telejornais, entre outros. Muitos deles abordam a questão da violência, em diferentes aspectos, conforme o seu foco, público e editorial.

Acredita-se que o uso constante de cenas de violência na programação da televisão aberta pode influenciar a formação da identidade dos adolescentes, como comentado nas hipóteses deste trabalho. Independentemente da forma como se apresente, há muito tempo a exibição de cenas de violência e a contação de histórias com o tema da violência ou a violência como tema central vem se fazendo presente na televisão.

Em busca de audiência, a empresa televisão visa agradar o público, exibindo o que despertaria atenção da massa. Para isso, ela aproveita do gosto popular para fazer de sua programação um espetáculo, uma forma de divertimento a ser consumida como mercadoria, característica fundamental da cultura de massa (MORIN, 2007 *apud* SOUZA, 2009, p. 5).

Nessa perspectiva, apesar do sistema de Classificação Indicativa, utilizado pelo Ministério da Justiça, que fornece a indicação sobre a faixa etária para cada programa e a existência da prioridade protetiva, artigo 227 da Constituição Federal, que coloca a família, Estado e sociedade com o dever de proteger crianças e adolescentes de violência e crueldade, entre outros, estes não estão a salvo de presenciar cenas consideradas inadequadas, como cenas em que há o uso e abuso de drogas, de sexo explícito ou violência demasiada.

Logo, há de se considerar a forma como são construídos os fatos noticiosos sobre violência, muitas vezes, beirando ou usando mesmo o sensacionalismo. A partir dessas ponderações, é preciso analisar como os adolescentes, indivíduos em formação identitária, em processo de construção do seu “eu”, recebem e percebem matérias jornalísticas veiculadas pela televisão, com a temática da violência.

Dessa forma, este trabalho se justifica pela relevância de se discutir a violência, que é intrínseca à formação histórica e política da sociedade, e que gerou, como consequência, marcas e diferenças sociais. Tais diferenças resultaram em um sentimento de autopreservação da “classe superior” (econômica e politicamente falando), que tenta manter o controle. Como aponta Hohlfeldt (*apud* SÓLIO, 2010, p. 12), “a violência está potencialmente presente em nosso cotidiano” e, dessa maneira, ela está na mídia.

Muitas vezes – o mais das vezes, na verdade -, ela se traveste de um discurso que a pretende naturalizar, como se diferenças fossem normais e que, portanto, nada devesse ou precisasse mudar. Isso se faz presente muito especialmente na mídia, seja ela aquela mais tradicional, da imprensa, seja a mais moderna, da televisão às novas tecnologias e seus suportes populares, dos *blogs* aos *chats*. Não é apenas o assassinato a sangue frio; as execuções sumárias de cidadãos em bairros populares; a execração a quem pretende ser *diferente*. É, sobretudo, a violência do discurso; a violência que nega a própria violência; a violência que pretende apagar ou negar os sinais de violência (HOHLFELDT *apud* SÓLIO, 2010, p. 12).

Nesta pesquisa, dentre todas as informações transmitidas pelos telejornais, por meio dos fatos noticiosos, escolheu-se analisar as reportagens que têm conteúdo relacionado à violência. Segundo Njaine (2004), os meios de comunicação e, neste

caso, a televisão, apresentam para o público determinados temas de seu interesse.

Essa hipótese, denominada *agendasetting* (*sic*), pressupõe fundamentalmente que "a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos *mass media*" (Shaw, *apud* Wolf, 2001). Esse pressuposto não defende que a mídia pretende persuadir o receptor, mas apresenta ao público uma lista daquilo que eleger como necessário para opinar e discutir [grifo da autora] (NJAINE, 2004, p. 5).

Ramos e Paiva (2007) relacionam a veiculação de fatos noticiosos com viés violento, na mídia, aos espaços públicos da periferia. Sendo assim, há uma manutenção dos estereótipos de violência em regiões que são mais vulneráveis economicamente. As autoras destacam que tais estigmas se mantêm porque esses espaços raramente são alvo de coberturas jornalísticas sobre outros assuntos. Com isso, as comunidades de periferia são caracterizadas, lembradas e noticiadas como contextos nos quais predominam situações de violência.

Outros fatores que contribuem para essa visão distorcida da periferia são as redações elitizadas. Muitos estudantes concluem a graduação com pouco conhecimento sobre as comunidades periféricas e, ao mesmo tempo, também não demonstram interesse em realizar coberturas jornalísticas nessas regiões. Ademais, também existe a linha editorial de cada veículo de comunicação, que elenca o que será ou não noticiado.

Em relação à importância da mídia na sociedade e da seleção de temas presentes nos programas da categoria informativa, salienta-se a violência como um aspecto presente na sociedade, desde os seus primórdios, nas suas variadas formas. A mídia transforma a notícia em um acontecimento, que passa por diversos filtros até ser veiculado. Esses filtros são ferramentas utilizadas pelo jornalista para a produção das pautas e determinam o viés dado ao fato noticioso, levando em conta as normas do veículo, a bagagem do jornalista e os elementos técnicos (inerentes ao processo de produção da notícia).

Tais aspectos são consequência do processo de construção do fato noticioso na sociedade capitalista, em que a produção da notícia é constante, ao mesmo tempo em que deve ser ágil e rápida. Por conta dessa rapidez e fluidez da informação, na maioria das vezes, prioriza-se apenas o *lead*⁴, quando outras

⁴Segundo Clemente (2005), o *lead* é um padrão norte-americano para a construção de notícias. Ele contempla as informações básicas sobre o fato: o quê?; quem?; quando?; onde?; como?; por quê?

informações, consideradas secundárias, também são relevantes.

Ou seja, o modo de produção de mercadorias no capitalismo, a divisão social do trabalho e as contradições desse processo, o qual a Indústria Cultural abarca e, nesse caso, incluem-se a mídia e os meios de comunicação de massa, influenciam o produto em si, a notícia. O telespectador, por sua vez, nem sempre percebe esse processo. Porém, essas etapas inerentes à construção do fato noticioso, que nem sempre são percebidas, têm influência sobre o conteúdo que o telespectador vai receber.

Equivale dizer que os processos de fragmentação da informação (seleção, montagem e edição), a pauperização da mensagem para conquistar a inteligibilidade de um público médio e o caráter mercadológico que influi na lógica da produção jornalística e ficcional, entre outros fatores, restringem o potencial da crítica e de apreensão da realidade pela audiência (COSTA, 2002, p. 24).

Por meio do entendimento de Sodré sobre o conceito de ideologia, Costa (2002, p. 24) também aponta que o sistema da televisão   uma censura, “da resposta, do gesto, do corpo, reais e concretos”, pois não permite a troca, o diálogo.

Em outras palavras, ideologia não se define como o conjunto dos cont udos veiculados pelos meios de informa o, mas como a própria informa o enquanto forma unilateral de rela o social que separa radicalmente falante de ouvinte, censura a resposta e torna abstrata a situa o concreta dos indivíduos (SODRÉ, 1984, p. 33).

A respeito da televisão no Brasil, Sodré (1984) ressalta que a fun o deste veículo nas classes sociais   a de produzir hegemonia ideológica ou domina o. No modelo socioecon mico vigente no Brasil, essa fun o tem constituído papel essencial no processo de acumula o de capital. Nesse contexto, emerge o monopólio da fala, que não permite a fala do Outro, apenas dos detentores dos meios de produ o. Esse monopólio da fala   denominado por alguns autores, como Bourdieu (1997), de violência simbólica.

Belarmino Costa (2002), na obra “Estética da Violência: jornalismo e produ o de sentidos”, questiona os rumos da média em rela o   violência e   estética da barbárie.

Os componentes identificadores da estética da barbárie não se esgotam apenas na propensão dos *mass media* a espetacularizar os fatos e acontecimentos transformados em notícias, como uma das condi es

inerentes às práticas jornalísticas, cuja pretensão é ampliar a audiência pela exposição do curioso, do mórbido, do extraordinário. A concepção de estética da barbárie deve ser estendida à apreensão da relação entre conteúdo e forma que condiciona a exposição e apropriação das mercadorias simbólicas [grifos do autor] (COSTA, 2002, p. 7).

Para Costa (2002), além da espetacularização da notícia, as pessoas devem estar atentas também à relação entre o conteúdo apresentado e a sua forma de apresentação ao público. Compreendendo esses elementos que, em conjunto, são denominados pelo autor de estética da barbárie, pode-se compreender, pelo menos em parte, o processo de recepção dos fatos noticiosos veiculados.

Ainda sobre a espetacularização da notícia, Costa (2002) afirma que alegar que a informação dá lugar à aparência significa dizer que a base do sensacionalismo é a transformação do fato noticiado em algo que se justifica mais pela forma como é construído do que pelo uso da mensagem.

Isso não quer dizer excluir do jornalismo o papel mediador necessário para expor as contradições existentes na sociedade, quando ele faz denúncias e pressiona o poder público, mas expressar um dado relevante: a sensacionalização não conduz necessariamente ao esclarecimento do fato e sua superação, e sim a uma audiência massiva e ávida por espetáculos que coloquem na arena romana moderna a simulação, o jogo, as aberrações (COSTA, 2002, p. 30).

Conforme Costa (2002), a repetição de cenas de violência pode forjar e controlar a opinião pública, assim como modificar o caráter social dos indivíduos. “Em todos os países, sabe-se que quem controla estes canais de informação não só controla a opinião pública, mas, na continuidade, pode forjar também modelos de personalidade e o caráter social dos seres humanos” (SCHAFF, *apud* COSTA, 2002, p. 33).

Como contraponto a Costa (2002), Anamaíra Souza (2009) acredita que o sensacionalismo, ao comover os telespectadores, pode suscitar a participação da população em aspectos sociais e políticos.

O jornalismo sensacionalista pode cumprir a função social de contribuir com o desenvolvimento da sociedade? Se, na cobertura de crimes bárbaros, os exageros e apelos às emoções sensibilizam telespectadores, levando-os a se mobilizar, seja em manifestações, seja em correntes de opinião, pode-se pensar o sensacionalismo como capaz de ampliar a participação popular nas questões sócio-políticas, além de reforçar valores humanos e culturais (SOUZA, 2009, p. 2).

Segundo a autora, a mídia lucra ao estimular o sensacionalismo de fatos e crimes bárbaros. O interesse é econômico e baseia-se no aumento da audiência. A partir de pretensos interesses sociais, a mídia resgata a imagem de protetora, denunciadora de atrocidades e inconformada com a crueldade. Assim, aproxima-se da sociedade e demonstra seu papel de formadora da opinião pública e reforçadora de valores.

Na obra “Violência: um discurso que a mídia cala”, de Marlene Branca Sólío (2010), a discussão é ampliada e é proposto outro viés sobre a relação entre mídia e violência. Na perspectiva da autora, dependendo de seus interesses, a mídia pode ser conivente ao retratar situações de violência. “Temos na mídia a ausência da crítica, da reflexão, da diversidade de pontos de vista; temos um discurso tautológico da violência por ela própria” (SÓLIO, 2010, p. 27).

Para Bordieu (1997, p. 24), a realidade é mostrada de forma distorcida, mascarando alguns elementos dos fatos. A isso o autor chama “ocultar mostrando”. Esse discurso reflete aquilo que Kellner (2001, p. 106) exemplifica como “manipulação de temores e fantasias”, cujo discurso noticioso é substituído por um tipo de “discurso publicitário”, sem aprofundamento, desprovido de reflexão. Essa seria uma concepção materialista da vida, sob aspectos vigentes de uma sociedade voltada ao consumo fácil (SÓLIO, 2010, p. 49).

Em consonância com Bourdieu (1997) e Sólío (2010), José Arbex Jr. questiona, em “Showrnalismo: a notícia como espetáculo” (2001), a tradição cultural que transforma o “ver” em “saber”.

À luz da tradição cultural que identifica “ver” com “saber”, é coerente e, até esperado, que o desenvolvimento tecnológico dos meios de registro e comunicação, em particular a partir do final do século XIX (fotografia, cinema, televisão, internet), tenha reforçado a importância da percepção visual. Mas quem vê, vê o que? Da psicanálise e das ciências sociais sabemos, hoje, que o olhar é condicionado pela cultura, mas também – talvez, sobretudo – por uma série quase infinita de mecanismos inconscientes (preconceitos, afetos, traumas, automatismos), a imensa maioria forjada na primeira infância [grifo do autor] (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 35).

Contribuindo com a discussão acima, Ciro Marcondes Filho citado por Danilo Angrimani (1995) aprofunda a questão do sensacionalismo na mídia. O autor entende que a mídia, ao incluir uma carga apelativa, desconstrói o fato e produz uma nova notícia. Nessa direção,

o grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. Esta está carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora. (...) No jornalismo sensacionalista as notícias funcionam como pseudo-alimentos às carências do espírito (...) O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Fabrica uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma (MARCONDES FILHO, 1986 *apud* ANGRIMANI, 1995, p. 15).

Portanto, para atingir a audiência, a mídia, muitas vezes, presta um desserviço à sociedade, atribuindo maior importância aos apelos emotivos do que aos dados, causas, efeitos, contextualização e possível solução, se necessário, para o fato abordado.

Para além dessa discussão, é preciso pensar também nos efeitos que a veiculação de matérias que envolvem violência, causa nas pessoas. Isso não quer dizer que informações que contemplam a violência não devam ser apresentadas, mas é necessário ponderar o conteúdo das informações e a forma com que estas são apresentadas ao público, principalmente o juvenil.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, publicado no ano de 1990, classifica como adolescentes todos os indivíduos na faixa dos 12 aos 18 anos. Nesse período, os indivíduos estão em processo de desenvolvimento e construção de suas identidades, valores e crenças. Essa fase de transição da infância para a vida adulta representa um momento em que as pessoas se encontram em estado de vulnerabilidade, pois ainda não possuem determinadas habilidades e conhecimentos sobre o universo que os rodeia.

Para compreender os processos sociais nos quais os adolescentes se envolvem é necessário investigar a maneira como

expressam os seus comportamentos, gostos, opções de vida, esperanças e desesperanças. Entende-se que as condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se analisar não só os comportamentos individuais, mas especialmente os processos sociais em que esse grupo está envolvido (MINAYO et al., 1999 *apud* NJAINE, 2004, p. 35).

A adolescência é o período de descobertas e autoconhecimento, no qual o “eu” é buscado. Logo,

os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta,

donde uma primeira e fundamental contradição entre a busca de autenticidade e a busca de integração na sociedade (MORIN, 1997, p. 154 *apud* NJAINE, 2004, p. 36).

Nesse período de autoconhecimento e descobertas, essencial para a constituição do indivíduo, é necessário atentar para a relação de poder exercida pelos veículos de comunicação, mais especificamente, pela TV, assim como as influências que podem ser geradas sobre os adolescentes.

A televisão dá aos adolescentes “scripts” acerca de como os adultos supostamente devem agir; ela os ensina sobre os papéis de gênero, resolução de conflitos, padrões de namoro e gratificação sexual e métodos para lidarem com o estresse [grifo do autor] (GAGNON & SIMON, 1987; SILVERMAN-WATKINS, 1983 *apud* STRASBURGER, 1999, p. 20).

Dessa forma, é importante analisar se a mídia tem se preocupado com a maneira como transmite as informações. Nesse ínterim,

diversos autores vêm questionando os modelos que a sociedade brasileira, em crise de valores éticos, sociais, morais e de qualidade nas inter-relações, tem oferecido aos jovens. Muitos jovens não têm modelos de ego ideal, nem na família. O que marca essas mudanças está profundamente relacionado com a velocidade e o excesso de informações através dos meios de comunicação (NJAINE, 2004, p.16).

Mais do que uma preocupação dos pais, a reflexão sobre a violência na mídia e o impacto psicológico nos adolescentes deve constituir um assunto a ser abordado por todos.

Se os pais pudessem empacotar as influências psicológicas para administrá-las em doses regulares a seus filhos, duvido que muitos selecionassem deliberadamente os atiradores, psicopatas alucinados, loucos sádicos, palhaços ridículos da sociedade ocidental, a menos que estivessem entretendo ambições bastante para seus filhos em crescimento. Contudo, esses exemplos de comportamento são enviados em abundância, sem cobrança direta, para milhões de lares diariamente (BANDURA, S.D., *apud* STRASBURGER, 1999, p. 31).

É preciso considerar as etapas de construção identitária, assim como o processo complexo de transformação da adolescência, a fim de entender como os adolescentes relacionam-se com a mídia e como recebem os temas e informações veiculadas por ela, principalmente aqueles que dizem respeito ao conteúdo violento.

Diante dessas ponderações, este trabalho monográfico também propõe

desenvolver um estudo acerca de como são recebidas as matérias jornalísticas relacionadas à violência pelos adolescentes, em especial aquelas transmitidas pelo Jornal Nacional (Rede Globo) e pelo Programa Brasil Urgente (Rede Bandeirantes). Inicialmente, realizou-se pesquisa bibliográfica para melhor compreensão acerca dos conceitos utilizados. Após, desenvolveram-se os métodos de Estudo de Recepção, Análise de Conteúdo e Análise de Discurso e a técnica de Grupo Focal.

Foram selecionadas três matérias jornalísticas com conteúdo violento, veiculadas pelo Jornal Nacional e três pelo Brasil Urgente, no período de julho de 2013 a agosto de 2014. As matérias foram escolhidas a partir do seu conteúdo (violência) e a forma com que este foi apresentado. Após a seleção das reportagens, aplicou-se a técnica de Grupo Focal com um grupo de jovens entre 15 e 20 anos, estudantes de escola pública de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

A escolha pelo Jornal Nacional deve-se ao fato de este ser um dos telejornais de maior audiência e reconhecimento do país, sendo transmitido há 45 anos pela Rede Globo. O Jornal Nacional conta com William Bonner e Renata Vasconcelos como apresentadores e geralmente trabalha a questão da violência nos fatos noticiosos de maneira sutil. O programa Brasil Urgente é veiculado pela Rede Bandeirantes há 13 anos. Tem como âncora⁵ José Luiz Datena e possui blocos com inserções e apresentadores regionais. É considerado de caráter sensacionalista. As matérias, em sua maioria, são sobre violência e este consiste em um programa que abrange um grande público.

De acordo com o "Dicionário da Comunicação" (*apud* Souza, 2009) o sensacionalismo tem como elemento principal o exagero, que tem como finalidade comover o público.

1. Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal). (...) 2. Qualquer manifestação literária, artística etc., que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público (BARBOSA; RABAÇA, 2002 *apud* SOUZA, 2009, p. 6).

⁵Originário dos Estados Unidos, 1948, o termo indicava o profissional que centralizava as informações de uma cobertura jornalística. Acesso em 15 ago 2015. Disponível em: <http://osancoras.blogspot.com.br/>

Pedroso (*apud* Angrimani, 1995) define esse gênero de Jornalismo como

modo de produção discursivo da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social (PEDROSO, 1983 *apud* ANGRIMANI, 1995, p. 14).

O Jornal Nacional e o Brasil Urgente têm vieses diferentes na forma de construir as notícias, mas algumas interfaces semelhantes. A partir daí, busca-se perceber se os adolescentes identificam a violência nas matérias jornalísticas nas diferentes formas apresentadas.

Para o aprofundamento teórico, neste trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que consiste em um levantamento de referências teóricas já produzidas. Para tanto, buscou-se referências publicadas em livros, artigos, vídeos, monografias, teses, dissertações, entre outros.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 1999, p. 65).

A partir da pesquisa bibliográfica, pôde-se analisar, de maneira criteriosa e fundamentada, o objeto de pesquisa deste trabalho. Após essa etapa, aplicou-se a Análise de Conteúdo (AC) nas matérias selecionadas.

A AC ocorreu após a seleção das seis matérias jornalísticas com conteúdo violento. Conforme Henry e Moscovici (1968 *apud* Bardin, 1977, p. 33) “tudo o que é dito ou escrito é susceptível (*sic*) de ser submetido a uma análise de conteúdo”. Portanto, a AC se destina a analisar de maneira minuciosa o que a mensagem realmente quer passar. “Tratar-se-ia portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens. É conveniente, no entanto, precisar de imediato que em muitos casos a análise, (...), não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o continente” (BARDIN, 1977, p.34).

A AC busca desvendar e interpretar o que está “por trás” da mensagem transmitida. Segundo Rocha e Deusdará (2005), embora a inovação da AC tenha se baseado em contribuir com elementos científicos para legitimar uma determinada ideia, o elemento que ainda se mantém na concepção de AC é

o objetivo de atingir uma “significação profunda” dos textos: “O que é passível de interpretação? Mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com duplo sentido, cuja significação profunda (a que importa aqui) só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 5).

Segundo Bardin (1977), cronologicamente, a AC pode ser dividida em: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados; inferência e interpretação.

A pré-análise consiste em um planejamento de execução da pesquisa. Algumas decisões tomadas nesse momento podem ser alteradas ao longo da pesquisa, dentre elas, aquelas associadas ao objeto de análise, às hipóteses, aos objetivos e à argumentação que fundamenta a interpretação final.

A exploração do material se refere, como sugere o nome, à investigação do material escolhido para a análise. É o momento no qual o pesquisador se debruça sobre o objeto, a fim de apreender o máximo de informações possíveis. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enunciação, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p. 101).

A etapa de tratamento dos resultados obtidos e a interpretação buscam, a partir do que foi desenvolvido na fase anterior, decodificar as informações recebidas. De acordo com Bardin (1977, p. 101), “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos”.

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos (*sic*) previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 1977, p. 101).

Portanto, a AC é fundamental neste trabalho, pois permitirá a compreensão sobre o que as matérias jornalísticas querem dizer, mas mais do que isso, permitem depreender o que o emissor, sendo ele o agente que transmite a mensagem ou o veículo que remete, pretende comunicar com as matérias.

Outro aspecto a ser compreendido neste trabalho refere-se ao modo como os adolescentes, participantes desta pesquisa, percebem as notícias envolvendo violência transmitidas pela televisão. Para atingir esse objetivo, desenvolveu-se o método de Estudo de Recepção. Este, como parte indispensável para a realização do trabalho, realizou-se a partir dos relatos dos estudantes participantes da

pesquisa. Esse método, que desloca o centro das reflexões da obra para o leitor,

deixa explícita a necessidade de distinguir dois modos de recepção: o primeiro seria o processo em que se concretizam os efeitos e o significado para o leitor contemporâneo da obra. O segundo diria respeito ao processo histórico pelo qual o texto é recebido e interpretado pelos leitores diversos (JAUSS, 2002 *apud* CARDOSO, 2007, p. 66).

Com o Estudo de Recepção busca-se compreender como o modo de produção cultural estrutura, na sociedade, ideologias, valores e representações de sexo, raça e, a maneira com que esses fenômenos se inter-relacionam (KELLNER, 2001 *apud* GROHMANN, 2009, p. 2). Ademais, ressalta-se que o significado de uma mensagem não é fixo, estático e igual para todas as pessoas. A decodificação da mensagem pode variar, conforme o receptor e o seu repertório de experiências e vivências.

Para Jacks e Escosteguy (2005), o método de Estudo de Recepção partilha, com os estudos culturais, a percepção sobre a mensagem dos meios,

considerando-o como formas culturais abertas a distintas decodificações, e sobre a audiência, definindo-a como composta por agentes de produção de sentido. Por outro lado, tanto quanto a perspectiva dos usos e gratificações, a análise de recepção entende os receptores como indivíduos ativos, os quais podem fazer muitas coisas com os meios de comunicação – do simples consumo a um uso social mais relevante (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 42 *apud* VIANA, 2014, p. 6).

Frente à utilização dos meios de comunicação, Hall (*apud* Grohmann, 2009), por meio da “teoria da hegemonia” de Antonio Gramsci, denomina três tipos de respostas, estabelecidas a partir da troca entre a codificação (emissão) e decodificação (recepção), sejam elas: dominante, contestatória e negociada.

As respostas de tipo dominante são as que estão, em grande parte, de acordo com a codificação; as contestatórias ou de oposição são as que se opõem ao significado atribuído pelo produtor, e as negociadas – o que acontece na maioria das vezes – são os tipos de resposta em que negociamos seu sentido e em que não há, *a priori*, nenhuma posição “forte” de se aceitar ou recusar prontamente o que está codificado; entretanto, para o autor, há sempre uma situação em dominância (HALL, 2003 *apud* GROHMANN, 2009, p. 3).

Conforme Grohmann, a recepção é também uma forma de pertencimento social, pois diante das várias formas de leitura, também existe o compartilhamento daquela que se dá a partir de referenciais de entendimento e interpretação,

fundamentais para a formação identitária. Logo, “as leituras feitas surgem do espaço familiar, do trabalho, das instituições a que pertencem, enfim, das práticas sociais exercidas pelos indivíduos” (GROHMANN, 2009, p. 3). No Estudo de Recepção busca-se desvendar esses laços de pertencimento.

Por conseguinte, a decodificação das mensagens não pode ser vista somente com base na posição social do telespectador, mas, principalmente, por meio do sistema em que ele está inserido, o que inclui a sua posição social, a qual determina inúmeros fatores em sua vida.

As decodificações televisivas individuais não podem ser reduzidas a consequências diretas de uma posição de classe social; trata-se de uma questão de como a posição social, articulada com discursos particulares, produz tipos específicos de leituras, e estas leituras podem ser entendidas na medida em que a estrutura de acesso aos diferentes discursos é determinada pela posição social, definida de acordo com estruturas de classe, raça, sexo ou nível de escolaridade, por exemplo (GROHMANN, 2009, p. 4).

Ainda sobre as formas de recepção da notícia, Thompson (*apud* Grohmann, 2009) destaca que estas são maneiras de agir, inseridas em contextos da vida cotidiana.

Os receptores estão envolvidos em um contínuo processo de entendimento e re-entendimento dos seus respectivos "eus" e também da realidade social por eles construída, através dessas mensagens que recebem, em um processo gradual [grifo do autor] (THOMPSON, 1995 *apud* GROHMANN, 2009, p. 5).

Os meios de comunicação e suas técnicas transmitem as percepções de universo das pessoas. Segundo Barros (2011), a compreensão de indivíduos

do tempo, do espaço, do outro, de nós mesmos, das instituições, das organizações, da vida política, da cidadania, etc. passam pelos domínios das técnicas e do aparato comunicacional. As percepções de cada um em relação ao seu do (*sic*) lugar social, do seu tempo histórico estão balizadas pelas mediações presentes nas relações comunicacionais (BARROS, 2011, p. 7).

Na sequência, desenvolveu-se a técnica de Grupo Focal (GF), com o intuito de compreender como se dá o processo de percepção nos indivíduos e como eles recebem as notícias com conteúdo violento da televisão. A técnica teve como objetivo produzir dados sobre um determinado tema, a partir das interações

estabelecidas entre os participantes da pesquisa. Conforme Gondim (2001), a técnica permite compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de diferentes grupos.

Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (KITZINGER, 2000 *apud* TRAD, 2009, p. 4).

Para que os resultados da pesquisa não sejam manipulados, Gatti (2005) ressalta que não é recomendável repassar informações detalhadas sobre o objeto da pesquisa aos participantes, pois assim evita-se a elaboração de ideias prévias, que podem afetar as discussões. O autor ainda destaca que o objetivo do GF é discutir questões em maior profundidade, por meio do debate grupal. Dessa forma, Gatti (2005) considera a participação de, no máximo, 12 pessoas. Nesta pesquisa, optou-se pela inclusão de dez participantes no grupo.

A técnica de GF é pertinente para este trabalho, pois como principal problematização tem-se a questão da influência da televisão (mais especificamente de matérias jornalísticas com conteúdo violento) sobre os adolescentes. Dessa forma, é essencial entender como o público participante da pesquisa recebe esse conteúdo e como se relaciona com ele, a partir dos relatos de suas vivências. Mediante o trabalho com o GF, é possível

compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p. 11).

O papel da pesquisadora, no GF, foi o de facilitadora do processo de discussão e sua participação no processo foi minimizada, apenas com tópicos que levantavam discussões no grupo. A pesquisadora ouviu todos os participantes, sendo que a análise final se deu sobre o próprio grupo. “Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos

resultados, ela é referida como do grupo” (GONDIM, 2003, p. 151). Portanto, as percepções de todos os participantes foram consideradas, porém, na unidade de grupo e não de maneira individual.

A partir do encontro com o GF, foi desenvolvida a Análise de Discurso (AD) que, em um primeiro momento, ocorreu a partir do olhar dos estudantes. Nesta técnica, o cerne é o discurso que faz parte de um contexto sócio-histórico, no qual há relação entre a linguagem e a exterioridade, sendo que esta se refere às condições de produção do discurso: o codificador, o decodificador, o contexto da enunciação, assim como o contexto sócio-histórico (ROSA et al, 2012).

Entende-se como AD não apenas a fala do emissor ou o seu discurso, mas também o que esta fala carrega, ou seja, o processo de produção da mensagem, os aspectos sociais, históricos, políticos e econômicos, além da ideologia e de todas as condições que permeiam estes processos.

A AD não analisa a língua ou a gramática, embora esses aspectos devam ser considerados. A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. “O discurso, assim, a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2001, p. 15 *apud* ROSA et al, 2012, p. 73).

Assim, conforme Maingueneau,

a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser compreendido não só em relação ao seu sistema interno, que exige dos seus usuários apenas uma competência específica, mas como forma de interação do homem com o seu meio (MAINGUENEAU, 1993, p.12 *apud* ROSA et al, 2012, p. 74).

Nesse sentido, a abordagem deste trabalho ancorou-se em Rosa (et al, 2012), que afirma que o discurso pode ser separado do homem, “pois a linguagem é entendida como um sistema de interação entre locutores, por meio do qual se produzirá o efeito de sentido, a partir de objetos simbólicos, os quais revelarão que a linguagem não é transparente” (ROSA et al, 2012, p. 74).

Entre os diversos elementos presentes na AD, a ideologia é um fator essencial na constituição do sujeito, já que ela representa o sentido e constitui o sujeito em si. Um elemento básico para a AD é a Formação Discursiva (FD), pois é ela que determina o que pode ou não ser dito dentro de uma Formação Ideológica (FI). Assim, a FD busca entender de que forma se dá a produção de sentidos,

relacionando-a com a ideologia.

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2001, p. 43 *apud* ROSA et al, 2012, p. 74).

A concepção de sujeito também é um conceito importante para a AD, pois ele

não pode ser concebido como um ser totalmente livre, uma vez que seu discurso sempre está repleto do discurso do Outro, e a partir desse Outro que o sujeito constitui sua identidade. A voz do Outro estará alojada no seu inconsciente. De acordo com Orlandi (2001, p. 20) “o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas a afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ROSA et al, 2012, p. 74).

Para a AD, deve ser levado em consideração o processo de produção do discurso, que consiste no lugar de onde se pronuncia o discurso e no sujeito que o faz, assim como o papel social de quem o pronuncia. Além disso, a produção de fatos noticiosos determina também como a notícia chega até o telespectador.

Com as reportagens escolhidas e o grupo de adolescentes selecionado, foi realizado um encontro no dia 10 de agosto de 2015, na Escola Estadual Henrique Emílio Meyer, escolhida por situar-se em um bairro próximo a área central da cidade, dessa forma, acolhendo a estudantes de diversos bairros, onde se aplicou a técnica de GF, para que o grupo assistisse as reportagens. Após, discutiram-se as percepções manifestadas pelos adolescentes sobre as matérias quanto ao seu conteúdo, à contextualização dos fatos, aos discursos dos apresentadores ou repórteres, às mensagens imagéticas e demais observações.

Além dessa seção, este trabalho monográfico é acrescido de mais seis capítulos, os quais abordam a televisão brasileira; o fenômeno da violência; a relação entre mídia e sociedade; a metodologia e a análise; e as considerações finais.

O segundo capítulo deste trabalho intitula-se “TELEVISÃO BRASILEIRA: UMA MÍDIA PROMISSORA”. Neste, será apresentada uma reflexão sobre os meios de comunicação, em especial a televisão, e um breve contexto de sua consolidação no Brasil. Questões como o modo de produção da notícia, a Indústria Cultural, o

telejornalismo e os programas de cunho sensacionalista também são abordadas.

“VIOLÊNCIA: A INFLUÊNCIA DAS PULSÕES DE EROS E TÂNATOS NA ESTÉTICA DO GROTESCO NA TELEVISÃO BRASILEIRA” constitui-se no terceiro capítulo e conceitua, segundo a psicanálise de Freud, as pulsões de vida e de morte. Ao longo do texto, são apresentadas as definições da estética do grotesco, violência e sensacionalismo.

O quarto capítulo, denominado “MÍDIA E SOCIEDADE: RELAÇÕES DE PODER”, aborda a relação entre público e televisão. Também pondera como as pessoas recebem as informações veiculadas pela mídia, sobretudo sobre violência. Por fim, ainda analisa o processo de formação identitária do público participante desta pesquisa: os adolescentes.

O quinto capítulo apresenta mais profundamente os métodos e as técnicas utilizadas para a construção deste trabalho. Também é apresentado o conteúdo das reportagens escolhidas e a análise das percepções reveladas por meio do GF. As considerações finais expõem as principais questões levantadas neste trabalho monográfico, assim como as percepções da pesquisadora e a verificação das hipóteses e objetivos deste trabalho.

2 TELEVISÃO BRASILEIRA: UMA MÍDIA PROMISSORA

A compreensão sobre o surgimento e a consolidação da televisão, no país, é essencial para o entendimento de seu funcionamento. Neste capítulo, será

apresentado um breve contexto histórico sobre a inserção da televisão no Brasil. Também será abordado o papel dos meios de comunicação e, especificamente, da televisão na sociedade.

Ainda serão apresentados temas como o hibridismo na televisão e as categorias de programas audiovisuais, pertencentes à grade de programação de uma emissora. Por fim, serão contextualizados os programas que servem de objeto de estudo para este trabalho, o Brasil Urgente (Rede Bandeirantes) e o Jornal Nacional (Rede Globo).

2.1 TELEVISÃO BRASILEIRA: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1950, a televisão teve sua inserção no Brasil. Na época, Assis Chateaubriand, com o seu grupo “Diários e Emissoras Associados”, foi quem iniciou as primeiras transmissões deste novo veículo de comunicação no país. De forma precária e com profissionais que eram, inicialmente, atuantes no rádio, cinema, teatro e/ou jornalismo, iniciou uma fase de experimentação da TV, que Marcondes Filho (1988, p. 43) denominou de “rádio televisionado”. Ainda em estúdios improvisados, as primeiras transmissões eram baseadas no que os outros veículos de comunicação já haviam produzido. Os programas eram transmitidos “ao vivo” e realizados regionalmente, pois embora a chegada do videoteipe tenha ocorrido no final dos anos 1950, ele só se solidificou a partir da década seguinte.

Esse primeiro momento, de inserção da televisão no Brasil, que ocorreu de 1950 até 1964, Sérgio Mattos (1990, p. 5) denomina de “Fase Elitista”. A primeira fase ficou conhecida dessa forma, pois o aparelho de televisão praticamente inexistia e poucas pessoas o possuíam.

A televisão começa a expandir-se a partir dos anos 50 e vai rapidamente conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas até que se torna, no final do século, o meio de transmissão de imagens absoluto em toda a cultura (MARCONDES FILHO, 1994, p. 16).

Somente em 1960 a televisão afirmou-se e consolidou-se, no Brasil, como um meio de comunicação para as grandes massas. Nesse período, surgiram outras emissoras de televisão, visto que, até o momento, o monopólio era da TV Tupi-Difusora, de Assis Chateaubriand (MARCONDES FILHO, 1994).

Nessa direção, a televisão passou a ser vista como importante meio a ser utilizado pela publicidade, devido à audiência significativa alcançada. Com isso, conseqüentemente, passaram a surgir mais investimentos associados a grandes avanços tecnológicos.

A segunda fase da inserção da televisão no Brasil ocorreu entre 1964 e 1975. Esse período é denominado por Mattos (1990, p. 8) de “Populista”. O ano de 1972 ficou marcado pela primeira transmissão em cores. A Festa Nacional da Uva, de Caxias do Sul (RS), foi transmitida ao vivo pela TV Globo.

Nesse momento, a televisão já estava consolidada no país e ganhava ainda mais audiência com as telenovelas. Nessa mesma época, ocorreu o golpe militar no Brasil, que perdurou por 20 anos e marcou a imprensa de forma significativa. Os militares passaram a controlar e censurar os meios de comunicação. Nesta fase, a TV Tupi já disputava audiência com outras emissoras, dentre estas, a TV Globo.

A TV Globo teve sua ascensão a partir do acordo com o grupo estrangeiro *Time-Life*, ocorrido ainda em 1962. Com o acordo, Roberto Marinho teve acesso a 6 bilhões de dólares, investindo assim, em equipamentos e na infraestrutura da Globo. Em contrapartida, a *Time-Life* teria participação em 30% dos lucros auferidos pela TV Globo. Na época, as relações entre Globo e *Time-Life* foram acusadas de serem ilegais, pois feriam artigo da Constituição Federal que proibia capital estrangeiro na gestão ou propriedades de empresas de comunicação⁶. A TV Globo passou a ser Rede Globo em 1969, com a estreia, em rede nacional do Jornal Nacional.

Um pouco antes, em 1967, João Saad fundou a Rede Bandeirantes. Anteriormente, ele já era proprietário da Rádio Bandeirantes.

No que se referem aos métodos de produção e administração, nesse período, a televisão se solidificou como indústria, com a profissionalização de seus funcionários, substituindo, assim, o improvisado. Ao mesmo tempo, sua programação popularizou-se, criando ídolos, que foram incorporados ao cotidiano dos brasileiros (BRITTOS, 1999).

A terceira fase da televisão brasileira ocorreu entre os anos 1975 e 1985 e ficou conhecida como “Desenvolvimento Tecnológico”, de acordo com Mattos (1990, p. 11). Esse período foi marcado pela perda gradual da hegemonia dos militares. Foi

⁶Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_Rede_Globo#Acordo_com_a_Time-Life. Acesso em 15 ago 2015.

nessa fase que a produção audiovisual brasileira ficou mais consistente e conquistou mais espaço na grade de programação em detrimento dos programas e seriados norte-americanos, que se popularizaram no Brasil durante a segunda fase.

A quarta fase, intitulada de “Fase de Transição e da Exploração Internacional” (MATTOS, 1990, p. 14), compreendeu os anos de 1985 a 1990. Destacou-se como um período de transição política e também pela Constituição de 1988, que proibiu a censura e determinou a aprovação das concessões pelo Congresso Nacional.

Após essas quatro etapas, Mattos (1990) afirma que teve início a “Fase da Multiplicidade da Oferta”. Esta é marcada, basicamente, pela inserção de canais por assinatura, o que contribui, ainda mais, para o processo de globalização.

Com a ascensão da televisão, no Brasil e no mundo, as sociedades também passaram a ser interligadas. Porém, só com a internet, anos mais tarde, é que essa integração/globalização ocorreu de forma mais efetiva. Ainda assim, inicialmente, a televisão causou diversas mudanças na sociedade dos anos 1950, que até então, em termos de audiovisual, tinha acesso apenas ao cinema. Este último seguia uma lógica de produção e consumo mais lentos, pois as produções cinematográficas levavam, e ainda levam, mais tempo para serem executadas e, conseqüentemente, demorava mais para que o produto final chegasse ao público.

O modo de fazer TV exige, desde o seu processo de produção até a reprodução, um sistema mais rápido, que deve ser ágil para que chegue ao telespectador o mais rápido possível. Dessa forma, o produto, seja ele a notícia ou o entretenimento, não se perde no tempo.

Segundo Marcondes Filho (1994), a linguagem da televisão tem como características a rapidez, a fluidez, a agilidade e o ritmo acelerado. Diferentemente do cinema, no qual é possível introduzir textos mais lentos e imagens mais demoradas, a tevê exige a transmissão de um número maior de informações, no menor tempo possível. “A televisão é um meio que tem pressa. Tem pressa porque o componente mais importante em toda a sua estrutura de produção é o tempo” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 23).

Como o autor afirma, o tempo é que determina o que pode ser classificado como importante ou não e, conseqüentemente, o que “vai ao ar” ou fica fora da programação ou do programa. Foi nessa perspectiva, que o modo de produção na televisão se modificou. Aos poucos, com a inserção de produtos ficcionais e a

produção audiovisual mais consistente, o tempo passou a comandar a grade de programação da televisão brasileira.

Portanto, em síntese, o processo de consolidação da televisão, no país, teve um início mais lento. Contudo, a partir do momento em que esse meio passou a influenciar imaginários sociais, com a produção e transmissão de telenovelas, telejornais, programas de auditório, esportes, entre outros, a verdade, que consistia em uma de suas características iniciais, se modificou. Com isso, passaram a ser veiculados fatos, e, ao mesmo tempo, programas ficcionais (MARCONDES FILHO, 1994).

Nesse momento, conforme o autor, a televisão renunciou ao compromisso de transmitir apenas relatos fiéis da realidade. Dessa forma, com o passar do tempo, a sociedade foi se transformando e passou a agir como um reflexo da televisão.

Uma curiosa inversão vai acontecer a partir daqui, que é o fato de que a televisão passa a ser um meio de comunicação que se sobrepõe ao mundo real: “Na cultura pós-moderna, não é a tevê que é o espelho da sociedade, mas exatamente o contrário: **é a sociedade que é o espelho da tevê.**” [grifos do autor] (KROKER *apud* MARCONDES FILHO, 1994, p.35).

Portanto, embora existam diversos aspectos da televisão que precisam ser questionados, como por exemplo, a interface entre o real e o ficcional, citada acima, é inegável que a tevê constitui-se em um dos meios de comunicação mais importantes no país.

A televisão é como que uma unanimidade no país. Não que estejamos sempre de acordo com ela. Mas ela está sempre conosco. Quase cem por cento dos lares brasileiros possuem um aparelho de televisão. A nacionalidade passa pelas imagens da televisão. Nossa identidade é mediada pela televisão (HOHLFELDT In SÓLIO, 2010, p. 13).

Diante do exposto, reconhece-se a televisão como um meio de comunicação que ganhou um *status* fundamental na vida das pessoas, ao longo dos anos. Mais de 60 anos depois de seu surgimento no Brasil, a TV está presente em 97% dos lares brasileiros.

A televisão tornou-se o instrumento cultural de maior importância, nas últimas décadas. Milhares de pessoas, dentre elas crianças, jovens, adultos e idosos, posicionam-se diante dela várias horas por dia (REZENDE, 2004 *apud* TEIXEIRA, S.D.).

Esse meio que, inicial e experimentalmente, veiculava apenas os fatos, hoje apresenta uma diversidade de programas. Entretanto, essa variedade ainda é questionável, visto que como exposto acima, a televisão é um instrumento cultural, reconhecido pela sociedade e, como uma transmissora de conhecimento e cultura, deixa a desejar, muitas vezes, quando deveria abordar assuntos e acontecimentos de forma mais reflexiva, educativa e conscientizadora. Porém, na maioria das vezes, percebe-se que as informações não são noticiadas a partir dessa perspectiva.

O que acontece é que as emissoras de televisão seguem uma lógica de produção que está intrinsecamente ligada ao sistema capitalista. Nessa lógica, muitas vezes, é exigida a rapidez na investigação, construção e transmissão em detrimento do aprofundamento da notícia, o que pode afetar o modo de percepção das pessoas sobre os fatos.

Apesar disso, a televisão é o meio de comunicação preferido por 76,4% dos brasileiros, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, do ano de 2014, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. A internet, segunda colocada, aparece apenas com 13,1% de preferência dos participantes da pesquisa.

O mesmo levantamento também destacou que, de segunda a sexta-feira, 80% dos brasileiros assistem, preferencialmente, programas de cunho jornalístico ou de notícias. Portanto, para muitos, a TV ainda é a única ou a principal via de acesso às notícias e ao entretenimento.

Vários fatores contribuíram para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia (REZENDE, 2000, p. 23).

A televisão, por si só, seduz. A união entre o áudio e o vídeo fascina os telespectadores, independentemente da faixa etária. A ideia de estar presente, assistir aos recortes produzidos sobre os fatos, a identificação com vivências diárias e personagens fictícios, entre outros aspectos, contribui para que a televisão brasileira, aqui entendida como as emissoras e o seu *modus operandi* no Brasil, justifique a grande audiência.

Nas emissoras comerciais de TV – predominantes no Brasil – a programação adota um caráter primordialmente diversional que afeta,

inclusive, as produções telejornalísticas. Motivada por essa ideologia do entreter para conquistar maiores níveis de audiência e faturamento, a televisão privilegia a forma do espetáculo (REZENDE, 2000, p. 35).

Para Rezende, na comunicação audiovisual, os valores emocionais se sobressaem aos racionais.

A mensagem televisiva multidimensional e multissensorial tende a atuar com mais intensidade sobre o receptor, repercutindo quase diretamente em sua afetividade, sem passar pela mediação do intelecto. Na comunicação audiovisual, portanto, registra-se o predomínio da sensação sobre a consciência, dos valores emocionais sobre os racionais (REZENDE, 2000, p. 40).

Essa relação que a TV tem com as pessoas e, mais especificamente, as emissoras (veículos de comunicação) têm com a sua audiência é conquistada por meio de seus programas, mas também por questões políticas, econômicas e ideológicas. Além do tempo que fornece as regras na televisão, a ideologia dos veículos de comunicação é um fator importante, pois é ela que determina como a emissora vai abordar determinadas temáticas; como ela vai se apresentar ao público; sobre o que vai falar, entre outros elementos. Portanto, cada veículo possui suas normas e seu editorial, no qual expressa sua visão e sua ideologia e é a partir dela que se pode entender o conteúdo que é veiculado.

Destaca-se que ideologia pode representar diversos significados e funções, de acordo com a linha de pensamento adotada. Neste estudo, optou-se por utilizar a perspectiva apresentada por Pedrinho Guareschi na obra “Os Construtores da Informação: meios de comunicação, ideologia e ética” (2000). Nesta, o autor destaca que para compreender a ideologia, é necessário distinguir dois grandes planos, na linha horizontal: a dimensão positiva e a dimensão negativa. Nesse sentido, a ideologia positiva, ou neutra, é entendida como um conjunto de valores, ideias, filosofias de uma pessoa ou grupo, ou seja, uma cosmovisão. Considerando essa definição, depreende-se que todas as pessoas e grupos sociais possuem uma ideologia. Todos têm seus valores e ideias.

A ideologia no sentido negativo ou crítico,

seria construída pelas ideias distorcidas, enganadoras, mistificadoras; seriam as meias-verdades, algo que ajuda a obscurecer a realidade e a enganar as pessoas. Ela se apresenta como algo abstrato ou impraticável; como algo ilusório ou errôneo, expressando interesses dominantes e como que sustentando relações de dominação (GUARESCHI, 2000, p. 57).

Na linha vertical, considera-se que existem dois grandes conjuntos de ideologias. O primeiro grupo é o da “ideologia como sendo algo materializado, onde estaria corporificada na própria ideia, na forma simbólica, ou mesmo concretizada em uma instituição, como a escola ou a família” (GUARESCHI, 2000, p. 58). Esse primeiro grupo é o da dimensão material e concreta que pode ser elucidada pela definição de ideologia de Marx e Engels (1989 *apud* GUARESCHI, 2000, p. 58), para os quais, a ideologia consiste em “ideias da classe dominante”.

Althusser (1972 *apud* GUARESCHI, 2000, p. 58) define ideologia como materializada em “aparelhos ideológicos de estado”. São as instituições, dentre elas, as igrejas, a família, os meios de comunicação e a escola.

O segundo grupo é o da “ideologia como modo e estratégia, onde a ideologia é vista como uma prática, uma maneira como as formas simbólicas servem para criar e manter as relações sociais entre pessoas” (GUARESCHI, 2000, p. 58). Nessa dimensão dinâmica, a ideologia é vista como prática, ou seja, “um modo de agir, uma maneira de se criar, produzir ou manter determinadas relações sociais” (GUARESCHI, 2000, p. 59).

Com base nas definições apresentadas por Guareschi (2000) sobre o conceito de ideologia, entende-se que a TV possui as suas próprias. Por meio destas, é possível compreender o conteúdo veiculado nas matérias jornalísticas. A partir da perspectiva abordada, pode-se analisar a ideologia positiva apresentada pelos veículos de comunicação e, mais especificamente, pelas emissoras de televisão, pois possuem um conjunto de valores e ideias, os quais são transmitidos ao público, por meio de seus programas.

No outro lado do traçado horizontal apresentado pelo autor, está a ideologia negativa. Esta pode ser identificada em programas ou reportagens que apresentam apenas uma versão do fato ou, então, uma visão distorcida. Os programas de cunho sensacionalista reproduzem esse tipo de ideologia, pois reforçam excessivamente determinadas temáticas, como a violência, a fim de causar impacto aos telespectadores.

No lado vertical, Guareschi (2000) aponta as instituições, nas quais a ideologia encontra-se materializada e concretizada, como por exemplo, os meios de comunicação. Portanto, entende-se que as emissoras de televisão possuem uma ideologia, que é repassada por meio de seus programas, mesmo que de forma sutil.

Outro fator importante para compreender o conteúdo veiculado nas emissoras de televisão é, além da linha editorial de cada empresa, uma parte mais abrangente desse processo comunicacional, conhecida como Indústria Cultural. Nesta, estão inseridos os meios de comunicação, sendo a televisão um dos principais veículos que colabora para o funcionamento dessa indústria.

No Brasil, a Indústria Cultural se desenvolveu a partir da década de 1930, mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial. Ela surgiu como uma das funções do fenômeno da industrialização. Entre as suas características, a Indústria Cultural é apresentada por diversos autores como paternalista, com poder de alienação e reificação. Teixeira Coelho (2003, p. 12) descreve o quadro caracterizador da Indústria Cultural: “revolução industrial, capitalismo liberal, economia de mercado e sociedade do consumo”. Desse modo, a Indústria Cultural tem suas bases no capitalismo, hoje monopolista, fazendo com que os meios de comunicação também sigam a lógica desse sistema.

Alguns dos aspectos centrais do funcionamento da Indústria Cultural, citados por Coelho (2003, p. 17), incluem a procura pela diversão para amenizar as tragédias. Este seria o “efeito narcotizante” que os meios de comunicação exercem sobre as pessoas; reforçando estes, estão as normas sociais e, conseqüentemente, o conformismo social.

A televisão é um exemplo de meio de comunicação inserido nesse contexto. Ao relacioná-la à Indústria Cultural, é possível realizar uma análise mais consistente e, assim, compreender alguns aspectos relevantes para esse trabalho, como por exemplo, a forma de funcionamento da TV, baseada na indústria.

A Indústria Cultural é muito questionada devido aos aspectos negativos que provoca, entre eles, a “coisificação” de tudo, inclusive das pessoas, tornando a sociedade mais interessada no ter do que no ser; e somando-se a isso, a sua função alienante. Nesse sentido, na TV, por exemplo, visualizam-se recortes da realidade, que, muitas vezes, são interpretados pelo telespectador como a realidade em si.

Além disso, as matérias visualizadas, nos meios de comunicação, são selecionadas por indivíduos que detêm o poder sobre o veículo, os quais se apoiam em interesses profissionais e pessoais para realizar suas escolhas. Em relação à Indústria Cultural e seus efeitos, especialmente na televisão, Teixeira Coelho, no livro “O que é indústria cultural” (2003), considera que a televisão, com sua rapidez e

agilidade, não proporciona grandes discussões. Com isso, os fatos e os assuntos se perdem no tempo, pois

ao invés de produzir a sensação da perenidade, da imortalidade, a TV propõe exatamente seu oposto: o circunstancial, o efêmero, o passageiro. Nada permanece na ou pela TV: da moda ao comprometimento político, tudo passa e tende a perder-se num magma indistinto – num mosaico onde também o homem se perde (COELHO, 2003, p. 47).

Coelho faz uma crítica ainda maior sobre a Indústria Cultural e o cenário no qual ela está inserida no Brasil, um país permeado por desigualdades sociais, em que existem diferenças sociais extraordinárias em relação à renda e às classes. Nessa direção, é possível reconhecer o Brasil como um contexto diferenciado, se comparado a outros países. Na visão do autor,

a indústria cultural no Brasil apresenta-se marcada pelos traços mais evidentes e grotescos do comercialismo em particular e do capitalismo em geral. Tudo o que possa prejudicar um consumismo acrítico não deve passar por esses veículos. Como norma, todas as preocupações culturais se guiam pela preocupação maior, que é *vender alguma coisa*. Para vender é necessário criar e manter o hábito de consumir. E para que este sobreviva é necessário embotar a capacidade crítica, em todos os seus domínios [grifo do autor] (COELHO, 2003, p. 76).

Frente ao exposto, infere-se que o interesse da Indústria Cultural não está no conteúdo que será absorvido pelo público e na influência deste sobre a vida das pessoas, mas na venda de um produto. No caso do Jornalismo, o produto é a notícia. Todavia, é necessário analisar os reais impactos dos meios de comunicação e ponderar se os indivíduos têm conseguido obter uma visão objetiva e crítica dos fatos transmitidos por esses meios de comunicação.

Para isso, é fundamental a compreensão sobre o funcionamento da televisão brasileira. Portanto, a seguir serão abordados os gêneros televisivos pertencentes à grade de programação das emissoras. Após, serão apresentados os gêneros escolhidos para a realização deste trabalho e seus respectivos programas.

2.2 GÊNEROS TELEVISIVOS

Cada emissora de televisão determina a sua grade de programação, a qual segue um planejamento em dias e horários. Embora exista liberdade para definir o

programa que será veiculado em determinado horário, as emissoras brasileiras de televisão aberta ainda possuem uma grade de programação muito semelhante em termos de programas e horários.

Aronchi de Souza (2004 *apud* Dominguez, 2014) afirma que a programação televisiva é classificada em categorias, para que, dentro destas, sejam classificados os gêneros e formatos. As categorias são as grandes áreas, entre as quais a programação é dividida. O autor considera que os gêneros

podem ser entendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos, articulados com as dimensões históricas de seu espaço de produção e apropriação, na visão de Martín-Barbero. Congregam em uma mesma matriz cultural referenciais comuns tanto a emissores e produtores como ao público receptor (ARONCHI, 2004, p. 44 *apud* DOMINGUEZ, 2014, p. 25).

O formato de um programa consiste, justamente, na forma e no modelo do programa. Ele define toda a sua produção. Por exemplo, o número de entrevistas, os quadros especiais, os apresentadores, as temáticas abordadas, entre outros elementos.

Gianesini e Golembiewski (2009) destacam que para fidelizar a audiência, as emissoras de televisão criaram o conceito de horizontalidade da programação, que consiste em uma estratégia utilizada para fazer com que o público se habitue a assistir certo gênero em horário fixo.

Aronchi de Souza (2006) considera que, independentemente da categoria do programa, ele sempre deve entreter, ao mesmo tempo em que pode informar e educar. Em seu livro, o autor comenta sobre a British Broadcasting Corporation (BBC), da Inglaterra, que possui em seu manual para a produção de programas, a preocupação com o entretenimento, em primeiro lugar. Assim, a informação permanece em segundo plano, o que não quer dizer que ela deixa de ser apresentada, de alguma forma.

Os programas devem: 1. Entreter; 2. Informar. O entretenimento é necessário para toda e qualquer idéia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Não implica entreter só no sentido de vamos sorrir e cantar. Pode interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertar sua vontade de assistir. Isso é entretenimento. Programas com o propósito de informar são necessários para toda produção, exceto aquela dirigida integralmente ao entretenimento (balés, humorísticos, videoclipe etc.). Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um

pouco mais do que ela sabia no começo do programa, sobre determinado assunto ou assuntos (MANUAL DA BBC *apud* ARONCHI, 2006, p. 5).

José Marques de Melo (*apud* Giancesini; Golembiewski, 2009), classifica os programas da televisão brasileira em três categorias: entretenimento, informação e educação. Aronchi de Souza (2004) considera as três categorias citadas acima e ainda acrescenta outras duas categorias: publicidade e outros.

Com base em Aronchi de Souza (2004), as categorias e gêneros dos programas da televisão brasileira são:

- a) **Categoria entretenimento:** auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show*, humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quiz show*, *reality show*, revista, série, *sitcom*, *talk show*, teledramaturgia, variedades, *western*.
- b) **Categoria informação:** debate, documentário, entrevista, telejornal.
- c) **Categoria educação:** educativo, instrutivo.
- d) **Categoria publicidade:** chamada, filme comercial, político, sorteio, telecompra.
- e) **Categoria outros:** especial, eventos, religioso.

Além dos gêneros definidos acima, é possível identificar a mistura entre gêneros, ou seja, o hibridismo. Portanto, em um mesmo programa, é possível que se encontre uma combinação entre dois gêneros televisivos ou mais.

Os gêneros se reestruturam também a partir de processos de hibridização – ou seja, práticas e conteúdos estruturados e consolidados que funcionam de forma separada combinam-se para dar origem a novas práticas e/ou estruturas. Ou, ainda, novos gêneros surgem a partir da somatória de elementos de gêneros já existentes ou a partir da inclusão de elementos típicos de outros gêneros (TEMER, 2009, p. 100).

Temer (2009) pondera que os gêneros híbridos tendem a complementar o telejornalismo tradicional,

atuando como espaço para reflexão de alguns temas, de espaço para questões menores, para construção de “personalidades” midiáticas voláteis – mas necessárias para a dinâmica televisiva –, para a prestação de serviço e eventualmente até mesmo para oferecimento de espécie de antessala da informação jornalística. É visível que a estratégia destes programas pressupõe que, para muitos receptores, o tema/assunto/notícia chega primeiro pelos gêneros híbridos, e depois pelos telejornais (TEMER, 2009, p. 101).

Esta autora também considera que os gêneros híbridos possibilitam a experimentação de formatos, linguagens e conteúdos.

Os gêneros híbridos, por sua própria composição – a combinação de gêneros e formatos consolidados para formar algo novo –, são essencialmente um espaço para experimentação, podendo seus bons resultados serem apropriados e adaptados para inserção nos gêneros tradicionais (TEMER, 2009, p. 101).

Neste trabalho, a categoria informação recebe enfoque e compreende os programas com objetivo informativo. Portanto, consistem naqueles programas que têm sua base no Jornalismo. A seguir, serão abordados os gêneros que fazem parte deste trabalho.

2.2.1 Telejornal

No gênero telejornal, o noticiário representou o formato pioneiro. Neste, havia um apresentador, o qual lia textos em frente à câmera, sem imagens ou ilustrações. O primeiro formato utilizado no vídeo se mantém até hoje; nele o(s) apresentador(es) le(em) textos e apresenta(m) reportagens externas desenvolvidas “ao vivo” ou gravadas por jornalistas. Ressalta-se que comentaristas especializados também fazem parte dos principais telejornais e atuam em frente às câmeras, lendo textos.

Desde o seu surgimento, poucas modificações foram realizadas no formato deste gênero. Os telejornais seguem uma mesma lógica de produção, ou seja, mais de 60 anos depois do seu início, continuam com um ou dois apresentadores na bancada, os quais têm a função de fazer a mediação entre o público e os principais assuntos do dia, decididos previamente pela equipe de produção do telejornal. Hoje, com um pouco mais de liberdade na linha editorial, os âncoras (apresentadores que podem fazer comentários acerca das matérias) geram a sensação de maior proximidade com o telespectador.

A função de editor ou editor-chefe do telejornal também é exercida pelo apresentador. Ou seja, o jornalista que apresenta o telejornal também é um dos responsáveis por definir o noticiário.

Além disso, como afirma Temer (2010), os telejornais são divididos por blocos, separados pela publicidade. Cada bloco contém três ou quatro VTs, os quais

representam matérias que são editadas e que apresentam texto em *off* com imagens e também entrevistas, ou notas cobertas, que consistem na voz *off* do locutor associada às imagens editadas, em uma sequência lógica e cronológica.

A estrutura de um telejornal conta também com notas simples. Nestas, o apresentador lê a informação, porém, não são utilizadas imagens em associação com o texto. Outros recursos utilizados pelos noticiários são as reportagens mais longas, as passagens⁷ e os boletins ou *stand up*⁸. A estrutura dos programas ainda permite a presença de entrevistados no estúdio.

Ainda hoje, os telejornais são uma das principais fontes escolhidas pelas pessoas para obter informações. Além disso, Ana Carolina Temer, em seu artigo “A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal” (2010, p. 102) afirma que um dos programas facilmente identificado pelo seu formato é o telejornal, pois é “um gênero consolidado que tem sido apontado como detentor de uma linguagem audiovisual que o torna facilmente reconhecido”.

O telejornalismo, portanto, é prontamente identificado como o Jornalismo feito para a televisão, dentro dos telejornais. Dessa forma, compreende-se que todas as questões técnicas, éticas e princípios valorativos do Jornalismo devem ser mantidas e apenas adequadas ao veículo. “Em uma linguagem bem simples, o telejornalismo é a prática de coletar informações sobre eventos atuais, redigir, editar e publicar estas informações de forma adaptada aos limites e (sic) possibilidades da televisão” (TEMER, 2010, p. 102).

À página 103, a autora também afirma que o Jornalismo é um “elemento de articulação entre o indivíduo e o coletivo, o homem e as suas necessidades para sobrevivência, a ação humana e o seu significado social, e que realiza essa articulação fornecendo informações”. Contudo, o Jornalismo não está a serviço de qualquer informação, pois este tem como princípio básico o compromisso com a informação verdadeira. Ademais, por princípio ético, o Jornalismo deve ser construído a partir do interesse público, pois afeta a vida do indivíduo enquanto cidadão e a sua relação com a sociedade.

⁷ É “a entrada do repórter em algum ponto da narrativa contando, em *on* – em vídeo -, parte da matéria. Essa participação é justificada quando é preciso transmitir informações que explicam como determinado acontecimento ocorreu ou qual o seu possível desdobramento sem o auxílio de imagens” (CURADO, 2002, p. 49).

⁸ Segundo Curado, são as matérias que basicamente, resumem-se na transmissão dos fatos pelo repórter. “Ele é um recurso que comprova a presença do jornalista na localidade onde o acontecimento ainda se desenvolve e cujo acesso a fontes ou à cena propriamente dita está vedado” (CURADO, 2002, p. 50).

No atual sistema político-econômico e ideológico, a informação que deve ser transmitida através do interesse público passa a ser mercadoria que é “categorizada, organizada, hierarquizada e trabalhada esteticamente a partir de uma relação que envolve dois elementos complementares: o interesse público e o interesse do público” (TEMER, 2010, p. 103).

Para Otto Groth (*apud* TEMER, 2010, p. 104), o Jornalismo possui como características definidoras: a atualidade, a periodicidade, a publicidade ou difusão coletiva, a universalidade e a objetividade. Frente a essas características, destacam-se os deveres do telejornal, entre os quais estão o de informar, educar, servir, interpretar e entreter.

Diante do exposto acima, é importante destacar a imagem transmitida pelo telejornalismo como um elemento que causa fascínio nas pessoas e faz com que estas atribuam veracidade aos fatos expostos. A associação entre áudio e imagem, proposta pela TV, é um dos principais elementos de sedução ao telespectador. Frente à tela, o público pode ouvir o que o enunciador fala e pode comprovar o que está sendo dito, por meio das imagens previamente selecionadas.

No telejornalismo, as informações cobertas por imagens que ilustram os fatos noticiosos dão credibilidade ao enunciador. Assim, o público considera que a informação que está sendo transmitida é verídica porque tem a “garantia” das imagens.

A linguagem jornalística na televisão tem um traço específico que a distingue: a imagem. A força da mensagem icônica é tão grande que, para muitas pessoas, o que a tela mostra é o que acontece, é a realidade. Por isso, a TV ocupa um *status* tão elevado, o que faz com que os telespectadores, especialmente os pouco dotados de senso crítico, lhe deem crédito total, considerando-a incapaz de mentir para milhões de pessoas (REZENDE, 2000, p. 76).

Nesse ínterim, a sociedade padece do excesso e também da falta de informação. Embora a televisão possa impulsionar a circulação de informações e atrair o público para o consumo de notícias, é necessário questionar o comprometimento deste meio de comunicação com a informação.

A televisão é, comumente, utilizada no tempo livre dos indivíduos. Na maioria das vezes, as pessoas procuram este meio de comunicação em busca de entretenimento. Este, por sua vez, garante o entretenimento, ao utilizar linguagem e

gramática próprias, além de representações que seduzem, a partir de imagens e do imediatismo.

Todavia, salienta-se que o telejornal, no Brasil, possui responsabilidade tanto social quanto política, pois devido ao baixo acesso à educação formal e também à tradição da cultura oral, este veículo de comunicação tornou-se a principal forma de acesso às notícias para uma grande parcela da população. Contudo, a visão estratégica do telejornalismo pelas emissoras de televisão brasileiras sobrepõe-se à visão social.

Além disso, percebe-se que o modelo de televisão originado no Brasil, impacta e influencia o imaginário social, sobrepondo-se ao plano real, que é marcado por rupturas e desigualdades sociais. Dessa forma, o telejornal, especialmente aquele veiculado em rede nacional, apresenta-se como um cenário de participação simbólica dos indivíduos na sociedade.

2.2.2 Jornal Nacional

Segundo o *site*⁹ do programa, o Jornal Nacional (JN) foi o primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede nacional. Sua estreia ocorreu em setembro de 1969. Com as palavras “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil”, o apresentador Hilton Gomes fez a abertura da primeira edição do telejornal. Ao seu lado, também na bancada, Cid Moreira complementou: “dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias”.

Em “Jornal Nacional: modo de fazer”, William Bonner (2009, p. 17) destaca que o JN “tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção”. Porém, vale ressaltar que a seleção de matérias não é realizada somente segundo critérios jornalísticos, mas também editoriais e ideológicos, excluindo, assim, a isenção citada por Bonner.

O JN foi criado pelo então diretor de Jornalismo da TV Globo, Armando Nogueira. Conforme o *site*, no início, o telejornal também contava com apresentadores nas principais sucursais (São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e

⁹Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/index.html>

Recife). Nas primeiras edições do telejornal, existiam três editorias que duravam 15 minutos: local, nacional e internacional.

A primeira grande mudança no telejornal se deu a partir da substituição dos apresentadores. Em 1971, Hilton Gomes foi substituído por Ronaldo Rosas, que permaneceu na emissora por um ano. No lugar dele, Sérgio Chapelin formou a dupla de locutores com Cid Moreira.

Ainda segundo o *site*, em 1973 o Jornal Nacional teve seu primeiro escritório fora do país, em Nova York, sob a chefia de Hélio Costa. Um ano depois, foi aberto um escritório em Londres.

A primeira entrada de um repórter “ao vivo” aconteceu em 1977. A pauta era sobre o engarrafamento em São Paulo e a repórter Glória Maria foi quem forneceu as informações.

Em março de 1996 a dupla de apresentadores que marcou o JN, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, deixou o telejornal e no lugar, William Bonner e Lillian Witte Fibe assumiram a bancada. Com a entrada de Bonner para a equipe do telejornal, outra mudança aconteceu: os apresentadores passaram a ser também editores. Anteriormente à sua entrada, os apresentadores exerciam apenas a função de locução das notícias.

Dois anos depois, Lillian Witte Fibe deixou a bancada do JN e Sandra Annenberg assumiu a função por um mês, até a entrada de Fátima Bernardes. Em 2002, o repórter Heraldo Pereira assumiu a apresentação do telejornal ao lado de Renato Machado, aos sábados. Esta foi uma inovação para a época, já que Heraldo Pereira foi o primeiro jornalista negro a ocupar a bancada.

Em 2011, depois de 14 anos dividindo a bancada com William Bonner, Fátima Bernardes deixou sua posição no telejornal. No lugar dela, assumiu Patrícia Poeta, a qual, na época, era apresentadora do Fantástico, programa da Rede Globo de Televisão, exibido aos domingos à noite.

Dois anos depois, em dezembro de 2013, o JN passou a ser inteiramente produzido, editado e exibido em alta definição. A nova tecnologia HD (*high definition*) aumentou quatro vezes a nitidez da imagem em relação ao sistema anterior, o SD (*standard definition*).

No ano seguinte, mais uma mudança na apresentação do Jornal Nacional. Patrícia Poeta foi substituída por Renata Vasconcellos.

Atualmente, o JN tem como editor-chefe e apresentador William Bonner; editor-chefe adjunto Luiz Fernando Ávila e editora-executiva e apresentadora Renata Vasconcellos. O telejornal é veiculado de segunda a sábado, das 20h30min às 21h15min. Ademais, com o advento das redes sociais, o programa introduziu algumas mudanças na “performance” dos apresentadores, a fim de criar a sensação de maior aproximação com o telespectador. Dentre essas mudanças, uma das mais significativas se refere à forma de apresentação do JN. Uma das características do telejornal era a permanência dos apresentadores na bancada durante toda a edição.

Com a modificação ocorrida atualmente, os apresentadores passaram a se locomover dentro do estúdio, a fim de dar a impressão de maior intimidade com o telespectador. Além disso, são evidentes os novos recursos tecnológicos utilizados pelo Jornal Nacional. Em função do avanço na área tecnológica, as reportagens passaram a conter mais ilustrações. Durante a exibição do telejornal, no momento em que os apresentadores leem as notícias, também aparecem recursos interativos nos telões ou ao lado do apresentador na bancada, como exemplo, as telas informativas.

O estúdio do programa também foi renovado, permanecendo a redação como fundo. Porém, com a finalidade de tornar o estúdio e o programa “mais contemporâneos”, foram incorporados novos elementos ao cenário e recursos tecnológicos em que os apresentadores passam a “sensação de interação”.

2.2.3 Programas sensacionalistas

Apesar de, entre os gêneros televisivos, não haver uma classificação específica para os programas sensacionalistas, estes são identificados a partir de sua estética e formato.

Segundo Lana (2007, p. 12), os programas sensacionalistas são também conhecidos como “telejornais policiais”. Para Souza (2010, p. 10), esses programas “possuem características ao mesmo tempo de programas de auditório, reality shows e telejornais”. Essa combinação de características em um mesmo programa consiste na hibridização de gêneros. Lana (2007, p. 12) propõe renomear esses programas com a denominação de “telejornalismo dramático”, pois considera o termo “telejornalismo policial” muito restritivo em relação a sua temática.

O sensacionalismo se caracteriza pelo exagero e pela supervalorização dos fatos, produzindo dimensões demasiadamente excessivas a determinados assuntos ou recortes de acontecimentos, como já foi referenciado. Cria-se em torno de um acontecimento uma “atuação teatral” encenada pelo apresentador e pelos repórteres, a partir de uma narrativa que envolve o telespectador, gerando “ares” de um espetáculo. Com isso, ocorre a espetacularização da notícia. Weyne (2012) ainda acrescenta que, nesses casos, também há uma repetição de assuntos.

Além da temática que explora fórmulas como sexo, violência, perversões, criminalidade e elementos fantásticos, há um exagero na forma como esses temas são explorados. Tal excesso se manifesta tanto na repetição dos assuntos, quanto na teatralização dos apresentadores dos telejornais (WEYNE, 2012, p. 84).

Os programas sensacionalistas buscam, por meio do apelo às emoções, conquistar a audiência. Para Marcondes Filho (1985), todos os jornais são sensacionalistas. A diferença está na forma com que estes abordam a temática, ou melhor, na quantidade de sensacionalismo atribuído a cada fato noticioso.

O que vai diferenciar um jornal dito ‘sensacionalista’ de outro dito ‘sério’ é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete [grifo do autor] (MARCONDES FILHO, 1985, p. 66).

Marcondes Filho (1985, p. 29) afirma que “transformar um fato em notícia é também alterá-lo, dirigi-lo, mutilá-lo”. No entendimento do autor, transformar um fato em notícia não é o mesmo que simplesmente reproduzir o que aconteceu.

Pedroso define o sensacionalismo como o exagero, a emoção em detrimento da informação, a exploração do extraordinário, a

valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subsequentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, autoritária, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; (...) escamoteamento da questão popular, apesar do pretenso engajamento com o universo social marginal; gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas (PEDROSO, 1983 *apud* ANGRIMANI, 1995, p. 14).

Lana (2007) também defende que, se o sensacionalismo tem ganhado mais espaço nos meios de comunicação e aumentou sua audiência é porque existem telespectadores para esse tipo de programa. “Ainda que acusados de sensacionalismo, os programas populares alcançaram sucesso e altos índices de audiência desde seu surgimento” (LANA, 2007, p. 12).

Entre os autores que entendem a questão do sensacionalismo na mídia como prejudicial, há um questionamento pertinente sobre a banalização da violência, sendo essa uma das principais temáticas abordadas em programas com este cunho. Autores, como Possas e Campbell (2006, p. 3), questionam a função social destes programas. Para eles, “tudo que o jornal publica em prol de uma efetiva transformação social”.

Esse tipo de abordagem jornalística sensacional se torna um problema na medida em que a exploração da violência acaba por banalizá-la, tornando-a comum. Passando o ‘choque’ inicial, depois de alguns dias esquece-se tudo e quando se volta a falar no caso ele já não parece ter tanta relevância. O desafio do jornalismo contemporâneo é encontrar o meio termo entre a notícia e o espetáculo [grifo do autor] (WEYNE, 2012, p. 92).

Nessa esteira de pensamento, verifica-se que os programas sensacionalistas têm como características a exacerbação da notícia e o apelo emocional. Eles são conduzidos por um apresentador que se dirige diretamente ao telespectador, fazendo julgamentos e apontando elementos qualitativos sobre os fatos e os envolvidos. Estes programas (e não só esses, como todos) têm como objetivo o aumento de audiência. Para isso, usam diversos elementos, como a temática da violência, a comoção, o inusitado, entre outros recursos, para conquistar, de alguma forma, quem está em frente à TV.

Atualmente, um exemplo de programa com viés sensacionalista de grande audiência no país é o Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes. Na sequência, será apresentado um breve histórico sobre este programa.

2.2.4 Brasil Urgente

O Brasil Urgente é veiculado diariamente, de segunda a sábado, pela Rede Bandeirantes, a partir das 16h15min. O programa tem como apresentador o

jornalista José Luiz Datena. Ele é conhecido por sua “performance” durante o programa, pois habitualmente, realiza intervenções “ao vivo” marcadas por juízos de valor, estereótipos e julgamentos, as quais compõem características dos programas sensacionalistas.

A atuação de Datena é descrita no *site*¹⁰ do programa da seguinte forma: “quando ele aparece na tela da TV, é impossível ficar indiferente ao seu estilo único e à força com que sua voz passa a mensagem aos telespectadores”. Além disso, o apresentador é referido como “polêmico, sem papas na língua” e são destacados alguns de seus bordões como “Essa é a grande realidade!”, “Me dá imagens” e “Me ajuda aí, ô!”.

O Brasil Urgente começou a ser veiculado em dezembro de 2001 e tinha como apresentador Roberto Cabrini. Datena passou a apresentar o programa em 2003. Após sua entrada, o Brasil Urgente, que tinha uma média de três pontos de audiência, passou a apresentar oito pontos. “O programa exhibe em seus quadros a temática do cotidiano das cidades, como casos de assassinatos, assaltos, acidentes e denúncias” (LANA, 2007, p. 8). Para a autora, a união de diferentes possibilidades audiovisuais, somada ao contexto televisual do programa, forma outro tipo de telejornalismo,

que resgata, entre os eventos cotidianos, acidentes, desastres e situações comoventes. Ao denominar o programa como “telejornalismo policial”, seus temas são recuperados em detrimento da compreensão de relações mais complexas que estabelece com a vida social (LANA, 2007, p. 10).

O programa é gravado e também transmitido “ao vivo” simultaneamente, de segunda a sábado. Entre os recursos audiovisuais utilizados pelo Brasil Urgente, estão os elementos pertencentes aos telejornais, como as matérias gravadas e as entradas de repórteres “ao vivo”. A dramatização também é um elemento que predomina nas edições deste programa.

Compreendendo, de forma básica, o funcionamento das emissoras de televisão, é possível atentar para outro conceito importante para este trabalho: o fenômeno da violência. No próximo capítulo, “Violência: a influência das pulsões de Eros e Tânatos na estética do grotesco na televisão brasileira”, serão apresentados mais alguns elementos dos programas sensacionalistas, assim como uma breve

¹⁰Disponível em <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/>

contextualização acerca da violência, além de reflexões sobre a exposição do público à violência na televisão aberta brasileira.

3 VIOLÊNCIA: A INFLUÊNCIA DAS PULSÕES DE EROS E TÂNATOS NA ESTÉTICA DO GROTESCO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

No capítulo anterior, foi traçado um breve roteiro sobre o surgimento e a consolidação da televisão no Brasil. Assim, buscou-se compreender o funcionamento da grade de programação brasileira em suas categorias. Contudo, é

necessário adentrar ainda mais em alguns conceitos importantes para esta pesquisa.

Neste capítulo, a temática da violência será abordada sob várias perspectivas, para que se possa apreender a sua forma de atuação enquanto fenômeno. Após, é sugerida uma reflexão a respeito da violência na mídia e, mais especificamente, em programas jornalísticos e sensacionalistas na televisão a fim de entender, enquanto meio de comunicação, o papel da mídia quando o assunto é violência.

3.1 ENTENDENDO AS PULSÕES DE EROS E TÂNATOS

Os seres humanos têm suas ações baseadas, dentre outros fatores, em pulsões. Segundo a visão freudiana, as pulsões são impulsos traduzidos em desejos. A partir das pulsões, o indivíduo age de determinada maneira frente a uma situação. O conceito de pulsão, definido por Freud, é entendido como:

[...] situado na fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1915, p. 148).

O instinto é considerado anterior às pulsões. Ele se realiza da mesma maneira em todas as espécies e antecede a vontade. Já as pulsões estão situadas no limite entre o psíquico e o corpo orgânico. Para Freud (1920), as pessoas possuem dois tipos de pulsões: a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte (Tânatos).

Eros, do grego clássico, significa vida. Na mitologia grega, era considerado o deus do amor e está ligado às pulsões de vida. “Sendo a vida tensão, permanente conflito, coloca-nos no interior de afetos conflitantes e pode não ser a realização do princípio do prazer” (FREUD, *apud* SANTOS, S.D., p. 1).

Tânatos, do grego clássico, significa morte. Na mitologia grega, era considerado o deus da morte.

É o princípio profundo do desejo de não separação, de retorno à situação uterina ou fetal, quer o repouso, a aniquilação das tensões. Está vinculado às pulsões da morte, pois somente esta poderá satisfazer o desejo de equilíbrio, repouso e paz absolutos (Ibidem).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o sexo está associado à pulsão de vida, na tentativa de garantir a preservação. Já os impulsos violentos estão relacionados à pulsão de morte. Dentre estes impulsos, pode-se identificar aqueles pertencentes ao processo de formação do indivíduo, no qual se tem a rivalidade para consigo, ainda nas primeiras fases da vida, e também na identificação da alteridade na relação com o Outro.

Há, portanto, em todo ser vivo uma tendência para a morte, que é irremediavelmente cumprida. O que fica claro é que essa tendência é *interna* ao ser vivo, isto é, que ela resulta de um esforço do próprio ser vivo de retornar ao estado original inorgânico e não fatores externos. O que a realidade externa provocou foi o aparecimento da vida, mas, uma vez isso tendo ocorrido, o movimento em direção à morte é empreendido pelo próprio ser vivo e não mais por exigência de fatores que lhe são exteriores. Uma morte obtida por ação de agentes externos seria contrária a essa tendência, já que “o organismo deseja morrer apenas ao seu próprio modo” (*op. Cit.*, p, 56). É essa tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico que Freud chama de *pulsão de morte*, enquanto o esforço para que esse objetivo se cumpra de maneira natural, ele denomina *pulsão de vida*. O objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não-natural. Ela é a reguladora do caminho para a morte (GARCIA-ROZA, 2004, p. 136).

Partindo da concepção de Freud, levando-se em consideração fatores como o instinto, que se manifesta em todas as espécies, variando entre elas de acordo com suas peculiaridades e, ainda, ancorando-se na teoria das pulsões de vida e morte, pondera-se que os seres humanos são essencialmente conflitivos. Consistem em seres violentos, que dependem de um ou mais aspectos para que as pulsões os movam para uma direção.

Porém, a partir do processo civilizatório - que por si só também pode ser considerado uma ação violenta, pois é imposto e amparado por regras e normas que devem ser seguidas para que o indivíduo esteja adequado aos moldes da sociedade, criando, assim, padronizações e uniformizações aos seres -, a violência passou a ser pensada como um ato transgressor. O processo civilizatório, com a sua “domesticação”, age de maneira a manipular as pulsões, vestindo em cada indivíduo uma “capa invisível”. Desse modo, mesmo que inconscientemente, os seres são guiados para agirem conforme as normas vigentes.

A violência aparenta ser algo vivido pelo homem desde o início de sua existência, porém, a preocupação com o fenômeno e o seu estudo são bem mais recentes, como apresenta Peruzzolo (1990: 85): “As lendas e a mitologia mostram que a violência é tão antiga quanto o próprio homem.

Todavia ela aparece como problema, como questionamento, como algo a ser regido e conhecido pelo homem só muito recentemente, no século XIX” (CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 239).

Antes de conceituar violência e analisar de que maneira ela está inserida na sociedade contemporânea, é necessário apresentar outro conceito, importante para que se possa abarcar e contextualizar a violência como elemento pertencente à sociedade: a estética do grotesco.

3.2 A ESTÉTICA DO GROTESCO

O conceito de grotesco é atribuído a uma modalidade estética, e mostra-se como um elemento que pode se transformar. Conforme Souza (2006) e Moraes (2013), o surgimento do termo grotesco ocorreu na Itália, no final do século XV, durante as escavações na caverna “Domus Aurea” ou Palácio Dourado Neto, situada em frente ao Coliseu.

Durante o processo de escavação foram encontrados, nas paredes, desenhos que misturavam animais, pessoas e plantas. A partir disso, surgiu o grotesco, estando relacionado, enquanto imagem e significação, a um aspecto animalesco. Apesar de ser um conceito com aspectos mutáveis e, por isso, possuir diversas abordagens teóricas, alguns elementos constitutivos do grotesco são aceitos por diversos autores, como

o hibridismo entre contrários, as metamorfoses abruptas, a loucura, o universo onírico, o absurdo, o riso entre mesclado pelo terror, a intervenção do sobrenatural no cotidiano, e demais recursos que visam expressar a obra de arte por meio da surpresa com o fim de provocar, especialmente, o estranhamento (SANTOS, 2009, p. 137).

Intrinsecamente ligado às sensações de estranheza, o grotesco procura suas manifestações naquilo que é tido como anormal. A partir disso, Santos (2009) indica uma possível interpretação para a forma de atuação do grotesco sobre o espectador. As reações provocadas pelo anômalo podem ser diversas e, muitas vezes, opostas, “tais como riso, medo e incerteza e muitos dos conceitos imanentes a essas sensações parecem encontrar correspondentes nas formas de configuração do grotesco” (SANTOS, 2009, p. 138).

Como um conjunto, baseado naquilo que é considerado anormal, o grotesco frequentemente aparece nas imagens que expressam o “mistério, o desconhecido e o excêntrico – grosso modo, podemos dizer que o grotesco é uma estética do outro” (Ibidem). Ou seja, o grotesco provém de um dos extremos da alteridade que, ainda segundo Santos,

se mostra, por vezes, desorientadora, incompreensível, incerta ou mesmo hostil ao senso comum. Suas origens estão nos outros mundos, representados pela fantasia, pelo sonho e pelo sobrenatural; na outra cultura, expressa pelos costumes populares em relação ao *modus vivendi* oficial; nos outros reinos da vida, manifestados pelo bestialógico; nos outros estados de consciência entrevistados nos surtos de loucura e nas manifestações do inconsciente e no outro eu que toma forma nos simulacros, nos autômatos, nos monstros e nos duplos (SANTOS, 2009, p. 138).

Para Wolfgang Kayser (2003) e Victor Hugo (*apud* BAKHTIN, 2008 *apud* MORAES, 2013), o grotesco está intimamente ligado à deformidade, sendo a estética do grotesco uma parte da estética do disforme. Outra característica importante é o estranhamento. Esses atributos podem se refletir em imagens, que impactam o espectador e que são abordadas de forma exagerada em matérias jornalísticas, como, por exemplo, o sexo e a violência.

A categoria estética do grotesco passou a ser melhor compreendida a partir de pintores italianos da Renascença, que a adotaram como forma de expressão. Até então, a estética do grotesco era rejeitada pela estética clássica, que tinha por princípio a harmonia e rejeitava o que estivesse fora dos padrões de beleza.

Para Kayser (2003 *apud* MORAES, 2013), a denominação “Realismo grotesco” pode ser expressa, de maneira corporal, na deformidade. O corpo, matéria orgânica diretamente ligada ao psiquismo, às emoções e aos sentimentos, pode se manifestar por meio da modificação da expressão corporal.

É evidente o destaque que a denominação Realismo grotesco dá ao aspecto corporal para expressar a deformidade. Nesse sentido, para Wolfgang Kayser, a expressão disforme que se compõe na escritura do corpo representa uma significação do grotesco que é mais essencial, e consequentemente mais existencial, ou seja, os conflitos interiores, a dor e o sofrimento anímico – ligado ao psiquismo - são, segundo Kayser, os fatores determinantes para a expressão corporal disforme. Portanto, para o teórico alemão é preciso observar que o que se encontra por detrás das expressões grotescas é a revelação de uma inquietação interior (KAYSER, 2003, *apud* MORAES, 2013, p. 88).

O modelo de sociedade vigente aliado à quantidade de informações recebidas diariamente e ao consumismo exacerbado, impulsiona uma vida materialista e deixa traços em uma sociedade que vive constantemente com inúmeras inquietações. As crises existenciais e as aflições da mente humana estão cada vez mais presentes nas manifestações artísticas da sociedade contemporânea. Esse fator se revela como grotesco, no sentido de expor a fragilidade dos seres. “Em outras palavras, o absurdo do próprio existir é tão patente que se transporta e personifica o horror que está escondido na alma” (MORAES, 2013, p. 88).

Ao se dar conta da efemeridade dos deleites que a modernidade proporciona sem poder acompanhar seu ritmo frenético, o homem começa a se entregar aos poucos a certa anomia. Desta maneira, as consequências da modernidade vêm à tona: o isolamento social do indivíduo e o enfraquecimento de laços afetivos com o próximo e com o mundo. Não sabendo lidar com esses acontecimentos, o homem começa a indagar o valor de sua própria existência e, muitas vezes, chega ao desespero que se torna explícito, sendo o grotesco, portanto, o conceito mais adequado para evidenciar artisticamente esse sentimento hostil que assola o homem moderno (MORAES, 2013, p. 89).

Assim, a estética do grotesco trouxe diversas contribuições e possibilidades às manifestações artísticas, permitindo uma maior liberdade de expressão aos artistas. Porém, no entretenimento, Ferreira e Sales (2013) apontam a presença do grotesco como negativa.

Isso faz com que o indivíduo se depare todos os dias com demasia e situações constrangedoras que despertam em nós um sentimento de vergonha alheia. Desse modo, as representações grotescas da atualidade estão muito atreladas com o sentido de popular (FERREIRA; SALES, 2013, p. 5).

Para compreender, de forma mais clara, o grotesco e este como uma forma de espetacularização, é preciso voltar à Grécia antiga, onde a definição de belo e feio tiveram sua concepção. O conceito de belo estabelecido pelos gregos tem como base, por um lado, a simetria ou a harmonia entre os opostos e, de outro lado, uma “tensão especialmente mantida entre coisas opostas” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 17). Desde sua concepção, o belo foi relacionado à ideia de “bom”.

O feio, por sua vez, geralmente atribuído ao que é “mau”, “não é um simples contrário do belo, porque também se constitui em um objeto ao qual se atribui uma qualidade estética positiva” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 19). Isso significa dizer que,

se alguma característica positiva for retirada do belo, não se produzirá necessariamente o feio. Este tem suas características e seu modo próprio de sê-lo, não sendo, portanto, aquilo que é negativo ou oposto ao belo.

Natale (2004, *apud* NASCIMENTO, 2007, p. 3) considera que “o grotesco é uma forma de expressão constante na humanidade e podemos encontrá-lo tanto na mitologia quanto na arte arcaica de inúmeros povos, é uma forma de expressão que continuou e continua se desenvolvendo, evoluindo”. Para a autora, o grotesco também não é sinônimo de feio, mas para alguns, pode ser considerado repulsivo.

O grotesco, enquanto manifestação e fenômeno comum na sociedade, se reflete também nos meios de comunicação. Na televisão, como dito anteriormente, o grotesco aparece comumente em programas de auditório, programas jornalísticos com reportagens que abordam as mazelas sociais de modo sensacionalista, dentre outros. As situações impactantes são apresentadas de forma a fazer com que a audiência, muitas vezes, consiga rir do bárbaro.

Aqui, abre-se um parêntese para dar conta do conceito da estética da barbárie, que se relaciona com a do grotesco. Para Costa (2001, p. 111), a estética da barbárie “é um equivalente para dimensionar os prejuízos que a repetição, a exclusão do novo, o lazer como extensão da racionalidade do trabalho provocam na formação”.

Dessa forma, o grotesco deixou de ter seu significado restrito à estética de obras de arte, envolvendo também aquilo que está a serviço do gosto generalizado. Assim, pode ser identificado a partir de estereótipos relacionados aos indivíduos ou aspectos sociais, tais como comportamentos, discursos, vestimentas, entre outros elementos.

3.2.1 A estética do grotesco na televisão brasileira

O bizarro e o vulgar também são elementos que, para alguns autores como Santos (2009), estão presentes na concepção do grotesco. Dessa forma, alguns aspectos da cultura popular são considerados grotescos, tais como o carnaval. A partir disso, Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002) avaliam o crescimento e a supremacia mercadológica da TV “popularesca”¹¹, que pode ser exemplificada nos

¹¹TV “popularesca” é entendida neste trabalho como a emissora que produz programas, geralmente para as camadas mais populares, apresentando elementos da estética do grotesco.

reality shows, a exemplo, o Big Brother Brasil, da Rede Globo e A Fazenda, da Rede Record.

A espetacularização, comumente presente nesse tipo de programa, mas também observada em telejornais, tem o objetivo de conquistar a audiência e, conseqüentemente, obter mais investimentos publicitários. Ao mesmo tempo, a espetacularização midiática contribui para que o conteúdo veiculado contenha, em sua maior parte, pouco embasamento, críticas e reflexões.

Um exemplo disso são os programas com viés sensacionalista, que ao exagerar a notícia, fornecendo a ela características espetaculares, não permite que o telespectador analise a informação, pois a sua finalidade é conquistá-lo por meio de emoções. Dessa forma, Sodré e Paiva (2002, p. 132) consideram que, ao provocar o riso dos espectadores pela veiculação do lado cruel e obscuro da realidade, “antigos objetos de indignação (miséria, falta de solidariedade, descaso dos poderes públicos, etc.) recaem na indiferença generalizada”.

Sodré e Paiva (2002) também apontam que o uso da estética do grotesco reforça as estruturas de controle do imaginário social, aderido pela TV. “Na mão oposta, a hegemonia da aberração favorece um contínuo distanciamento da consciência crítica e dos compromissos éticos que deveriam nortear a difusão de conteúdos de massa” (SODRÉ; PAIVA, 2002, *apud* MORAES, 2013, p. 3).

O sensacionalismo na mídia se configura como a espetacularização da notícia, utilizando elementos do grotesco para obter audiência. O telejornal, ao mostrar cenas de agressões, por exemplo, usa, consciente ou inconscientemente, a estética do grotesco. Nessa perspectiva, os programas jornalísticos com viés sensacionalista, como o Brasil Urgente da Rede Bandeirantes, também se apossam de elementos da estética do grotesco.

Na produção jornalística, entretanto, o sensacionalismo define-se apenas pela absolutização do conteúdo das mensagens quando a narrativa manifesta a transgressão do senso determinante da normalidade dos fatos, evidenciando um detalhe, uma anomalia e uma curiosidade que despertem imediatamente o interesse dos receptores (COSTA, 2002, p. 136).

Para conquistar e aumentar ainda mais a audiência, a tragédia é exibida diariamente e é veiculada pela mídia de modo incansável, com imagens impactantes por meio de um apresentador com discurso que horroriza, mas ao mesmo tempo, acalma os telespectadores. Este, na maioria das vezes, apresenta-se como um juiz, uma autoridade, capaz de condenar aquele que é suspeito de ter cometido o ato

criminoso. Assim, se contribui para que o fato noticioso se afaste das reflexões cabíveis, com dados relevantes e informações que poderiam auxiliar o telespectador a compreender e refletir sobre a situação de maneira mais efetiva.

Adorno (1995 *apud* NJAINE, 2004) define a espetacularização da imprensa como sendo aquela que atribui maior visibilidade ao crime, às questões de segurança e aos criminosos,

em detrimento de outros problemas sociais graves como os acidentes de trânsito e os acidentes de trabalho. Essa distorção se verifica no perfil social dos delinqüentes traçado pela mídia, que tem semelhança com a população pobre e trabalhadora (NJAINE, 2004, p. 6).

A partir do que já foi analisado até aqui e do exposto acima por Adorno, é possível refletir que a mídia produz uma imagem, ou seja, um estereótipo da criminalidade no país. É possível identificar este estereótipo em reportagens, que apontam a criminalidade como algo que origina-se nas comunidades periféricas. Em contraponto, Adorno (1995) e Njaine (2004) enfatizam que negros e brancos contribuem da mesma forma para os índices de criminalidade.

Segundo Adorno (1995), não é verdadeiro que a maior parte dos criminosos seja de origem negra. Apesar de as pesquisas sugerirem que brancos e negros contribuem da mesma forma para a criminalidade, esse autor relata que tudo indica que os negros são mais punidos que os brancos nas sentenças judiciais. O autor (1995) considera que a imprensa, entretanto, não cria essa dramatização da criminalidade livremente, e sim, reflete de certo modo a expressão de sentimentos populares que se identificam com a forma de representar o fenômeno (NJAINE, 2004, p. 6).

É com base na criminalidade e nos índices que ela gera que o sensacionalismo encontra a sua matéria-prima. Em muitos aspectos, a criminalidade está relacionada às diferenças de classe e, em uma sociedade predominantemente consumista e meritocrática, essas diferenças implicam em uma diversidade de situações e sentimentos nos indivíduos.

Exemplos dessas situações são os sentimentos de superioridade ou inferioridade e, conseqüentemente, as ações que indicam essas sensações são identificadas nos indivíduos a partir do materialismo. Frente a esta concepção, o “ter” predomina sobre o “ser”.

A partir desse contexto, pode-se identificar que a mídia televisiva, ao reforçar essa concepção e também ao enfatizar o sensacionalismo, consegue comover as

pessoas em torno de um determinado assunto, como a criminalidade, mas não o faz com o direcionamento reflexivo.

Em outras palavras, a possibilidade de criação artificial da realidade, sobretudo com o suporte técnico das imagens, torna indistinta a diferenciação entre o real e sua representação, pois cada vez mais o real se desprende de seu referente, através da simulação, da computação gráfica e das animações, utilizadas até mesmo como suporte para informação jornalística. Há uma tendência de tornar a informação, inclusive como recurso para obter destaque dentre as diferentes programações, um espetáculo de variedades. A forma de apresentação, ainda que resulte mosaicos informativos, desconexos e sobrepostos uns aos outros, passa a ser mais evidente do que o fato. Em muitos casos, está no lugar do acontecimento, desde que representado pelo impacto de uma imagem expressiva ou circundado pela evidência de circunstâncias pouco comuns (COSTA, 2002, p. 41).

Isso se mostra não apenas na televisão, mas também nos meios de comunicação, de uma maneira geral. Nos telejornais ou nos programas de caráter sensacionalista, pode-se identificar que, diariamente, os fatos se repetem e geralmente são abordados por uma única ótica. O fato em si é distanciado de sua contextualização, sendo apresentado quase sempre como um acontecimento novo.

Ou seja, embora se saiba que assaltos ocorrem todos os dias, e que os telejornais veiculam notícias sobre esses fatos, ainda assim não há uma abordagem que apresente dados ou um contexto histórico-social. Há, por outro lado, uma apresentação romanesca (no sentido de apresentar a narrativa como uma história, um romance) sobre os fatos.

Da mesma forma, ocorre na produção jornalística uma separação entre os detalhes dos fatos noticiosos e a realidade, quando, por exemplo, se dá a subsunção do contexto histórico-social a um determinado momento cristalizado pelo espetáculo, que se repete exaustivamente nas diferentes emissoras. A repetição de uma cena trágica partindo-se de um detalhe mais excitante não resulta em esclarecimento, e sim em espetáculo que move a imaginação e a curiosidade (COSTA, 2002, p. 70).

Dessa forma, pode-se identificar que os telejornais e, principalmente, os programas de cunho sensacionalista utilizam características definidoras da estética do grotesco. O primeiro, por vezes, de uma maneira mais sutil. No segundo, é esperado, por quem o assiste, que elementos do grotesco apareçam na programação, tais como fatos bizarros, inesperados e, até mesmo, violentos.

Além disso, autores como Contrera (1999 *apud* Casagrande; Peruzzolo, 2012) alertam para a espetacularização da notícia no sentido de que, quando se dá uma visibilidade maior sobre um determinado fato violento, silenciam-se outros.

Portanto, é importante que questões como a espetacularização da notícia e o sensacionalismo na mídia, sejam debatidas, pesquisadas e analisadas, tanto no meio científico, quanto pela sociedade em geral. Entender esses fenômenos é essencial para que se possa ter uma maior reflexão sobre a mídia brasileira, principalmente sobre quem a produz. Essa análise e reflexão são necessárias para que a mídia caminhe cada vez mais em busca da pluralidade e democracia.

Antes de prosseguir e abordar os aspectos ligados ao grotesco na televisão, é preciso retomar e estabelecer o que já foi exposto. Segundo a psicanálise de Freud (1920), as pulsões de vida e de morte regem as atitudes e relações entre as pessoas. Essas pulsões se relacionam com a preservação da vida e o repouso absoluto, ou seja, a morte.

A partir dessa ideia e, levando-se em consideração o instinto, pode-se considerar que os seres humanos são, em sua essência, conflitivos. Porém, eles têm a necessidade de pertencer a um grupo e viver em comunidades.

O ser humano conforma-se através de suas relações com os demais indivíduos. Por natureza, é um ser social que necessita do encontro com o outro para sobreviver. Essa busca pela sobrevivência, a busca pelo espaço próprio e pela constituição da individualidade não é completamente harmônica, ao contrário, pode ocorrer através de conflitos, destruição, agressividade e violência (CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 239).

A partir do momento em que se tem uma vida em sociedade e que esta se caracteriza por sua diversidade, seja em questões de personalidade, caráter, preferências, entre outros, e diferenças sociais, há a possibilidade efetiva de ocorrerem relações e episódios conflituosos cotidianamente.

De acordo com Maffesoli (1987: 13), “é necessário constatar antes de tudo que as carnificinas, os massacres, os genocídios, o barulho e a fúria, ou seja, a violência em suas diversas modulações é a herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional”. É uma estrutura sempre presente no fenômeno da vivência humana e, dessa forma, o sociólogo constata que a violência faz parte da existência humana e que é necessário aprender a conviver com a sua presença (CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 239).

Considerando-se essa característica presente nos seres humanos e, conseqüentemente, na sociedade, e somando-se aos conceitos de belo e feio, oriundos da arte da antiga Grécia, têm-se os elementos da estética do grotesco. Inicialmente, esta foi atribuída às artes e se caracterizava pela exposição daquilo que não era comum. O conceito de grotesco varia conforme autores e, levando-se em consideração as diferenças culturais, o que é apontado como grotesco pode variar, mas o que se considera unânime, na estética do grotesco, é a exposição do anormal.

Na mídia, o grotesco conquista a audiência. Os programas de uma maneira geral, mas principalmente os de cunho sensacionalista, buscam seu conteúdo a partir do “popularesco”, da violência, do sexo, do inusitado, dentre outros elementos. As matérias jornalísticas destes programas são trabalhadas a partir da espetacularização do grotesco, isto é, da exacerbação sobre determinado fato considerado “anormal”.

Frente ao entendimento sobre a interface entre a estética do grotesco e a mídia, é possível seguir adiante nos conceitos. Na sequência, as definições e os tipos de violência serão abordados, para que se possa compreender de que forma este fenômeno se inseriu e se insere na sociedade.

3.3 VIOLÊNCIA: A MANIFESTAÇÃO DO FÊNOMENO EM UMA SOCIEDADE CONFLITIVA

A violência está presente desde o surgimento da sociedade. Pode ser entendida e interpretada de diversas maneiras, a partir do direcionamento das pulsões do indivíduo e também pode variar de acordo com a cultura.

A partir desta perspectiva, é possível considerar que aquilo que, em um dado momento, numa dada sociedade, é considerado como violência varia segundo a natureza da sociedade considerada, configurando a realidade empírica da violência como um fenômeno polissêmico e plural. A rigor, não faz sentido falar em violência no singular, já que estamos confrontados com manifestações plurais de violência, cujas raízes e efeitos, igualmente múltiplos, apontam a existência de tipos diferenciados de violência, realidade que remete à necessidade de pensar a violência a partir de suas relações com a cultura (PORTO, 2002, p. 153).

Para introduzir a concepção de violência, é importante recorrer a Michaud (1986) que entende, a partir do conceito compreendido por Claves e inspirado nas teorias de Domenach (1981) e Boulding (1981), que a violência é como uma rede.

Esse conceito pode ser entendido, no campo das relações pessoais e institucionais, abrangendo as limitações e violações dos direitos, de um lado, ou como formas de resistência dos oprimidos, de outro. Nessa complexa dinâmica entre as formas de dominação e superação, encontram-se as possibilidades concretas de realização e também de negação da cidadania (MICHAUD, 1986, p. 24).

O termo violência vem do latim, *violentia*, e significa violência, caráter violento ou bravo, força. Como aponta Michaud (1986), em sua terminologia, a violência está ligada à força e à transgressão.

O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra *vis* significa força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e portanto a potência, o valor, a força vital [grifo do autor] (MICHAUD, 1986, p. 8).

Seguindo a lógica da estética do grotesco, a definição do que pode ou não ser violência varia conforme a cultura estabelecida. A partir disso, a violência pode também se apresentar de diversas maneiras, explícita ou implicitamente. Para Michaud,

há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1986, p.11).

Atualmente, algumas ações são consideradas, de maneira unânime pela sociedade, como essencialmente violentas. A agressão física e verbal, o assédio, o homicídio, o desprezo e a humilhação são alguns exemplos.

Minayo e Souza (1998 *apud* NJAINE, 2004) consideram que

a violência se manifesta através das ações humanas realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, numa rede de relações, ocasionando danos físicos, letais ou não, emocionais, morais e espirituais a outrem (MINAYO; SOUZA, 1998 *apud* NJAINE, 2004, p. 24).

Seguindo o pensamento das autoras, atos violentos são expressões acentuadas de conflitos sociais e não apenas uma ação. Dessa forma, as violências que podem ser reais e/ou simbólicas também podem ser apresentadas por meio “da negação da possibilidade do diálogo e da opressão e da recusa de reconhecimento dos indivíduos” (MINAYO; SOUZA, 1998 *apud* NJAINE, 2004). Diariamente, os indivíduos se deparam com as diversas formas de violência que, enraizadas na sociedade, se manifestam, não apenas em suas relações profissionais e pessoais, mas também nas narrativas midiáticas.

A partir das diferentes abordagens da violência, Michaud (1986) identifica quatro categorias, quais sejam: a violência estrutural, a violência cultural, a violência da delinquência e a violência da resistência.

A violência estrutural é entendida por Michaud (1986) como a opressão das classes, sendo representada por uma minoria de dominantes que impõe suas vontades a uma maioria de oprimidos, submetendo-os a sofrimentos e situações de vulnerabilidade. Neste caso, a violência é apresentada de forma naturalizada e o opressor pode ser tanto a estrutura familiar, as instituições e os sistemas econômicos, culturais e políticos. Um exemplo desse tipo de violência é a inexistência de uma lei que combata a homofobia no Brasil. Dessa forma, diversos grupos se sentem desprotegidos, uma vez que o Estado ainda não reconhece, em sua totalidade, a necessidade de proteção às relações homoafetivas.

A violência cultural é expressa de maneira natural nas estruturas das relações. Esse tipo de violência pode se manifestar nas relações “institucionais, raciais, étnicas e etárias” (MICHAUD, 1986, p. 22). Como exemplo de violência cultural pode-se pontuar que embora no Brasil a população negra ou parda seja maioria, ainda existem relações de preconceito e discriminação, inclusive dentro de escolas e universidades e, até mesmo, na mídia.

A violência da delinquência se manifesta em ações que são socialmente reconhecidas como “fora da lei”. Esse tipo de violência pode ser exemplificado pelos assaltos, homicídios e agressões físicas.

A desigualdade, a exclusão dos indivíduos, o desprezo aos valores e normas sociais em função do lucro, o consumismo como valor e o culto à força são alguns dos fatores que contribuem para a prática de atos delinquentes e que devem ser compreendidos dentro do marco referencial da violência estrutural e dentro de especificidades históricas (MICHAUD, 1986, p. 24).

A violência da resistência diz respeito às formas de oposição agressivas à dominação, sejam elas de grupos, classes, nações ou indivíduos. Esse tipo de violência é uma forma de resposta à opressão da violência estrutural. Os movimentos sociais são um exemplo de grupos de resistência.

Sodré (2002) também classifica quatro modalidades de violência: a violência anômica, a violência representada, a violência sociocultural e a violência sociopolítica. A violência anômica, segundo o autor, pode ser facilmente reconhecida na sociedade e se utiliza de crueldade. A violência anômica para Sodré (2002) equivale à violência de delinquência para Michaud (1986).

A violência representada é, para Sodré (2002 *apud* CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 241), aquela que se vê nos meios de comunicação. Por exemplo, no jornalismo “que tende a visibilizar publicamente a agressão recorrente na vida cotidiana”, ou nos programas de entretenimento, que abordam a temática da violência, com a finalidade de aumentar a audiência.

A violência sociocultural se manifesta nas relações interpessoais e pode ser exemplificada pela violência racial ou a homofobia. Já a violência sociopolítica é entendida como a repressão imposta pelo Estado. Para Sodré (2002, *apud* Casagrande; Peruzzolo, 2012), na violência sociopolítica encontra-se também a violência anômica.

Com algumas diferenças na nomenclatura, as classificações de violência feitas por Michaud (1986) e Sodré (2002), em muitos aspectos se assemelham. Essa semelhança pode ser vista também na classificação feita por Maffesoli (1987 *apud* Casagrande; Peruzzolo, 2012).

Já para Maffesoli (1987: 10), a primeira modulação é “a violência (...) dos poderes instituídos; a violência dos órgãos burocráticos, do Estado, do Serviço Público”. A segunda modulação é a violência anômica (assaltos, agressões, homicídios). Ao passo que a terceira é a violência banal, “que está ativa na paixão social ou naquilo que chamo a resistência da massa” (CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 241).

A partir das perspectivas desses autores e de suas classificações, pode-se perceber que a violência está presente em diversas áreas e situações do cotidiano, podendo ser imperceptível para alguns. Ainda assim, as discussões sobre violência na sociedade se mantêm mais no aspecto anômico (agressões físicas), que são

constantemente relacionadas à pobreza; mesmo que pobreza e criminalidade não tenham, necessariamente, uma relação.

Não é de fato a pobreza uma determinante mecânica dos ilegalismos, pois em primeiro plano aparece como grande indutora a violência da própria ordem social, que transparece na militarização tecnologizada da produção, no superpolicamento das populações pela classe militar, no desequilíbrio estrutural tanto na esfera ético-política como na do consumo, exacerbando no nível dos signos sociais e dos meios de comunicação. Favorece-se, assim, toda uma fantasmática de violência junto a grupos marginalizados ou periféricos, aos quais a ordem tecnoburocrática é decididamente indiferente (SODRÉ, 2002, p. 102 *apud* CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 244).

Além disso, como dito anteriormente, a violência nem sempre é facilmente identificável, principalmente quando ela é naturalizada e reproduzida na sociedade pelos meios de comunicação, sem aprofundamento crítico. Em contrapartida a essa naturalização, Porto (2002) afirma que as mudanças pelas quais a sociedade passou e vem passando, têm colaborado para que a violência adquira um novo significado. Atitudes violentas que até pouco tempo eram consideradas normais e até banais, hoje estão sendo mais expostas à discussão em sociedade, com o objetivo de se reduzirem suas ações.

Ao ser pensada pelo viés da violência, a sociedade brasileira se tem revelado mais exigente, mais organizada e pronta para reivindicar o fim da impunidade e a vigência de padrões mais solidários de relações e interações sociais. Em contrapartida às reiteradas manifestações de violência, tem havido crescente mobilização da sociedade civil em prol da não-violência e, portanto, da paz (PORTO, 2002, p. 154).

Porém, é necessário fazer um contraponto ao que expõe Porto (2002), pois recentemente, as redes sociais, que têm se mostrado meios muito utilizados para a obtenção e compartilhamento de informações, forneceram importantes amostras de que a sociedade não está preparada para lidar com a temática da violência. Percebe-se, assim, que não é possível manter um debate acerca do assunto, sem, na maioria das vezes, atribuir culpa ao Outro, ao invés de ao conjunto de elementos pertencentes ao seu contexto de vida.

Cotidianamente, pode-se encontrar em redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, manifestações de usuários sobre casos de violência ou fatos que causaram polêmica na sociedade. Essas manifestações, muitas vezes, são também expressas de forma violenta, gerando ódio coletivo. Portanto, a violência, seja ela simbólica,

física, cultural, psicológica, verbal, institucional, de delinquência ou resistência, está profundamente enraizada nas relações sociais.

Com base nesse cenário, é importante analisar, também, como os meios de comunicação trabalham a questão da violência. A seguir, será realizada uma discussão acerca do tratamento que a televisão oferece a essa temática.

3.4 VIOLÊNCIA NA MÍDIA/VIOLÊNCIA DA MÍDIA

Conforme exposto anteriormente, os meios de comunicação exercem uma importante função na sociedade: a de formar e informar o seu público. As pessoas estão cada vez mais conectadas e ligadas às informações sobre os fatos que acontecem diariamente. Nesse sentido, Leão Serva (2001) destaca que a sociedade nunca esteve tão envolta pelos meios de comunicação.

Porém, isso não significa dizer que as pessoas estão mais informadas, pois o fluxo de informações recebidas é intenso e o espaço para reflexão é cada vez menor. Em consonância com Serva (2001), Ramos (S.D. *apud* Guareschi, 2001) analisa os reflexos na sociedade.

Nunca a comunicação teve tanto “íbope” como no final deste século. Não é para menos. Tudo o que se lê, se vê, se ouve e se sabe, direta ou indiretamente, passa pela ditadura comunicacional, que comanda o trânsito, de mão única, das idéias. Paradoxalmente, nunca se esteve tão desinformado, incomunicável e pobre dos reais valores, como agora (RAMOS, S.D. *apud* GUARESCHI 2001, p. 7).

Somando-se a isso, os indivíduos e, conseqüentemente, a sociedade, mantêm relações baseadas em pulsões. Estas, segundo Freud (1996 *apud* COSTA, 2013), podem se manifestar segundo as pulsões de vida e de morte. A partir desse entendimento, os meios de comunicação desenvolvem seus programas e ofertam os conteúdos.

Assuntos como homicídios, assaltos e tragédias de uma maneira geral, são temas corriqueiros em reportagens jornalísticas. A televisão, como um meio audiovisual, tem grande capacidade de explorar as representações da violência, visto que as suas ferramentas permitem que o público veja e ouça simultaneamente essas manifestações. Assim, com base na exposição da dor do Outro é que a violência gera grandes lucros aos meios de comunicação.

Como uma temática recorrente na sociedade, é natural que a violência esteja presente também na mídia. Porém, a maneira com que ela é retratada faz com que estas representações se tornem banais, por meio da repetição e da ausência de reflexão. Dessa forma, há uma contribuição, por parte da mídia, para que a violência torne-se naturalizada no meio social.

Observando a interface entre violência e mídia, é importante considerar duas visões. Em um ponto se tem a violência simbólica exercida pela mídia e, em outro ponto, a violência na mídia. As duas formas de violência podem também estar relacionadas.

A violência exercida pela mídia, citada na introdução deste trabalho monográfico, é denominada por Bourdieu (1997), como violência simbólica. Segundo o autor, esta “é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22).

A exemplo disso, o autor (Ibidem) analisa a relação entre “o sangue e o sexo o drama e o crime”, que sempre renderam bons lucros às empresas de comunicação. “A violência simbólica não ocorre através de atos, da coação, mas pelo processo de submissão por parte dos dominados através do pensamento, das ideias e dos ideais assumidos pelos dominantes”. (CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 241).

Dessa forma, por meio da submissão e da naturalização das situações de violência simbólica, as instituições conseguem impor facilmente seus ideais aos outros, pois se não o fazem, correm o risco de perder o poder.

Ocorre um processo de naturalização desta situação, possibilitada pela ação de instituições sociais, religiosas, midiáticas e o Estado. O problema perpassa também o lado dos dominantes, os quais precisam afirmar e constituir a sua posição sob o risco de se tornarem dominados (CASAGRANDE; PERUZZOLO, 2012, p. 242).

Outro exemplo são as notícias de variedades, que servem, geralmente, para ocupar espaço midiático, em detrimento de notícias que causariam alguma manifestação da sociedade. Essa ação é considerada por Bourdieu (1997) como violência simbólica, pois afasta da mídia diversos assuntos pertinentes à sociedade para dar lugar a temas de interesse a todos, mas que não abrangem opiniões divergentes. Comumente, nestes espaços, são apresentados assuntos de pouca

relevância social. Além disso, o “ocultar mostrando”, também mencionado no primeiro capítulo, é uma expressão da violência simbólica.

Belarmino Costa (2002) considera que a estética da violência está profundamente ligada à natureza dos meios de comunicação,

como uma condição inerente, ou seja, a discussão sobre a ideologização da mensagem não recai apenas na narrativa e nos propósitos discursivos de evidenciar determinados aspectos da realidade. A maneira como as informações são condicionadas à natureza dos veículos, a separação entre autonomia e heterodeterminação cultural, a política de adequar a programação às estatísticas de audiência, ampliando o espectro de receptores em detrimento da qualidade estética, conteudística, no seu conjunto, dizem muito da violência simbólica presente na indústria cultural (COSTA, 2002, p.134).

Além disso, Bourdieu (1997) considera que a constante guerra em irresponsável busca pelo furo jornalístico e por audiência, submetendo-se à lógica comercial, resulta em uma "uma representação do mundo prenhe de uma filosofia da história com sucessão absurda de desastres sobre os quais não se compreende nada e sobre os quais não se pode nada" (BOURDIEU, 1997, p. 141).

Outra perspectiva a ser destacada é a violência na mídia, mais especificamente, na televisão. Neste contexto, salienta-se a violência presente nos programas de auditório, nas novelas, nos telejornais, nos programas sensacionalistas, dentre outros.

(...) a violência é representada por meio de simplificações das complexidades de uma sociedade individualista, que experimenta, nos grandes centros urbanos, momentos de heterogeneidade, anonimato, mobilidade, segregação, instabilidade e insegurança, todos eles passíveis de serem televisionados quando a violência – entendida por alguns pesquisadores como um momento enlouquecido em que a sociedade se revela – se manifesta na suas mais variadas formas (TONDATO, 2007, p. 127 *apud* COSTA, S.D., p. 2).

A violência na mídia pode ser caracterizada pela exposição de cenas de qualquer tipo de ato violento. Para alguns autores, a violência veiculada pela mídia é prejudicial, principalmente, quando extrapola as fronteiras da repetição de cenas violentas, levando à exaustão. Essas cenas se refletem no modo de agir da população. Dessa forma,

a violência, na mídia, seja ela estilizada ou não, seja ficção ou parte dos telejornais da atualidade serve, de uma certa maneira, a um descarregar-se,

distender-se, dar livre curso aos sentimentos através do espetáculo. As cenas de violência são um sintoma de 'nervosidade' da sociedade (MICHAUD, 1996, p. 136 *apud* PORTO, 2002, p. 160).

Embora a violência seja um elemento presente na vida em sociedade, a maneira utilizada pelos veículos de comunicação para expressá-la nem sempre é a mais adequada. No momento em que as empresas de comunicação ultrapassam a linha tênue que separa a necessidade de causar dor no Outro e a possibilidade de obter lucro, percebe-se que alguns princípios básicos e éticos são extrapolados.

Os meios de comunicação atuam segundo a lógica da indústria cultural e do sistema capitalista, a qual determina o funcionamento do mundo virtual. Este, por sua vez, está cada vez mais se responsabilizando pela construção do mundo "real", uma vez que o real tem sido transformado em espetáculo para o virtual. Um exemplo disso é a violência, enquanto fenômeno recorrente na sociedade, amplamente divulgada e "vendida" pelo mercado da informação.

(...) fazendo com que a "realidade" da violência passe a fazer parte do dia-a-dia mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente enquanto experiência de um processo vivido. A violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação. Também como representação multiplicam-se as categorias de percepção da violência. Nesse sentido, é unânime a representação segundo a qual os meios funcionam como um tipo de tribunal do júri, antecipando ou dando o tom, em termos da condenação ou absolvição de um suspeito [grifo da autora] (PORTO, 2002, p. 163).

No campo jornalístico das emissoras de televisão no Brasil, dentro da categoria informativa, têm-se os telejornais e os programas de cunho sensacionalista, que apresentam reportagens jornalísticas. Nestes programas, a violência se faz, na maioria das vezes, essencial para a produção e manutenção do programa.

O fato de a violência se apresentar como uma crise em relação ao estado normal cria, por princípio, uma afinidade entre ela e a mídia. Como podemos constatar, num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada (...). A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atroz sobre as violências comuns, banais e instaladas (MICHAUD, 1989, p. 49 *apud* PORTO, 2002, p. 166).

A violência simbólica apresenta-se, nesses programas, quando há espaço para informações com menor relevância social, em detrimento de informações que

levariam a sociedade à reflexão e à ação. O mesmo pode ser visto quando informações importantes são ocultadas nas notícias. Dessa forma, pode-se considerar violência a repetição exaustiva de cenas violentas, a manutenção de preconceitos e estereótipos, a discriminação, independentemente de sua natureza, a revelação do ódio, que acontece ao vivo em programas sensacionalistas, entre outros elementos.

A repetição de cenas gera a naturalização e a banalização da violência na sociedade. A partir do momento em que as pessoas são acostumadas a serem diariamente confrontadas com cenas de violência, não só nas suas ações cotidianas como também na televisão, essas representações tornam-se naturais. Assim, sem as devidas reflexões e críticas sobre o que, de fato, gera violência na vida em sociedade, o telespectador pode não compreender o contexto de violência em que vive e ser levado a acreditar que há, a cada dia, um fato novo, sem conexão com os outros e que não há saída ou maneira de reduzir este quadro.

A discriminação, que pode vir por meio do reforço de preconceitos e estereótipos, é facilmente encontrada em programas de cunho sensacionalista, quando os apresentadores fazem julgamentos e condenam os suspeitos “ao vivo”. Nesse sentido, adjetivos como “criminoso”, “vândalo”, “ladrão” e tantos outros, são repetidos nestes programas. A consequência disso é a manutenção desses estereótipos e o aumento (ou o despertar) de preconceitos.

No que diz respeito à violência, em especial a violência urbana, a mídia é parcial. Os meios de comunicação não se limitam a informar. Tomam partido, julgam, condenam. Ao assim fazerem, aprofundam o temor e a ignorância do público que deveriam informar, usando mensagens e códigos profundamente estereotipados. O preconceito alimenta-se dos estereótipos e gera os estigmas (MELLO, 1999, p. 138 *apud* RAMOS & NOVO, 2003, p. 494).

As classes economicamente menos favorecidas são alvos fáceis de preconceitos, tendo suas identidades, geralmente, associadas a crimes. Porém, as questões sociais, de classes e as desigualdades sociais não são exploradas da mesma forma pelos meios de comunicação. Se estes veículos abordassem esses aspectos como deveriam (e como abordam as notícias sobre violência), poderiam gerar reflexão e debates na sociedade, buscando, assim, uma convivência mais harmônica entre os indivíduos.

Desse modo, a partir da manutenção de preconceitos, muitas vezes, ocorre a exclusão de grupos minoritários por aqueles que detêm o poder. Além disso, uma parcela majoritária da população, que não tem alto poder aquisitivo, é constantemente atacada e levada a atacar-se por não entender o complexo sistema em que vive. “A imprensa tem um papel significativo na construção da criminalidade, que passa pelo conjunto de representações que a sociedade tem do "marginal", do "crime", e da "criminalidade”.” (ADORNO, 1995 *apud* NJAINE, 2004, p. 5).

Nos telejornais, os quais devem ter o compromisso com a verdade, também se notam traços de violência simbólica. Um mesmo telejornal, inúmeras vezes, trata como criminoso aquele que é de comunidade periférica e como simples infrator aquele que comete o mesmo crime, mas que, ao contrário, tem poder e influência.

Perseguindo a lógica de que a forma de produção jornalística está presente no conteúdo do fato noticioso, em muito se firma em subverter a ordem cronológica e tornar o que imediatamente está sendo exposto como informação necessária para a audiência. A presentificação, nesse caso, diz respeito à exploração do instante, dos elementos contingenciais, que movem a atenção da assistência (COSTA, 2002, p. 132).

Assim, o ódio desvela-se, por meio de agressões verbais, julgamentos e manutenção de preconceitos e estereótipos, sendo também apresentado em programas jornalísticos, principalmente aqueles de cunho sensacionalista. Estes programas exploram a notícia, de acordo com os elementos que causam mais impacto, em detrimento de informações consideradas mais relevantes e reflexivas. Assim, o telespectador, que usa prioritariamente a televisão como meio de obtenção de informações, tem dificuldade em refletir sobre as notícias de uma forma mais contextualizada.

A sociedade, incentivada por discursos de ódio de apresentadores de programas com viés sensacionalista, pode se mostrar imbuída do mesmo ódio, mesmo que de forma inconsciente. A manifestação deste sentimento ocorre porque não existe, por parte da sociedade, o real entendimento sobre as situações e relações complexas vivenciadas na coletividade.

Dessa forma, tem-se, de um lado, o governo e as organizações não-governamentais investindo em campanhas midiáticas contra preconceitos e, até mesmo, empresas de comunicação abordando essa temática com a finalidade de esclarecer e reduzir estas ações. De outro lado, estão os programas de caráter

sensacionalista que, com o discurso de seus apresentadores, reforçam diversos tipos de preconceitos, contradizendo até mesmo as campanhas realizadas pelas próprias emissoras.

A prática dos programas sensacionalistas garante lucros por meio da audiência. Como aponta Bourdieu (1997, p. 77), o “universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência”. No momento em que o jornalismo se torna dependente das receitas publicitárias das emissoras, a sua qualidade pode, em algum momento, se tornar questionável.

É evidente que as causas da violência são múltiplas e que não se deve culpabilizar apenas a mídia. Porém, é preciso analisar o contexto vivido. Cabe à mídia orientar a sociedade para essa reflexão. Sendo a violência atribuída a múltiplos fatores, não se pode aceitar, portanto, que essa questão seja explicada “de modo unilateral por nenhuma das dimensões da vida social. [...] Atribuir ao nível socioeconômico, político ou cultural de modo isolado a responsabilidade pela violência é simplificar a questão” (PORTO, 2002, p. 169).

A partir disso, pode-se pensar se, de alguma maneira, a violência na mídia traz implicações no modo de agir e de se relacionar dos indivíduos na sociedade. Este trabalho não tem o objetivo de apontar a mídia como principal responsável pela violência na vida em sociedade. Porém, é necessário visualizá-la como um importante meio de naturalização da violência na sociedade. Assim sendo, entende-se que a mídia relaciona-se com instituições e ideologias que auxiliam na manutenção de várias representações de violência. Logo, ao agir sobre o imaginário social, a violência passa a ser comum.

Estudos recentes reconhecem, em laboratório, uma correlação entre observação da violência e agressão. Os estudos em meio real são menos significativos. Mas não há dúvida de que as imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal, criando, assim, um hiato entre a experiência anestesiada e as provas da realidade, raras, mas muito mais fortes (MICHAUD, 1986 p. 51).

Portanto, uma das consequências da exposição excessiva a cenas de violência na TV, identificada por alguns autores como Njaine (2004), é a deformação de sentidos. A violência é uma ação transgressora, que, por meio da televisão, pode ser vista como algo comum. Ou ainda, diante dessa exposição em demasia às cenas,

pode-se manifestar a sensação de que a violência é irreal, ao contrário do que dizem os programas sensacionalistas, cujo mote é de que a violência faz parte de nosso cotidiano, ou seja, ela seria extremamente real.

A exposição à violência, da forma como é elaborada nas representações produzidas pela mídia, tem como uma de suas principais consequências transformar essa mesma violência em algo irreal, simulacral, espectro da realidade (PORTO, 2000, p. 164).

A midiatização exagerada das representações de violência passa, então, a ser suavizada e banalizada, conforme propõe Michaud (1986). A violência assistida se transforma em irreal, desvelando-se em alguns momentos, como uma produção cinematográfica ficcional. Assim, a experiência que o telespectador tem com este fenômeno modifica-se.

Para alguns analistas, há “a possibilidade de que essa violência virtual tenha um sentido apaziguador, de conforto, para as pessoas, porque se lidaria com a violência em um campo absolutamente abstrato” (REVISTA ATRATOR ESTRANHO 5, 1994 *apud* ROSA, 2008, p. 15).

Em contrapartida, na tentativa de compreender por que as notícias sobre violência são apresentadas incansavelmente, alguns autores como Porto (2002) chamam a atenção para a sociedade, que segundo a mídia, tem a expectativa de que isso seja retratado. Ou seja, “esta estratégia da mídia responde, em última análise, a expectativas da sociedade. Como dizem os teóricos da comunicação, os meios de massa editam o imaginário popular” (PORTO, 2002, p.167).

É evidente que a violência não é inventada pela mídia, mas sim representada e dramatizada por ela. Portanto, é preciso compreender, além dos motivos econômicos, políticos e culturais, o que mais motiva a exposição excessiva de cenas de violência nos meios de comunicação.

De um lado, precisamos levar em consideração as políticas de comunicação – quais as motivações das agências de comunicação ao veicular a criminalidade de determinada forma -, de outro lado, não podemos esquecer que a imprensa é uma expressão da opinião pública, é uma expressão da população. *A imprensa não cria essa dramatização por sua livre e espontânea vontade. Ela é a expressão de profundos sentimentos populares, que de certo modo dramatizam a criminalidade, e tem certa relação de identidade com essa dramatização e com o modo como a criminalidade é veiculada* [grifos do autor] (ADORNO, 1995, p. 188 *apud* RAMOS & NOVO, 2003, p. 494).

É importante que a mídia, assim como as demais organizações e a sociedade, consiga produzir reflexões e diálogos sobre a temática da violência nos meios de comunicação. Para isso, é necessária uma análise acerca do assunto em diversos aspectos, para que os meios de comunicação possam exercer seu papel social de maneira mais efetiva.

A mídia, por sua vez, pode contribuir para a divulgação e manutenção de estereótipos (já presentes no tecido social) relacionados com a figura do criminoso, ou provocar reflexões que contribuam para a emergência de novas representações sobre o tema (RAMOS & NOVO, 2003, p. 494).

Portanto, o que se pode identificar, até agora, é que a violência é plural, pois também encontra-se em uma sociedade diversificada. Dessa forma, é preciso entender como esse fenômeno ocorre e como é possível amenizá-lo, para que se busque uma convivência em que a harmonia entre os indivíduos seja preservada. A partir disso, é necessário também compreender como os meios de comunicação podem contribuir para a desconstrução desta naturalização da violência na sociedade.

No próximo capítulo, “MÍDIA E SOCIEDADE: RELAÇÕES DE PODER”, algumas características do processo de formação identitária dos indivíduos serão abordadas, a fim de contribuir para o entendimento da relação entre televisão, violência e adolescência, que se seguirá na análise deste trabalho monográfico.

4 MÍDIA E SOCIEDADE: RELAÇÕES DE PODER

Nos capítulos anteriores, pôde-se compreender a importância dos meios de comunicação para a sociedade, sobretudo, a relevância que a televisão, enquanto um dos principais meios de comunicação, apresenta para a organização das relações sociais.

Além disso, foi possível perceber o papel social do Jornalismo e como este se relaciona com a sociedade. Outra questão de grande pertinência para este trabalho foi apresentada no capítulo que antecede esta seção e aborda a violência enquanto fenômeno social e, também, de forma mais específica, a violência na mídia e a violência da mídia.

A partir disso, neste capítulo aborda-se a influência da mídia, principalmente da televisão, sobre as pessoas. Ademais, como a técnica de Grupo Focal foi aplicada com um grupo de adolescentes, mostrou-se necessário compreender a influência da mídia e das matérias jornalísticas sobre violência na formação identitária destes indivíduos.

4.1 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE A SOCIEDADE

Em consonância com o pensamento de Serva (2001), apresentado na introdução deste trabalho, Ramos (*apud* Guareschi, 2001) destaca o papel dos meios de comunicação na sociedade e os vê como uma ditadura comunicacional.

Nunca a comunicação teve tanto “íbope” como no final deste século. Não é para menos. Tudo o que se lê, se vê, e ouve e se sabe, direta ou indiretamente, passa pela ditadura comunicacional, que comanda o trânsito, de mão única, das idéias. Paradoxalmente, nunca se esteve tão desinformado, incomunicável e pobre dos reais valores, como agora (RAMOS *apud* GUARESCHI, 2001, p. 7).

Ainda a respeito da relação entre meios de comunicação, Negt (1978) destaca a dominação que a mídia exerce sobre a herança cultural e, conseqüentemente, sobre a sociedade.

Fundamentalmente, os meios de comunicação de massa têm como objetivo a universalização da produção de bens de consumo. Nesse processo, a herança cultural, em sua totalidade, é reduzida ao eixo capitalista da utilidade e da dominação (NEGT, 1978, p. 24).

A partir do que já foi analisado, depreende-se que a mídia tem significativa importância para a sociedade, exercendo grande influência sobre ela, pois age a partir do imaginário social. “A mídia é responsável pela ampliação do mundo social e do que nele ocorre, provocando a ilusão de que participamos das mais diversas situações que são reproduzidas na tela do televisor” (RAMOS; NOVO, 2003, p. 493).

Seguindo o pensamento de Ramos e Novo, Izabel Szpacenkopf (2003) alerta para a participação da mídia no controle social, a partir da influência nos processos de simbolização.

A mídia tem atuação destacada na comunicação nos dias de hoje, e é inegável sua influência social e nas possibilidades de interferência no processo de simbolização, tão necessário à vida. Longe de considerar a mídia sendo a grande causadora de muitos males da humanidade, e que, portanto, deveria ser eliminada, como preferem alguns, defendemos ser impossível e até desnecessária sua eliminação. Sabemos, entretanto, que ela tem participação marcante na expressão, organização e controle do imaginário social, influenciando ainda a vida política e social dos indivíduos (SZPACENKOPF, 2003, p. 13).

Sendo assim, é possível inferir que a mídia exerce influência sobre a organização e o funcionamento da sociedade. Portanto, é imprescindível analisar até que ponto, de fato, essa influência pode ocorrer e como pode se manifestar nos indivíduos. Pois, para Marcondes Filho (1988), a comunicação produzida para grandes massas tem o objetivo de captar a imaginação do público, a fim de domesticá-lo. Dessa forma, aliena o indivíduo de sua subjetividade, tornando-o uniforme aos outros.

A comunicação produzida industrialmente para grandes massas tem normalmente a função de captar suas fantasias, seus sonhos, seus desejos e “domesticá-los”, isto é, desviá-los de sua satisfação com meras guloseimas. Em vez de atender, de satisfazer nossos desejos e vontades, só recebemos dela alguns indícios (...) A comunicação industrial nos seduz com vãs promessas, abandonando-nos sem efetivamente nada nos dar (MARCONDES FILHO, 1988, p. 28).

Guareschi (1987) fornece pistas de como os meios de comunicação exercem essa influência.

A fim de estabelecer a forma mercantilista das comunicações, fazer dessa forma uma atividade *natural*, isto é, uma atividade que seja realizada sem que os dominados (ou seja, os receptores) suspeitem da identidade dela como sendo um instrumento de dominação, controlado por determinada classe – os meios de comunicação têm de passar através de um processo

de fetichização, semelhante àquele a que todas as atividades e produtos estão sujeitos. Sob a influência desse fetichismo, seres vivos são transformados em coisas (fatores de produção) e coisas começam a assumir qualidades de seres vivos. Dessa maneira, o dinheiro *trabalha*, o capital *produz* e, conseqüentemente, os meios de comunicação *agem* [grifos do autor] (GUARESCHI, 1987, p. 17).

Dessa forma, primeiramente, é preciso compreender como os meios de comunicação podem contribuir na modificação dos modelos sociais e no controle da sociedade, prescrevendo suas regras. Marcondes Filho (1988) cita Goodlad (S.D.) para demonstrar como isso é feito: “Não devemos nos iludir: todos os meios de comunicação antes confirmam do que alteram as opiniões gerais e refletem as normas sociais. Em ambos os casos atuam como força conservadora” (GOODLAD, S.D. *apud* MARCONDES FILHO, 1988, p. 28).

É essencial apreender, de forma reflexiva, a atuação da mídia sobre a sociedade. Guareschi (1987) cita as técnicas de diluição e recuperação, de Dorfman e Mattelart (1975) para explicar como a mídia consegue dissolver antigos valores e implantar novos.

A técnica de diluição consiste em uma prática comumente proposta pela mídia, consciente ou inconscientemente, na qual os fatos são banalizados e isolados de seu contexto. Enquanto que a outra estratégia, denominada de técnica de recuperação, se relaciona com

a utilização de um fenômeno potencialmente tão perigoso ao corpo social, que ele serve para justificar a contínua necessidade do sistema social existente e de seus valores, e, muitas vezes, justificar, também, a violência e repressão que fazem parte do sistema (GUARESCHI, 1987, p. 56).

As estratégias apontadas e o papel “vigilante” exercido pela mídia resultaram no papel relevante atribuído aos meios de comunicação no Brasil, onde estes alcançaram grande credibilidade. A mídia, ao contribuir para a vigilância das leis e ao se colocar lado a lado com a sociedade, passou a ser vista como um meio para obter informações e entretenimento, sendo, muitas vezes, percebida como “campo neutro” e sem interesses. Contudo, os meios de comunicação podem ser entendidos também como empresas, que têm como finalidade a obtenção de lucros. Para atingir esta meta, a mídia renuncia, em muitos momentos, à neutralidade, porém revestindo-se de um discurso de isenção.

É importante destacar que a ideia de neutralidade atribuída aos meios de comunicação é reconhecida, mantida e transmitida pelas pessoas. Os profissionais que asseguram o funcionamento da mídia não podem, por mais que tentem, alcançar a isenção, em sua totalidade.

Entre outras funções, o trabalho do jornalista envolve a imparcialidade. Porém, este também dispõe de conhecimentos prévios, pontos de vista e experiências, que compõem sua “bagagem” de vida. Essas vivências e saberes, por sua vez, podem influenciar a construção das notícias, seja pelo viés escolhido, pelas fontes, pelo tema, entre outros aspectos. Portanto, embora se reconheça que, em sua atuação, o jornalista busca a isenção (o que, a princípio, deveria ocorrer), isso não significa dizer que as matérias jornalísticas ou os programas são totalmente neutros ou imparciais.

A partir do entendimento do papel da mídia na sociedade percebe-se que existe potencial para um diálogo que aborde, de maneira consciente, as problemáticas da sociedade. Todavia, da maneira como trabalha atualmente, a televisão, ou melhor, os profissionais que produzem conteúdo para a TV, revelam lacunas no que se refere à produção de reflexões aos cidadãos.

Nessa direção, percebe-se, por exemplo, que ao abordar a temática da violência, a mídia geralmente transmite as notícias de forma superficial. Assim, ela busca atender-se ao fato em si, desconsiderando aspectos relevantes, que poderiam proporcionar maior compreensão e reflexão aos indivíduos.

Análises que envolvem a avaliação de fatores históricos, sociais e econômicos também envolvidos na produção da violência são, muitas vezes, ignoradas pelos meios de comunicação, que nem sempre efetuam uma crítica ao modelo de sociedade vigente, reduzindo o fenômeno da violência a explicações simplistas. A referência a motivações individuais que exaltam o livre-arbítrio e a capacidade de todos serem “bons cidadãos” desde que o queiram [grifos das autoras] (RAMOS; NOVO, 2003, p. 496).

Ao reproduzir modelos a serem seguidos ou rejeitados pela sociedade e contribuir para a manutenção de estereótipos, a mídia influencia de forma efetiva a organização da sociedade e suas relações. Consequentemente, também causa implicações na formação identitária dos indivíduos.

A sociedade é marcada por uma grande diversidade de pessoas, culturas, identidades, valores, representando, assim, uma pluralidade de variáveis. Porém, essa pluralidade é, por vezes, “camuflada” por meio da imposição de modelos e

representações sociais a serem seguidas. “[...] Ela oferece um campo nada desprezível no que diz respeito à rápida e maciça circulação de modelos identificatórios e de formas de comportamentos que influenciam em alguma medida a existência de cada um” (SZPACENKOPF, 2003, p. 13).

A televisão, sobretudo ao longo dos anos, tornou-se um dos mais influentes meios de comunicação entre as pessoas. A seguir, apresentam-se alguns aspectos pertinentes à intersecção entre mídia televisiva e sociedade e, conseqüentemente, sobre a influência da primeira sobre a segunda e vice-versa.

4.2 TELEVISÃO: UM MEIO DE PODER E INFLUÊNCIA

Após sua consolidação no Brasil, a televisão passou a receber grande notoriedade e credibilidade entre as pessoas e instituições. Essa mídia se tornou a principal “vigilante” de assuntos políticos, econômicos e sociais. Tradicionalmente, desde o seu surgimento, a mídia foi vista como um importante meio para denunciar situações, expor problemas sociais e vigiar a política. A televisão, como um meio audiovisual, adquiriu o papel de controlar e, até mesmo, normatizar a vida em sociedade. Hoje, também já pode ser considerada uma das melhores companhias para o entretenimento das pessoas.

A intenção é, portanto, ver a televisão de forma objetiva, isto é, não como um monstro doméstico que perverte crianças, nem como olhos poderosos e dominadores que se infiltram em nosso lar para vigiar o que falamos ou calar nossos diálogos familiares. Culpar a TV é localizar erroneamente o verdadeiro inimigo. O televisor, obviamente, é apenas um aparelho que transmite mensagens produzidas *por homens* que trabalham no outro extremo, na estação de TV. Homens com idéias, intenções, ideologias, interesses a divulgar. Se a TV ocupa, hoje, nos lares, o espaço do “bezerro de ouro” é porque alguma coisa de errado ocorre com as pessoas (que assistem e fazem TV) e não com o aparelho [grifos do autor] (MARCONDES FILHO, 1988, p. 8).

Portanto, a mídia televisiva tem grande poder de influência sobre a sociedade. O que não significa dizer que os telespectadores são completamente manipuláveis. Acredita-se que estes têm o poder de escolha e de reflexão sobre o conteúdo que recebem.

Obviamente, os indivíduos não são apenas receptores passivos das informações veiculadas pela mídia, sem maiores críticas. A relação entre emissores e receptores nunca é direta, linear e unívoca, evidenciando o

caráter complexo dessas interações (Souza, 1995). Não podemos negar, porém, que a informação se tornou necessidade para o sujeito contemporâneo, e que o discurso televisivo vem assumindo um papel importante na mediação das relações das pessoas com o real, substituindo de forma crescente outras dimensões da experiência (RAMOS; NOVO, 2003, p. 494).

Dessa forma, a TV adquiriu um caráter normativo, frente às formas de agir e de se relacionar na sociedade. Conforme Kehl (2004), a televisão, hoje, vai além de um *locus* pedagógico, pois ela também indica formas de desejar, oferece modelos de identidade e garante companhia às crianças, jovens e adultos, durante as 24 horas do dia.

Acrescentando à discussão acerca da influência da televisão sobre a sociedade, Souza (2009), seguindo o pensamento de Guareschi (2007), estabelece relação entre mídia, Jornalismo, poder, sociedade e audiência.

A mídia televisiva associada ao jornalismo se mostra ainda mais eficaz em afetar a sociedade. Isto devido tanto ao alcance massivo que a primeira conseguiu, quanto à credibilidade conquistada historicamente pelo segundo. A massa (tele)espectadora confia na mediação, feita pela mídia, entre os governantes e os governados. Uma relação de cumplicidade e confiança é estabelecida com o público, conferindo poder à mídia, sendo que esse poder é legitimado pelo próprio público, através da audiência. E quanto maior a audiência, maior o poder midiático, daí o fenômeno massivo e poderoso que é a televisão. “A mídia só é poder, por causa dos efeitos causados na sociedade, cuja parte afetada é justamente aquela que se submete à programação televisiva” (GUARESCHI, 2007, p.13 *apud* SOUZA, 2009, p. 3).

Portanto, percebe-se que os meios de comunicação e, principalmente a televisão, exercem um papel de destaque na sociedade, como consequência, influenciam em maior ou menor grau o comportamento dos indivíduos. A partir disso, é fundamental conhecer as características do período em que os sujeitos encontram-se em intenso processo de formação identitária: a adolescência. Logo, a partir do entendimento dessa fase, é possível analisar a influência da televisão no público adolescente.

4.3 ADOLESCÊNCIA: PERÍODO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E BUSCA DO “EU”

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência é o período dos 14 aos 18 anos de vida. Essa fase antecede a vida adulta e marca o fim

da infância. É um período que denota grandes transformações, tanto físicas, quanto mentais, espirituais e psicológicas.

“A adolescência é uma época da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afectivas (*sic*), intelectuais e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural” (VIDIGUEIRA, 2006, p. 8). Portanto, esse período deve ser visto como uma fase de transições, na busca pela constituição do seu “eu”. Dessa forma, todos esses aspectos devem ser levados em consideração, para que se possa compreender efetivamente o que caracteriza a adolescência.

Não raro, a adolescência é vista pelo senso comum como uma fase de rebeldia “sem causa” e constantes crises. Porém, o que se pode identificar é que a adolescência é um espaço temporal, que coincide com o descobrimento de um “novo mundo”. Sendo assim,

a adolescência é um período de grandes conflitos intercalados a um emaranhado de fantasias, sonhos, questionamentos, dúvidas, em que o adolescente vai procurar a sua própria identidade, e outras relações que o determinem no ambiente em que vive (SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2005, p. 2).

Diante desse complexo sistema, é preciso pensar o ser adolescente, a partir das influências que são recebidas pelo meio social. Sendo assim, é importante que os diferentes contextos de vivência dos jovens sejam considerados e valorizados.

Durante a adolescência o processo de maturação biopsicossocial do indivíduo está fortemente presente, por isso não podemos compreendê-la estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais, pois esses aspectos estão interligados, e o conjunto das características deles confere unidade ao fenômeno da adolescência (Ibidem, p. 4).

Conforme apresentado por Santos, Cortez e Oliveira et al (2005), até pouco tempo atrás, a adolescência não era reconhecida pela sociedade como um período do ciclo vital. Na verdade, para alguns grupos sociais, esse período continua sendo desconsiderado. “Etimologicamente, a palavra adolescência tem origem no verbo “adolescere”, que significa brotar, fazer-se grande, crescer. Alguns historiadores acreditam e defendem que a adolescência é uma construção social” (Ibidem).

Ainda segundo os autores supracitados, a adolescência também deve ser analisada a partir do contexto biológico. Neste período, o corpo do jovem passa por diversas transformações, a começar pela puberdade.

A palavra puberdade vem do latim *pubertate*, que significa sinal de pelos, barba, penugem. A puberdade é considerada para alguns estudiosos como a primeira fase ou momento da adolescência, porém, segundo a ciência a puberdade é a maturação biológica, a qual se relaciona com as modificações biológicas presentes durante o tempo da adolescência. Já, a adolescência relaciona-se com as transformações psicossociais que as acompanham. Entretanto, o fenômeno da puberdade e da adolescência não podem ser estudados separadamente embora sejam seus termos distintos (Ibidem, p. 5).

Santos, Cortez e Oliveira et al (2005) destacam que a puberdade é um fenômeno que acontece em todos os povos, pois abarca um período de amadurecimento biológico. A adolescência, por outro lado, “embora seja um fenômeno igualmente universal, (...) possui características bastante peculiares conforme o ambiente sócio-cultural do indivíduo” (Ibidem, p. 6).

Todavia, pondera-se que, embora a adolescência apresente variações quanto à sua denominação e de acordo com o contexto vivido pelo indivíduo, ela se apresenta como algo essencial no processo de formação identitária dos jovens.

Para Paixão, Souza e Henrique et al (1998), o período da adolescência pode compreender pequenas fases, com diferentes características biológicas. Dentre estas, é possível identificar a pré-adolescência, a adolescência intermediária e a adolescência tardia. Para este trabalho, interessa compreender o período da adolescência intermediária, que ocorre dos 14 aos 17 anos e o período da adolescência tardia, dos 17 aos 20 anos. Em função da técnica de GF ter sido desenvolvida com estudantes do ensino médio, estes dois períodos da adolescência merecem uma melhor compreensão para este trabalho.

A adolescência intermediária, conforme os autores supracitados, é caracterizada biologicamente pelo ganho de peso e altura nos meninos e pela menarca (menstruação) nas meninas.

Conseqüentemente, os temas de sexualidade, imagem corporal, gravidez, papéis estereotipados para homens e mulheres, popularidade e identidade estão entre as múltiplas preocupações, frequentemente opressivas aos adolescentes, durante este estágio (PAIXÃO; SOUZA; HENRIQUE et al, 1998, p. 15).

Na adolescência tardia, conforme Santos, Cortez e Oliveira et al (2009), as transformações biológicas já estão concluídas. Dessa forma, ocorre “um momento de preparação comportamental para a fase adulta. É considerado o período da adolescência mais difícil, por ser marcado por fortes emoções e fortes sentimentos de oposição” (SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2009, p. 8) em relação a seus sentimentos e às relações sociais. Segundo Paixão, Souza, Henrique et al (1998, p. 15), duas importantes características deste período consistem no “transformar-se, de uma pessoa dependente, em uma pessoa independente e estabelecer uma identidade”.

Essas modificações, que acontecem juntas e de modo complexo, têm como objetivo a busca de uma identidade e ocorrem em um momento que o indivíduo encontra-se mais vulnerável às influências.

No desenrolar da adolescência, o indivíduo é particularmente vulnerável não só aos efeitos decorrentes das transformações biológicas ocorridas em seu corpo, mas também das mudanças sem precedentes, provocadas, no mundo moderno, pelo impacto das explosões demográficas, do processo científico, da tecnologia, das comunicações, das novas aspirações humanas e da rápida transformação social (CAMPOS, 1987 *apud* SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2005, p 9).

Conforme Vidigueira (2006, p. 8), “após momentos de maturação diversificados”, o adolescente constrói a sua identidade, a partir de suas experiências e referências, entre outros elementos. Logo, é nessa fase, que cada indivíduo alavanca o seu “projeto de vida” e passa a ter consciência de sua relação com o mundo. O planejamento pessoal de cada um é afetado pelas influências que recebe das instituições das quais faz parte, como a família, a escola e a igreja, bem como por meio de suas relações sociais e também a partir da influência da mídia. Este processo a que se refere Vidigueira é essencial para que o indivíduo compreenda o seu papel social.

Conforme autores como Santos, Cortez e Oliveira et al (2005), apesar de a adolescência apresentar diferentes significados e manifestações, dependendo da cultura da qual o indivíduo faz parte ou com a qual tem contato, o processo de maturação do indivíduo ocorre de maneira universal nas sociedades.

Sendo a adolescência também influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural em que o adolescente se insere, a maturidade (social, mental e emocional) que ocorre no indivíduo para a entrada na fase adulta possui

várias definições e reações culturais. Pois, através da diversificação cultural cada sociedade constrói o seu indivíduo adulto (SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2005, p 9).

Nessa direção, entende-se a adolescência como um período de transições, recorrente em diversas sociedades. Esse período, que abrange a busca pela identidade, recebe essa denominação, pois é nessa fase que o indivíduo se descobre enquanto ser social e também descobre o universo que o rodeia. Dessa forma, considera-se que o adolescente que vivencia essas modificações e ainda está em processo de formação do seu “eu” é atingido por uma diversidade de sentimentos e reações.

Hall descreveu a vida emocional do adolescente como uma oscilação entre tendências contraditórias: energia, exaltação e superatividade são seguidas por indiferença, letargia, desprezo; alegria exuberante, gargalhadas e euforia cedem lugar à disforia, depressão e melancolia e assim por diante. A adolescência nada mais é do que um novo nascimento de características mais elevadas e mais plenamente humanas (CAMPOS, 1987 *apud* SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2005, p 9).

Dentre essas características está a formação da identidade do indivíduo, isto é, a construção e o reconhecimento da subjetividade. Conforme Osório (1989), a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo em que vive é o que caracteriza a constituição de uma identidade. Entende-se, portanto, que

ela é adquirida através de todo conhecimento que o indivíduo tem sobre sua condição de ser uma unidade pessoal; única; distinta de todos os outros indivíduos, permitindo-lhe criar características próprias que o diferenciam (SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2005, p 10).

O sentimento de possuir uma identidade, segundo Santos, Cortez, Oliveira et al (2005, p. 10), “envolve o que eu penso de mim; o que os outros pensam de mim; e o que eu penso que os outros pensam de mim”. Essas reflexões abrangem um período de “crise”, no qual os indivíduos recebem um “turbilhão” de informações, ao mesmo tempo em que possuem diversos questionamentos acerca do mundo que os rodeia. Nessa direção, a adolescência é associada, por Osório (1989), a uma crise de identidade.

Essa associação proposta pelo autor pode ser compreendida quando se reconhece a adolescência como um período em que o indivíduo vivencia diversas

mudanças. Dentre as quais destacam-se, principalmente, a procura por sua própria identidade; a tendência a associar-se em grupos; a necessidade de intelectualizar e fantasiar; a iniciação sexual; a separação progressiva dos pais e as flutuações de humor e do estado de ânimo.

Loevinger (1976) desenvolveu o pensamento de Erikson (1972) sobre o **conceito de identidade**, definindo-a como um sentido emocional sobre o *self*, uma percepção de bem-estar e de coerência entre o passado, o presente e o futuro, procurando compreender como é que este sentido, e a percepção sobre o *self* se desenvolve. Loevinger (*op. cit.*) postulou que a estrutura cognitiva é um aspecto fundamental para a realização da identidade, sugerindo também uma sequência de estádios de desenvolvimento do ego [grifos do autor] (VIDIGUEIRA, 2006, p. 12).

Para Loevinger (1976 *apud* Vidigueira, 2007), esses períodos elucidam o processo de construção e manifestação da identidade, conforme o raciocínio social atinge níveis mais abstratos e flexíveis. Ainda segundo o autor, à página 12, “o desenvolvimento do ego e das relações interpessoais ocorre segundo 8 estádios: pré-social; simbiótico, impulsivo, autoproteção (*sic*); conformista; consciência – conformismo; consciência; individualismo; autonomia; integrado”.

Conforme Erikson (1972 *apud* Vidigueira, 2006) para que se constitua uma personalidade adulta sólida é necessário que o indivíduo passe por esses estádios, pois é neste período que os indivíduos passam a ter consciência de seu lugar no mundo e estabelecem relações sociais cada vez mais significativas. Dessa forma, é essencial que o processo de formação identitária passe por esses períodos de amadurecimento e reflexão de si e sobre o mundo.

Se tal não acontecer, a consequência será aquilo a que este autor denomina por identidade difusa. De acordo com a teoria psicossocial deste autor a formação da identidade não é exclusiva da experiência adolescente, mas sim uma consequência desenvolvimental de várias experiências do passado e do presente que se organizam num todo coerente. Segundo os seus pressupostos a personalidade desenvolver-se-ia numa sequência de estádios, caracterizando-se cada um deles por uma crise ou conflito dominante. Da resolução desse conflito resultaria a possibilidade de avançar com maior ou menor maturidade para o estágio seguinte (VIDIGUEIRA, 2006, p. 14).

Segundo Santos, Cortez e Oliveira et al. (2005, p. 12) essas fases “fazem parte da vida e da formação da personalidade do adolescente e através da influência da mídia sofrem diversas alterações”.

Logo, é necessário pensar a relação entre violência e adolescência, considerando também como a mídia televisiva se manifesta em relação a essa temática. Ainda é imprescindível compreender o período da adolescência como um processo que recebe influência de diversos aspectos, que podem ser físicos, emocionais, intelectuais e afetivos.

Na elaboração do processo adolescente, coincidindo com o surgimento da capacidade reprodutora, o psiquismo humano se reestrutura. O jovem adquire e desenvolve potencialidades simultaneamente a um complexo processo de perdas, desinvestimentos e reinvestimentos afetivos. Novos valores éticos e morais serão incorporados à identidade que se delineia (LEVISKY, 2000, p.15).

Além disso, durante a adolescência, percebe-se a influência que o contexto social exerce sobre os jovens. Também é possível constatar a interferência exercida pelas relações sociais, até mesmo as estabelecidas pela mídia. Essas influências dizem respeito à construção do indivíduo e dos seus princípios e valores. Dessa forma, pode-se inferir que a adolescência representa uma fase da vida na qual o indivíduo encontra-se em estado de vulnerabilidade por ainda não ter constituído, de forma mais sólida, uma base para o desenvolvimento do seu “eu”, ou seja, sua identidade.

A influência que a mídia televisiva exerce sobre o comportamento dos adolescentes será melhor retratada, na sequência. Considerando o processo de adolecer como um período de grande vulnerabilidade e a TV, cada vez mais presente na vida das pessoas, é essencial compreender em que medida esse meio de comunicação pode influenciar o modo como as pessoas se relacionam entre si e com o meio em que vivem, sobretudo os adolescentes, que estão em processo de formação identitária.

4.4 INFLUÊNCIA DA TV NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES

Para Strasburger (1999, p. 13, grifo do autor), a mídia, desde a sua criação, sempre representou “uma “ameaça” potencial à sociedade”. Segundo o autor, tal afirmação justifica-se pelo poder que a mídia possui de captar a imaginação de crianças e adolescentes, por meio da imagem, das representações simbólicas e da construção do imaginário coletivo. Dessa forma, Strasburger avalia que, ao longo

dos anos, um meio de comunicação foi substituindo o outro na constante busca pela identificação dos jovens com suas programações.

A mídia é o grande intermédio da violência psicológica, pois destrói a capacidade de análise crítica e de julgamento das pessoas através de seu poder de indução, persuasão, informação, conhecimento, comunicação positiva ou negativa, com ou sem responsabilidade social, porém interferindo de forma massiva, direta ou indiretamente sobre a cultura, hábito, costumes, valores éticos e morais (SANTOS; CORTEZ; OLIVEIRA et al, 2005, p 13).

Segundo o artigo “Mídia e Infância: o impacto da exposição de crianças e adolescentes a cenas de sexo e violência na TV” (ANDI, 2012), a mídia se tornou, a partir da era da informação, uma das principais fontes de socialização para crianças e adolescentes.

Segundo Castells (1999), na era da informação, a base da hierarquia social consiste na cultura vista como fonte de poder. O poder, por sua vez, é a fonte de capital. O autor também denomina este período de “sociedade em rede”, pois é

constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais os quais, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço. Nem todas as dimensões e instituições da sociedade seguem a lógica da sociedade em rede, do mesmo modo que as sociedades industriais abrigaram por longo tempo muitas formas pré-industriais da existência humana. Mas todas as sociedades da Era da Informação são, sem dúvida, penetradas com diferente intensidade pela lógica difusa da sociedade em rede, cuja expansão dinâmica aos poucos absorve e supera as formas sociais preexistentes (CASTELLS, 1999, p. 429).

Nessa direção, importantes instituições como a família e a escola vêm, gradativamente, perdendo espaço em termos de prioridade para os jovens.

Por ser um meio totalizante, ela inova, apresentando exemplos de vida, de ambientes, de situações que acabam funcionando como modelos. (...) A televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação: ela introduz uma *linguagem* diferente, que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele. Nessa medida, ela muda completamente – através de um fato técnico, de sua linguagem – os hábitos de recepção e de percepção da sociedade e da cultura [grifos do autor] (MARCONDES FILHO, 1988, p. 36-37).

O autor relembra que a TV, assim como quase todos os produtos culturais, é organizada sobre grandes monopólios. Assim, a mídia, sobretudo a televisiva, tem papel de destaque na organização e no funcionamento da sociedade e,

consequentemente, na vida de cada indivíduo. Portanto, é essencial questionar de que forma a televisão apresenta assuntos pertinentes à sociedade.

Conflitos e problemas são mostrados, mas sempre em relação a normas e valores precários, uma vez que família, casamento e carreira são, de fato, precários, pois dissolvem-se facilmente; os papéis – antes rígidos – são hoje pouco consistentes. A submissão feminina também é “naturalmente” veiculada, através do papel secundário atribuído à mulher. Em seu conjunto, afirma Karin Buselmeier, a televisão confirma os papéis tradicionais da mulher (Ibidem, p. 83).

Desse modo, observa-se que as emissoras de televisão não demonstram, efetivamente, uma preocupação com a influência do conteúdo ofertado a sua audiência, especialmente, ao público adolescente. Em muitos momentos, é possível perceber, até mesmo, o descontentamento da sociedade em relação aos programas e conteúdos ofertados pelas emissoras.

A influência na educação se dá, entre outros modos, por meio da publicidade, da mídia informativa e da programação de entretenimento, que deveriam cumprir função educativa conforme pauta valorativa de aceitação geral, aferida, entre outros modos, mediante política de comunicação com os pais, explicando-lhes os efeitos que o conteúdo inadequado possa causar. Todavia, não é o que se verifica na prática. A violência e o sexo, sob formas variadas, são expostos de modo distorcido e abusivo, com o fito de atrair audiência (PEREIRA JÚNIOR, 2008, p. 2).

Portanto, ao se pensar o contexto histórico, político, cultural e social vividos na sociedade contemporânea, que tem como características a informação, a imagem, o consumo e, portanto, o esmaecimento dos afetos¹², é importante analisar esse quadro e perceber de que forma a mídia vem contribuindo para que esse sistema continue a se manter. Nessa perspectiva, verifica-se que “a modernidade criou essa falsa realidade: entope as pessoas com objetos e mercadorias, dando-lhes a impressão de viver e satisfazer seus desejos e vontades, porém elas não realizam efetivamente nenhum desses desejos” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 39).

¹²Teoria desenvolvida por Fredric Jameson em “Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio”. O esmaecimento dos afetos desenvolve-se no contexto da pós-modernidade, “quando a lógica cultural se transformou na lógica do consumo e toda experiência de vida é marcada pela fragmentação” (PENTEADO, 2012, p. 15). O esmaecimento dos afetos não significa dizer que os afetos acabaram, mas que em consequência da sociedade do consumo, as relações enfraqueceram e o sentir também. Dessa forma, os indivíduos só se permitem sentir quando se incomodam ou são impactados. É preciso ver a cena para sentir, pois sem isso, não há reflexão. A partir disso, infere-se que a televisão reforça o esmaecimento dos afetos sociais, pois em muitos momentos, a intenção é impactar os telespectadores.

A imagem, importante característica que complementa a descrição de sociedade atual, recebe hoje, mais do que em qualquer outro momento, grande destaque. Dessa maneira, a televisão consegue, em muitas ocasiões, “suprir” a necessidade dos indivíduos de viver determinadas situações, pois ela, por meio da imagem, causa a sensação de experimentação a partir da cena assistida. Marcondes Filho (1988) chama a atenção para o pensamento de Ulrich Reyher (S.D.), o qual destaca o

esvaziamento das experiências diretas na sociedade capitalista moderna, ou seja, as pessoas não vivem as emoções, as frustrações, as alegrias, os entusiasmos em sua própria vida ou em sua pele. Ao contrário, promovem-se experiências mentais, imaginárias, abstratas. (...) Essas são experiências indiretas: vive-se a emoção dos outros. Concretamente, ninguém experimentou nada. (...) É a “vivência de segunda mão” ou “vivência abstrata” porque é apenas mental (MARCONDES FILHO, 1988, p. 42).

Pode-se atribuir grande parte do poder da televisão ao impacto que a imagem causa no telespectador. Isso pode se explicar também pelo fato de, nos seres humanos, o sentido da visão ser considerado o principal, pois os indivíduos “escolhem” a visão acima dos demais sentidos. Se os olhos viram, está comprovado. Nessa direção, de acordo com Silveira e Rabinovich (2010, p. 2), “ao adquirir ou ver uma imagem, tem-se a sensação de obtê-la de alguma forma como se aquilo que a imagem representasse, por algum momento lhe pertencesse”. A sociedade está, mais do que nunca, vivenciando a cultura do ver.

A imagem é uma das formas mais bem-sucedidas que o homem criou para superar o fato angustiante de que depois do dia de hoje virá o de amanhã, o seguinte, e que sua vida caminha para um fim inevitável. A imagem, assim como também a música, a escultura, a arquitetura, são obras humanas concebidas para congelar e cristalizar o presente, eternizar um momento agradável ou importante que está sendo vivido e, assim, negar a degeneração do corpo e da vida (MARCONDES FILHO, 1988, p. 9).

Para o autor, à página 10, a imagem é uma “ligação entre o homem e seu imaginário. Imaginário é uma dimensão que existe no homem, paralelamente à dimensão do real”. Marcondes Filho ainda sinaliza que a televisão é responsável pela produção do imaginário social.

O elemento vivo das pessoas, seu “motor”, aquilo que as faz ter vontade de viver, não está no real, no cotidiano nem no mundo do trabalho e sim no imaginário. E a televisão é a forma eletrônica mais desenvolvida de dinamizar esse imaginário. Ela é também a maior produtora de imagens [grifo do autor] (MARCONDES FILHO, 1988, p. 11).

Assim, a imagem adquiriu um valor significativo para a sociedade, como explica a teoria do esmaecimento dos afetos. Nesse sentido, o resultado deste sistema só poderiam ser as profundas desigualdades sociais, identificadas nas relações sociais e que afetam o estado psicológico dos indivíduos. A televisão tem sua responsabilidade na medida em que consegue, a partir de seus programas, técnicas e conteúdos, induzir ações e pensamentos, sem causar prévia ou posterior reflexão nos telespectadores. Ou seja, sem proporcionar uma conscientização, com debate reflexivo sobre as situações complexas vividas em sociedade.

Num mundo globalizado, e em muitos aspectos excludente, em que a dimensão mídia atravessa a vida da maioria dos seres humanos, mudam-se – vertiginosamente – os paradigmas que propiciam o acesso à educação, à cultura e ao entretenimento. A força irresistível e fascinante da televisão, da internet, dos jogos eletrônicos, do cinema e do rádio – com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações destas mídias – torna cada vez mais potente sua capacidade de influir na constituição de conhecimentos, valores e atitudes de crianças e adolescentes, bem como de suas famílias e educadores (ASSIS, 2006 *apud* PEREIRA JÚNIOR, 2008, p. 2).

Conforme Pereira Júnior (2008, p. 2), a tevê interfere na formação integral da criança e do adolescente, por meio de três vias: a “educação, o entretenimento e a informação”. Ainda segundo o autor, essa interferência “atinge os três planos de recepção de formação da pessoa: o intelectual, o moral e o dos sentimentos”.

Essa influência pode ocorrer facilmente quando os indivíduos, em processo de formação, encontram-se sem orientação de outros meios de referência, como o ambiente familiar e a escola. Assim, conforme a Teoria da Bússola, de Groebel (1998 *apud* PEREIRA JÚNIOR, 2008, p. 3), a mídia, especialmente a televisão, “serve de orientação especialmente quando outros meios de controle social e cultural estão adormecidos e não configuram um padrão de conduta para a pessoa”. Dessa forma, a televisão consegue “moldar” o comportamento dos jovens.

Mesmo a mídia informativa afeta a construção do universo conceitual dos jovens. A população tende a pensar e a agir a partir daquilo que a mídia diz estar acontecendo. Confia-se nela para conhecer os fatos. Há um dever de veracidade na transmissão dos acontecimentos, que envolve mesmo a

proporção entre os conteúdos a serem informados bem como ao modo de informar (PEREIRA JÚNIOR, 2008, p.4).

Logo, entende-se que a mídia obteve, ao longo dos anos, a confiança das pessoas. A partir disso, os meios de comunicação se tornaram meios de controle social e seu poder é legitimado por meio da audiência. Como apresentado neste capítulo, por alguns autores a televisão é um importante veículo para a socialização do indivíduo, assim como para obtenção de informação e de entretenimento.

Porém, esta mídia, em muitos momentos, parece não atentar para as implicações do conteúdo apresentado para o público que a assiste. Nesse sentido, este trabalho busca compreender de que forma as matérias sobre violência na televisão influenciam a formação identitária do adolescente, pois a

violência é um forte componente dos conteúdos da TV. É a experiência universal, que Prokop chamou de “moeda”, ou seja, um esquema – ação, sexo, jogos com os telespectadores – que funciona em qualquer parte, sem que haja uma relação muito direta com o mundo deles (MARCONDES FILHO, 1988, p. 87).

Para analisar a possível influência que as matérias jornalísticas sobre violência causam nos adolescentes, buscou-se o veículo televisão, o papel social do jornalismo, o conceito de violência e suas manifestações, assim como a forma pela qual este fenômeno (violência) se apresenta na mídia.

Segundo Levisky (2000, p. 15), a violência, quando banalizada, ou não percebida como um sintoma de patologia social, pode se tornar um “valor cultural válido a ser incorporado”. Portanto, ao se analisar a programação da televisão aberta brasileira que prioriza, especialmente, a audiência, mesmo que isso implique em uma redução na qualidade de conteúdo, pode-se perceber que a sociedade e, principalmente, os jovens, podem ser afetados pela mídia.

A televisão é um meio de comunicação pertencente à lógica da Indústria Cultural. Esta, por sua vez, tem como objetivo a produção e o consumo de mercadorias em massa. A partir dessa lógica, depreende-se que, mesmo no Jornalismo, onde pressupõe-se a verdade dos fatos assim como a informação aprofundada, dentre outros elementos, a produção da notícia é afetada por essas pressões.

De acordo com J. S. R. Goodlad, o jornalismo e o telejornalismo são parentes muito próximos dos dramas. Em questão de preferência popular, os noticiários ocupam, aliás, o segundo lugar, logo após os dramas. Isso talvez explique o porquê de os noticiários serem produzidos como espetáculos (MARCONDES FILHO, 1988, p. 52).

Ou seja, a partir da apropriação de elementos da estética do grotesco, os programas de cunho sensacionalista e até mesmo os telejornais utilizam-se do sensacionalismo nas notícias para criar um espetáculo em cima do fato noticiado. Assim, marca-se a sociedade do espetáculo, na qual,

o espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 2003, p. 9).

A partir do momento em que os meios de comunicação seguem a lógica da produção em massa, na qual a produção e o consumo devem ocorrer em ritmo acelerado, observa-se a falta de direcionamento reflexivo nas informações veiculadas. Dessa forma, o ouvinte, leitor ou, neste caso, telespectador, desconhece o contexto que permeia a narrativa acerca dos fatos noticiados. Esse desconhecimento pode resultar, muitas vezes, na ausência de reflexão, carência de embasamento para argumentação e, conseqüentemente, falta de soluções para os problemas apontados, quando isso se mostra necessário.

Ao mesmo tempo, para compreender de que maneira a televisão pode influenciar a conduta dos indivíduos é necessário refletir sobre os “vários recursos ideológicos que funcionam no telejornalismo como formas de mutilação da realidade e encaixe aos interesses dos proprietários das emissoras de televisão” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 55). Porém, é preciso destacar que não são apenas os noticiários que reproduzem essa “mutilação da realidade”. Os programas de cunho sensacionalista também o fazem de maneira recorrente, assim como os demais, pois realizam recortes dos fatos.

Além disso, outro recurso utilizado como forma de “mutilação da realidade” é a saturação, ou seja, “a ação maciça dos meios de comunicação que criam certas ondas de opinião, histerias públicas e movimentos de massa que pressionam o público para convencê-lo de suas posições” (Ibidem). Esse mecanismo também é facilmente adotado pela mídia e, sobretudo, a mídia televisiva que, diante de

acontecimentos polêmicos ou, até mesmo, trágicos, dirige boa parte da sua programação para o ocorrido. Percebe-se também que, em inúmeras vezes, os programas continuam “espetacularizando” o fato apresentado, sem oferecer novas informações.

Mais decisivo do que todos esses procedimentos, porém, é a *política das emissoras de TV*, que pode modelar a realidade externa segundo seus interesses, fazendo de pequenos incidentes grandes fatos nacionais e menosprezando fatos importantes, se eles não interessarem a elas. Por isso, o trabalho do telejornal acaba sendo o de recolher as notícias da realidade e criar uma nova realidade com as notícias recolhidas. O telejornal só extrai da matéria a parte que lhe interessa [grifos do autor] (Ibidem, p. 56).

Portanto, deve-se considerar em que medida a mídia e, neste trabalho mais especificamente as matérias jornalísticas sobre violência, têm o poder de afetar, de alguma forma, o comportamento das pessoas. Mais ainda, deve-se pensar acerca da relação entre conteúdo veiculado pela mídia televisiva e a influência no comportamento dos adolescentes.

Os jovens são vulneráveis e susceptíveis às influências oriundas do meio social. Buscam fora do núcleo familiar aspectos que desejam incorporar à sua realidade pessoal, ou outros, com os quais necessitam aprender a lidar e que constituem uma parte do seu eu, nem sempre bem integrada à personalidade (LEVISKY, 2000, p. 22).

Conforme Gomide (2009), são diversos os estudos que vêm mostrando a influência da mídia televisiva ao conduzir e moldar atitudes sociais. Segundo a autora, a TV pode influenciar as percepções dos telespectadores sobre o que constitui “o mundo real” e o comportamento social normal; ajudar a moldar normas culturais; tornar as pessoas menos solidárias; aumentar significativamente o comportamento agressivo de crianças e adolescentes após a exposição a filmes violentos; transmitir mensagens importantes de crédito sobre os comportamentos que exhibe.

Além disso, Strasburger (1999) ressalta teorias que embasam os estudos a respeito da influência da mídia no comportamento de crianças e adolescentes. Entre essas, estão a teoria da aprendizagem social, de Bandura (1973, 1978, 1994), na qual é enfatizado que as crianças aprendem os comportamentos a partir da observação de terceiros e também da televisão; a teoria da excitação ou do estímulo de Zillmann (1971), que se refere mais a crianças pequenas e consiste na excitação

provocada nas crianças mediante a exposição aos meios de comunicação, podendo gerar o mesmo sentimento em relação a outras atividades que a criança esteja desenvolvendo.

Outra teoria destacada é a da neoassociação cognitiva, de Berkowitz (1984), a qual “sustenta que as experiências substitutivas através dos meios de comunicação podem encorajar ou inibir comportamentos, evitando certas associações, imagens ou pensamentos” (STRASBURGER, 1999, p. 21); e a teoria do *script* cognitivo, de Huesmann (1986), que

propõe que os programas de televisão ofereçam às pessoas jovens *scripts* comportamentais que podem ser recuperados a qualquer momento. Este resgate depende da similaridade entre a situação real em mãos e os eventos fictícios, bem como das circunstâncias envolvendo o momento em que o *script* é codificado pela primeira vez [grifos do autor] (STRASBURGER, 1999, p. 21).

Além disso, Strasburger (1999, p. 22) destaca a hipótese do cultivo, amparada por Gerbner; Gross; Morgan e Signorielli (1994), que consiste em afirmar que pessoas que assistem TV “por muito tempo estão propensas a crer que a televisão exhibe o mundo real ou então que o mundo real deve conformar-se com as regras da televisão”. Porém, como afirma Gomide, deve-se destacar que a influência que a mídia exerce sobre as pessoas nem sempre é algo entendido ou percebido de maneira clara.

É importante lembrar que a maior influência da televisão no comportamento humano é indireta, sutil e cumulativa – não imediata e direta. De forma que a formação do conceito e de atitudes referentes a sexo, uso de drogas, resolução de conflitos, aquisição de hábitos alimentares, constituição da família e outros valores importantes que favorecem o viver em sociedade, de maneira saudável e harmoniosa, quando não feitos pela família, podem estar sendo feitos pela televisão (GOMIDE, 2009, p. 6).

A mídia, mesmo que não possua como função principal educar a sociedade, acaba por ensinar-lhes, a seu modo, como viver. “Toda televisão é televisão com fins educativos. A única questão é: O que ela está ensinando?” (STRASBURGER, 1999, p. 23).

Dessa forma, é importante analisar a partir de Morassi e Matos (S.D., p. 1), “a ideia da televisão como poder de inventar e reinventar a realidade”. Assim, infere-se

que a TV pode construir novos valores, padrões, normas e, gradativamente, implantá-los na sociedade, sem que ela perceba.

A TV passou a ocupar o lugar culturalmente importante, nas casas e na vida de muitas pessoas tornando-se assustador, pois ela tem quase que exclusivamente servido ao poder dos interesses capitalistas. Podendo assim, embarcar na negação da existência dos demais tipos de culturas, que podem ficar segmentados pela cultura industrial. Com isso, estaremos negando a constituição das subjetividades e das outras possibilidades de constituir-se a realidade (MORASSI; MATOS, S.D., p. 2).

Portanto, diante do exposto, percebe-se que a televisão, com o poder assumido ao longo dos anos, exerce influência sobre a sociedade e o seu funcionamento, a partir do fascínio que causa ao telespectador.

Fascinam também os clichês linguísticos e o espetáculo. *Este encerra a lógica de todas as produções de TV – dos noticiários aos programas de calouros, das transmissões esportivas aos debates políticos. A televisão, enfim, espetaculariza todos os acontecimentos; esse é seu modo de transmitir o mundo para o mundo* [grifos do autor] (MARCONDES FILHO, 1988, p. 41).

Sendo assim, é interessante avaliar em que medida, se isso é possível, a televisão pode influenciar de forma positiva ou negativa a vida das pessoas.

No próximo capítulo, além de uma conceituação teórica acerca dos métodos e técnicas utilizados para elaborar esta pesquisa, serão analisados os conteúdos das reportagens escolhidas como objetos de estudo, assim como o Estudo de Recepção a partir do Grupo Focal.

5 METODOLOGIA

Frente aos conceitos utilizados neste trabalho e abordados nos capítulos anteriores, nesta seção será descrita a metodologia empregada. Este trabalho monográfico consiste em uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, dividida em duas etapas. A primeira etapa envolveu levantamento bibliográfico, enquanto que a segunda etapa consistiu na aplicação do método de estudo de recepção na técnica de grupo focal. Na análise dos dados, foram adotadas as técnicas de análise de conteúdo e análise de discurso.

5.1 MÉTODOS E TÉCNICAS APLICADOS

A escolha pela aplicação de uma pesquisa qualitativa justificou-se pelo fato de que, segundo Minayo (1995), esta busca encontrar respostas a partir da subjetividade dos indivíduos, sem se preocupar com dados estatísticos e números. A pesquisa qualitativa, segundo Gaskell (2002), busca seus dados em textos, realizando a análise a partir da interpretação de dados coletados em profundidade. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é efetiva, pois

a mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social. As atividades sociais devem ser distinguidas antes que qualquer frequência ou percentual possa ser atribuído a qualquer distinção. É necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sócias, antes que se possa medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria (GASKELL, 2002, p. 24).

Por meio do levantamento bibliográfico, buscou-se ampliar e embasar os principais termos e conceitos desta pesquisa. O levantamento bibliográfico representa o aporte teórico do estudo, obtido por meio da pesquisa de materiais, em diversas fontes, para confrontar os achados encontrados e ancorar a discussão proposta a partir das palavras-chave: telejornalismo, violência, adolescentes, mídia e sociedade.

5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Após a realização do levantamento bibliográfico, empregou-se a técnica de análise de conteúdo (AC) das seis matérias previamente selecionadas, nas quais ainda aplicou-se o estudo de recepção na técnica de grupo focal. A AC prevê as seguintes fases de desenvolvimento: pré-análise, exploração do material, e a última fase, que consiste no tratamento, inferências e interpretação (BARDIN, 1977).

5.2.1 Pré-análise: seleção das reportagens

Bardin (1977) expõe três grandes momentos para a realização da AC. Durante a primeira fase, denominada de pré-análise, os elementos básicos para a construção desta monografia foram escolhidos e debatidos. Neste momento, as matérias jornalísticas veiculadas pelo Jornal Nacional e Brasil Urgente foram selecionadas. A seleção destas matérias considerou a temática abordada nas reportagens, selecionando apenas àquelas que tratavam sobre violência. Essa primeira fase é denominada por Bardin (1977) de leitura flutuante. Após, realizou-se uma nova seleção, analisando o conteúdo das mensagens. Conforme a autora, este segundo momento é denominado de escolha dos documentos.

Salienta-se que a seleção das reportagens do JN e Brasil Urgente não teve como objetivo comparar a forma como as situações de violência foram apresentadas. Assim, buscou-se selecionar reportagens que apresentavam a violência em suas variadas perspectivas, priorizando, assim, diferentes fatos noticiosos.

No Jornal Nacional, as edições e reportagens escolhidas foram denominadas como “Reconstituição da morte de mulher arrastada por carro da polícia é feita no Rio” (publicada em 03 de abril de 2014); “Policiais e grevistas da USP entram em confronto” (publicada em 20 de agosto de 2014); e “Conversa mostra farsa de PM para atribuir morte de Amarildo ao tráfico” (publicada em 22 de outubro de 2013).

No Brasil Urgente, as reportagens selecionadas foram nomeadas da seguinte forma: “Pedreiro bate em idoso com pau e apanha de populares” (publicada em 17 de julho de 2013); “22/08/13 - 2º Bloco - Brasil Urgente Minas - Mulher parte pra cima da amiga por causa de celular” (publicada em 22 de agosto de 2013); e

“Homem confessa que matou namorada que estava desaparecida há um mês” (publicada em 8 de agosto de 2014).

5.2.2 Exploração do material: decupagem

Durante a decupagem¹³, o pesquisador deve se debruçar sobre o material a ser analisado. Conforme Bardin (1977), este período é chamado de codificação da mensagem.

Jornal Nacional - Reportagem 1: Reconstituição da morte de mulher arrastada por carro da polícia é feita no Rio¹⁴. Tempo: 0’26”.

Em primeiro plano (PP)¹⁵, o jornalista Heraldo Pereira, na bancada do JN, transmite a notícia em forma de nota coberta: “A polícia do Rio fez hoje a reconstituição da morte da auxiliar de serviços gerais, Claudia Silva Ferreira”. Neste momento, uma fotografia de Claudia, em meio primeiro plano (MPP)¹⁶, surge no centro da tela e vai crescendo até ocupar todo o centro da imagem. O jornalista prossegue: “Claudia foi baleada durante uma ocupação policial no mês passado, no morro da Congonhas, subúrbio da cidade”. A seguir, são inseridas imagens de uma gravação, de dentro de um automóvel, onde se pode ver Claudia sendo arrastada pelo carro da polícia. No canto superior direito, há o logo “Extra Online”, indicando que as imagens são de outra mídia.

Ainda com as imagens de Claudia sendo arrastada, em *off*, Heraldo Pereira acrescenta: “No trajeto para o hospital, a porta traseira do carro da PM se abriu e ela foi arrastada”. Também em *off*, mas com imagens realizadas por um helicóptero, aparecem cenas da ocupação da polícia no morro. “O principal objetivo da polícia é descobrir se o tiro, que atingiu Claudia, partiu de policiais ou traficantes”, complementa o apresentador.

¹³A palavra é originada do francês, *découper*, ato de recortar. Decupagem então, significa descrever tudo o que foi gravado em termos de vídeo e áudio. Portanto, ela tem uma escrita técnica que começa pelo plano, movimento de lente ou câmera, descrição da cena, descrição do áudio: *off* e *sonoras*. Disponível em: <http://www.sitetj.jor.br/glossario.asp>

¹⁴Disponível em: <http://globo.com/redesociedade/midia/programas/jornal-nacional/v/reconstituicao-da-morte-de-mulher-arrastada-por-carro-de-policia-e-feita-no-rio/3259246/>

¹⁵Também conhecido como *close* ou *close-up*, neste enquadramento a figura humana é enquadrada do peito pra cima. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

¹⁶Neste, a figura humana é enquadrada da cintura pra cima. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

Jornal Nacional - Reportagem 2: Policiais e grevistas da USP entram em confronto¹⁷. Tempo: 1'31”.

Em PP, a jornalista Patrícia Poeta introduz a notícia: “Policiais e grevistas da Universidade de São Paulo entraram em confronto hoje cedo”. A seguir, são apresentadas imagens em movimento, indicando que a gravação foi realizada com a câmera na mão. As cenas foram produzidas à noite e retratam pessoas brigando. Logo, aparece o GC¹⁸ de Marcelo Campos, profissional que produziu as imagens.

Na sequência, a voz do repórter Wallace Lara, continua: “Ainda era madrugada quando um grupo de alunos, contrário à paralisação, tentou impedir que grevistas fechassem os portões da USP”. Em *off*, segue a narração do repórter, “manifestantes, então, bloquearam as ruas”, enquanto imagens de bandeiras e cartazes dos grevistas são mostradas. Imagens da tropa de choque e, logo a seguir, do confronto entre os manifestantes e a polícia são inseridas, enquanto o jornalista descreve: “A tropa de choque foi chamada. Os policiais lançaram bombas e deram tiros de bala de borracha”. Neste momento, a narração é interrompida brevemente e o áudio da imagem, em que aparecem policiais atirando nos manifestantes, é elevado.

Ainda em *off*, ao mostrar imagens dos grevistas confrontando a polícia, o repórter continua: “Um grupo respondeu com pedras”. A seguir, mais imagens do confronto são mostradas. Nestas, aparecem manifestantes correndo em meio ao trânsito e, em outro momento, a polícia disparando contra os grevistas. A narração prossegue: “Pessoas que iam para o trabalho, ficaram no meio do confronto”. Novamente a narração é interrompida e o áudio do confronto é elevado, ressaltando os disparos realizados pela polícia.

Em PP, é filmado Magno de Carvalho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da USP, aparentemente em uma entrevista coletiva. No vídeo, aparece o GC do entrevistado, enquanto o áudio destaca a fala de Magno: “A polícia chegou, sem nenhum diálogo, jogando bombas, atirando nas pessoas. Nós temos seis companheiros feridos”.

¹⁷Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/protestos-pelo-brasil/v/policiais-e-grevistas-da-usp-entram-em-confronto/3577252/>

¹⁸Gerador de caracteres, usado para identificar quem está aparecendo na imagem, assim como, o nome do repórter que produziu e dos demais profissionais envolvidos na reportagem. Além disso, o GC pode ser usado para acrescentar informações ou reforça-las. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/manual.htm>

Após, surge, na tela, a imagem de um comunicado emitido pela polícia, no qual alguns trechos são destacados. O repórter retoma a narração: “A Polícia Militar informou que atendeu à solicitação do reitor da USP para liberar e garantir os acessos à Universidade, e que, antes de entrar em ação, negociou com os manifestantes e apenas uma das entradas foi liberada”.

As imagens da polícia em ação e dos manifestantes protestando são, novamente, inseridas. O repórter continua: “A polícia afirmou ainda que não houve feridos”. A narração prossegue, enquanto são mostradas imagens de uma reunião entre grevistas e representantes da USP. A seguir, imagens de contextualização, tais como cartazes e a fachada da Universidade são exibidas. Ainda em *off*, o repórter afirma: “À tarde, grevistas e representantes da USP se reuniram no Tribunal do Trabalho. Professores e funcionários da USP estão em greve há 86 dias. Alunos de alguns cursos aderiram”.

Na sequência, o jornalista Wallace Lara faz uma passagem¹⁹. O repórter destaca: “A reunião terminou sem acordos. Os funcionários querem 9,78% de aumento e exigem que a reitoria reveja o corte do ponto. A reitoria da USP diz que a folha de pagamento já consome mais do que todo o orçamento da Universidade e que não tem condições de dar o reajuste”.

Jornal Nacional - Reportagem 3: Conversa mostra farsa de PM para atribuir morte de Amarildo ao tráfico²⁰. Tempo: 3’22”.

Em plano médio²¹, são apresentados os âncoras Heraldo Pereira e Patrícia Poeta. A imagem dos apresentadores vai, lentamente, sendo aproximada por meio do *zoom*. Heraldo faz a cabeça da matéria²², com a seguinte leitura: “O Ministério Público do Rio indiciou mais quinze policiais militares pela morte de Amarildo de Souza. Ao todo, já são vinte e cinco PM’s acusados de participação no

¹⁹Gravação em que o repórter aparece nas imagens, geralmente, do local do acontecimento. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>

²⁰Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g1NIQg3dg-g>

²¹Neste enquadramento, a câmera situa-se a uma distância média do objeto, dessa forma, ele ocupa um espaço considerável no ambiente, porém ainda podem ser identificados elementos do cenário ao redor do objeto. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

²²É, geralmente, feita pelo apresentador. A cabeça introduz ao assunto da matéria e contém as principais informações sobre o fato, isto é, o *lide*. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>

desaparecimento do ajudante de pedreiro, no dia 14 de julho. Todos trabalhavam na UPP da Rocinha”.

O apresentador vira-se um pouco para a direita e é enquadrado por outra câmera, em PP. A locução continua: “O Jornal Nacional teve acesso, com exclusividade, a uma escuta feita pela polícia com autorização da justiça”. Neste momento, no vídeo, aparece o GC do apresentador. Heraldo continua: “Para o Ministério Público, essa é a prova decisiva para a conclusão do caso. A reportagem é de Bette Lucchese e Mohammed Saig”.

Na sequência, são inseridas imagens da fachada do Ministério Público do RJ para ilustrar a fala da repórter, que narra: “A investigação do Grupo de Combate ao Crime Organizado do Ministério Público do Rio mostrou como foi a participação de cada um dos envolvidos no caso e revelou que quatro policiais militares foram responsáveis, diretamente, por torturar Amarildo de Souza”. Ao mencionar o nome da vítima, em primeiríssimo plano (PPP)²³, aparece a foto de Amarildo.

A narração continua. Em vídeo, aparecem fotografias dos policiais acusados, com a identificação e a patente de cada um. Em áudio, a jornalista continua, “são eles: o ex-subcomandante da UPP, tenente Luiz Felipe de Medeiros, e os soldados Anderson Maia e Douglas Roberto Vital Machado, presos há quase vinte dias. E o sargento Reinaldo Gonçalves dos Santos, que trabalhou na UPP da Rocinha até ontem”.

A seguir, aparece uma tela com documento do MP, requerendo a prisão dos três suspeitos. A repórter prossegue com a narração: “as prisões preventivas dele [sargento Reinaldo] e de mais dois PM’s foram pedidas hoje à justiça”. Posteriormente, ilustrando a fala da repórter, aparecem imagens de Amarildo sendo conduzido até o carro da PM, sob o poder da polícia. Em áudio, a jornalista complementa: “De acordo com os promotores, Amarildo foi torturado com choques elétricos, afogamento e sufocado com sacos plásticos”.

Em PP, aparece a promotora de Justiça, Carmen Eliza Carvalho declarando que: “o Amarildo pedia socorro. E, inclusive, uma fala que uma testemunha ressalta dizendo “não, não. Isso não. Prefiro que me matem”.”.

Na sequência, é inserida uma simulação, realizada por meio de computação gráfica, do local em que Amarildo foi torturado e em relação ao posicionamento dos

²³Também denominado de big close-up ou big-close, a figura humana é enquadrada dos ombros pra cima. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

policiais acusados de envolvimento no crime. Nesta simulação, Amarildo aparece deitado no chão, apanhando de quatro policiais. Atrás dos PM's há um contêiner, em que estavam mais alguns policiais e, do outro lado, o restante dos acusados. A repórter narra a simulação: “Enquanto o ajudante de pedreiro era torturado por quatro policiais, outros doze ficaram do lado de fora, de vigia. Oito PM's que estavam dentro dos contêineres, que servem de base à UPP, foram considerados omissos, porque não fizeram nada para impedir a violência”.

São mostradas imagens da favela da Rocinha, do Ministério Público e de um dos acusados, enquanto a jornalista continua: “Outros cinco policiais, que decidiram colaborar com as investigações, disseram que o major Edson, então comandante da UPP, estava num dos contêineres que não tem isolamento acústico e podia ouvir tudo”.

Novamente, em PP, a promotora de Justiça Carmen Carvalho aparece declarando: “O major é o mandante, né?! É o orientador de todos aqueles atos. Ele tinha, o que a gente chama de domínio final do fato. Ele poderia parar aquilo a qualquer momento”.

A seguir, a imagem de fundo mostra a UPP da Rocinha, a foto de Amarildo sobreposta e GC's com informações sobre o caso, que são narradas pela repórter: “Todos os vinte e cinco PM's foram denunciados pelo crime de tortura seguida de morte, alguns deles vão responder também por ocultação de cadáver, formação de quadrilha e fraude processual”.

Após, a repórter Bette Lucchese faz a passagem, com a favela da Rocinha ao fundo. “A investigação apontou tentativas de forjar provas e incriminar bandidos, aqui da Rocinha, pela morte do ajudante de pedreiro. Uma escuta telefônica, autorizada pela Justiça, revelou a manobra”. Neste momento, são inseridas imagens, realizadas por meio de helicóptero, da Rocinha. Além disso, quando mencionado o nome de Amarildo, novamente aparece a foto da vítima. “O Jornal Nacional teve acesso a gravação com exclusividade. Um homem que se identifica como traficante Catatau, faz ameaças a um policial infiltrado no tráfico e dá a entender que matou Amarildo, que tinha o apelido de boi”.

Na sequência, aparece relatório da perícia e a foto de mais um dos PM's acusados. A gravação da conversa foi inserida à reportagem. Em vídeo, uma tela azul, dividida ao meio (horizontalmente), indica a fala de duas pessoas e segue com

a seguinte explicação: “A perícia comprovou que esse homem era o soldado Marlon fazendo uma encenação”. Áudio gravação:

Marlon: - Fala aí, seu “X-9”. Vou cortar tua cabeça, maluco, tu vai ver.

Outro homem: - Camarada. Camarada. Deixa eu te explicar aqui.

Marlon: - Já botamo o Boi (Amarildo) na tua conta, neguinho. Já botamo o Boi (Amarildo) na tua conta.

A repórter complementa a informação, com fotografias de mais alguns policiais suspeitos. “O ex-comandante da UPP e o ex-subcomandante são acusados, ainda, de jogar óleo no chão para encobrir vestígios de sangue, depois da tortura de Amarildo de Souza”.

Brasil Urgente – Reportagem 1: Pedreiro bate em idoso com pau e apanha de populares²⁴. Tempo: 5’52”.

Em plano americano²⁵ (PA), Datena aparece no estúdio²⁶, com a imagem de um repórter, em meio primeiro plano²⁷ (MPP), na tela. Logo, Datena chama o jornalista: “Jaques, o que que houve aí em BH?”. O repórter faz um movimento de afirmação com a cabeça e responde com a fala rápida: “Pois é, Datena. Boa noite a você, boa noite a todos. Mais um registro do caos urbano, principalmente no trânsito. Agora pouco, você falava de um atropelamento e foi um registro envolvendo um senhor que estacionava um veículo, tranquilamente, e, coincidentemente, ao mudar de pista acabou atingindo um motociclista. Nessa motocicleta, um pedreiro. Que não pensou duas vezes, Datena, desceu da moto, atravessou a rua e pegou um pedaço de pau, Datena, e partiu com todas as forças possíveis pra cima desse senhor idoso, que ficou completamente caído no chão. Testemunhas presenciaram o fato, acabaram chegando próximo, tiraram esse pedreiro, que estava em uma situação de enlouquecimento geral. Tiraram ele e, inclusive, foi quase vítima de agressão de populares, que não concordaram com a atitude. Uma cena comum numa das principais vias de acesso, aqui da região do Barreiro, que fica aqui em Belo Horizonte. Uma situação terrível. A repórter Kiuane Rodrigues esteve lá,

²⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SVN7MoNORgw>

²⁵Enquadramento no qual a figura humana é mostrada do joelho para cima. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

²⁶ Os elementos estão dispostos da seguinte forma: no fundo o logo do programa. Há uma predominância da cor azul, característica do programa. No lado direito e um pouco atrás de Datena, é projetada uma tela, onde aparecem as matérias e entradas ao vivo de repórteres.

²⁷Enquadramento da cintura para cima. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

acompanhou de perto essa história. Um caos total. Agora, as imagens foram flagradas por um circuito interno de uma empresa próxima lá e mostraram todas essas ações, assim, uma cena absurda. Esse pedreiro, Datena, acabou sendo preso, já tem passagem pela polícia por uso de drogas. Completamente descontrolado. Uma cena de caos humano total”.

Durante a fala do repórter, aparece um GC, na parte central e inferior da tela, em letras maiúsculas: “VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO”. Logo abaixo, “MOTORISTA É AGREDIDO POR MOTOQUEIRO COM PEDAÇO DE PAU”. Datena ouve o repórter e, em alguns momentos, coloca as mãos no bolso e retira. Além disso, em alguns trechos, por exemplo, quando o repórter fala sobre a ação do motociclista, Datena faz um sinal de negação com a cabeça. Após, Datena afirma: “Não dá pra concordar”. Ao final da fala do repórter, Datena fala: “Ô, ô, Jaques” e o vídeo é cortado.

Na sequência, aparece Datena rindo ao dizer: “Pô, vocês tão de brincadeira comigo. Eu já chamei a reportagem umas quinze vezes. Tá pronta a reportagem ou não?”. Nesse momento, na tela, atrás de Datena, aparece congelada a imagem de início VT da matéria. O apresentador prossegue: “Ãhm... bota aí o pedreiro que é um covarde, batendo num velhinho. Me ajuda aí, ô!”.

Na reportagem, em vídeo aparece as imagens da rua, feitas pela câmera de monitoramento e o fato é narrado pela repórter, em *off*: “Passava das sete da manhã, quando o carro prata, conduzido pelo idoso, aparece nas imagens. Ele estaciona e desce do veículo. Segundo depois, o pedreiro chega, empurrando a motocicleta. Ele parece tirar satisfação com a vítima, gesticula muito. Quando, em um ataque de fúria, o pedreiro atravessa a rua e pega o pedaço de pau e começa a agredir Armando, que apenas tenta se defender. Ele cai no chão e a agressão continua, até que populares conseguem conter o homem. As pessoas se revoltam e tentam linchar o pedreiro. Repare este homem de camisa clara, ele pega o capacete e acerta a cabeça do suspeito, enquanto alguns populares ajudam a socorrer o idoso, que fica caído no chão. A agressão foi em uma das principais avenidas da região do Barreiro, em Belo Horizonte”.

Neste momento, a repórter faz a passagem, enquadrada em primeiro plano, no local em que aconteceu a agressão. A repórter prossegue: “De acordo com a polícia, a agressão aconteceu depois que Armando Mondussi Filho, de 57 anos, fez uma manobra para mudança de pista e acabou atingindo a moto em que estava o

pedreiro”. Na sequência, são inseridas imagens, em PPP, do motociclista, que aparece de olhos fechados. Após, o motociclista é mostrado em primeiro plano, aparentemente no carro da polícia e também imagens da moto. Em *off*, a repórter continua: “O ataque de fúria foi deste homem: Elson Ferreira de Jesus, de 52 anos, que trabalha como pedreiro em uma obra da região. Ele tem passagem pela polícia por uso de drogas e a moto não tinha documentos”.

Em PP, no centro da tela, o policial declara: “Eu penso que não foi mais grave a situação, porque populares interviram e separaram, né?! Se não teria sido fatal isso aí”. Após, em vídeo, é mostrado o carro do outro envolvido, assim como imagens do idoso caído no chão e de seus familiares. Em *off*, a repórter complementa: “O carro do idoso teve apenas parte da lanterna quebrada e a lateral amassada. Ele foi encaminhado ao Hospital João XXIII. A família não quis gravar entrevista”.

Nesse momento, volta para o estúdio e Datena comenta: “Olha, tem imagens aqui do idoso. O sujeito pegou um caibro. Ele pegou um pedaço de pau. Esse aí, não sei nem se vai ficar preso, mas ele teve o que ele merecia ali, viu?! Teve o que ele merecia. Levou um pau ali, uma capacitada. Ó lá, ele vai brigar com o homem, quer ver? Ele vai brigar com o homem. O homem é idoso mas é forte, hein?! Aí ele vai passar a mão num caibro e vai vim pra... ó lá, foi lá pegar o caibro. Sujeito com passagem pela polícia e tal... olha o tamanho do pau, que ele vem, pra dá no homem. Coitado do homem... ainda be... se o homem não vai pra cima dele, ele matava o homem. Aí ele continuou, agrediu o cidadão de idade que caiu ali. Não é verdade? Aí o povo vai pra cima dele. Qué vê a capacitada, ó... ó, qué vê a capacitada. É bem aqui perto do muro, aqui, aqui, aqui, aqui ó. O cara falou: você não podia fazer isso com o velhinho, buuum (risos). *Knock down*. Ó, vou dizer uma verdade pra você, não faça justiça com as próprias mãos, mas eu gostei desse cara levar essa capacetada aí, viu?! Não faça isso, é proibido, pelo amor de Deus e tal, mas também pegar um caibro pra matar o velho também não pode. Agora, a informação que nós temos aqui, que o Leal pode dizer em *off* ou não, que o sujeito que deu a capacetada também foi autuado por agressão”.

Nesse momento, na tela, atrás do apresentador aparece, novamente, o repórter com quem Datena conversou no início da matéria. O apresentador questiona o repórter: “É isso mesmo, Leal? Deixa eu ver a imagem aí, o Leal eu já conheço. Pois não, Leal”. Enquanto o repórter responde, as imagens da câmera de

monitoramento são reproduzidas na tela ao lado de Datena, mais uma vez. “Pois é Datena, o suspeito que teria começado essa ação, que teria tido esse ato de selvageria, foi autuado sim, por tentativa de homicídio e, nesse momento, está no CERESP São Cristóvão, que fica aqui. O outro, até então, a gente não tem essa informação”.

Datena interrompe o repórter: “É, o Ari disse que tinha sido autuado. Não foi autuado nada. Quem tá na cadeia foi o cara que bateu no velhinho. Esse que meteu o capacete na cara do cara não foi autuado coisa nenhuma. Repito, não faça justiça com as próprias mãos ou com o próprio capacete, mas tem hora que os cara perde a cabeça. O povão num tá aguantan... é o capacete das ruas esse aí. O povão num tá aguentando mais não. O cara meteu a capacetada no... se esse homem não fosse forte ele ia morrer, viu? Com certeza. Também o povão ajudou. Porque o cara foi lá e passou a mão num caibro, um pedaço de madeira, aqueles caibrão. Ele vem e dá, pior é que não grava tudo. Ele já deve ter levado umas duas ou três, quando gravou. Aí ele ia matar o homem. Se o povão não vem pra cima dele, ele ia matar o homem ali no chão. Aí o povo deu um pau nele. Só faltou o outro ali... que que é, o cara tá com a camisa do Corinthians ali? Ou do galo? Aí esse aqui no canto, ó, pau. O galo vai ser campeão hein?! Com certeza galo campeão. Mineirada, galo campeão. O cara levou uma capacetada linda na cara ali ó, buum, caiu. Bateu no velhinho coitado”.

Brasil Urgente – Reportagem 2: 22/08/13 - 2º Bloco - Brasil Urgente Minas - Mulher parte pra cima da amiga por causa de celular²⁸. Tempo: 4’20”.

Nesse vídeo, os apresentadores do Brasil Urgente de Minas (exibido antes do Brasil Urgente nacional), aparecem no centro da tela, em plano americano, sentados com uma pequena mesa redonda na frente. Em cima da mesa, miniaturas de um ovo, um homem à cavalo e um tucano. Os apresentadores usam óculos de sombra. O apresentador, sentado no lado direito começa: “Vamos a nossa confusão do Nextel?” O outro responde: “Vamô!”. O primeiro continua: “Olha só, você, meu amigo de casa, vai acompanhar agora a treta que rolou com a Duda e a amiguinha. E esse negócio aqui, já vou avisar, isso num é em Minas Gerais, não. Porque a Record tá pegando vídeo nosso, tá passando de manhã, de tarde e de noite. Até o Viana tá

²⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y9D9Zvpx0L4>. Dos 35’ até 39’20”.

passando”. O outro apresentador interrompe, em alguns momentos, concordando com a fala do colega e complementa: “Exatamente, eu queria mandar um abraço...”, quando é interrompido pelo colega: “Tá passando, tá passando vídeo nosso, falando que é em Minas. Num é em Minas, gente”. Mais ao fundo, houve o apresentador que está sentado à direita, falar: “Eu queria mandar um alô”, o outro apresentador, novamente interrompe: “Não acredite!” Logo em seguida, vira-se para o colega “Vai, fala”.

O apresentador sentado à direita prossegue “Deixa eu falar. Queria mandar um alô pro Carlos Viana. Deixa eu te falar, quando você for fazer um trolla, igual ao que cê tá fazendo aqui, você tem que copiar direitinho. Você tem que pesquisar bem. Você falou que é BH, não... aquele vídeo é do Rio de Janeiro”. O apresentador ao lado interrompe: “Só a favela do Rio braba” e o outro continua: “É, tem um sotaque, você vê que tem um sotaque igual a esse que nós vamos passar agora. Quando você for passar esse aí, é Rio de Janeiro”.

O apresentador sentado à esquerda, chama o VT: “Então, vamô acompanhar a treta do Nextel. Enche a tela, aí, na seção, porrada”. Nesse momento, é introduzida uma vinheta do quadro “A hora do nocaute”. Nesta, aparece o rosto de um boneco, em PPP, sendo nocauteado por um soco. Após, é inserido o nome do quadro. Durante todo o momento, em *background*²⁹ (BG), são tocas músicas e efeitos sonoros, como a Macarena, por exemplo.

Após a vinheta, aparecem imagens de duas mulheres, uma em pé e a outra sentada, brigando. Ao fundo, são ouvidos alguns gritos e gemidos de ambas. Os apresentadores começam: “Olha só, que louco”. O outro fala: “Olha só, celular filmado de lado é confusão”, enquanto o outro interrompe: “Olha, essa aí é a Duda. Essa loura, a Duda, acusa a amiga dela, essa morena, de derrubar o rádio Nextel dela. Olha só, ela arrebenta a amiga. Uma loucura, ó. Olha lá, ela (não é possível entender) o rosto da amiga. Ó, o tapa. Quer me roubar?”. Os apresentadores falam ao mesmo tempo e não é possível compreender o que dizem, além disso, ao fundo tem o áudio do vídeo das duas mulheres se agredindo e de músicas.

O apresentador, que está ao lado esquerdo, prossegue: “Olha só, a Duda... a Duda é bicho solto, essa loura aí. Porque... olha só como essa morena é forte e grandona. Ela não bate, só apanha. O que que tá acontecendo que essa mulher não

²⁹Som do ambiente ou música de fundo que acompanha a fala do repórter. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>

reage? Ó... isso o Ricardo não me deixa mentir, ele conhece toda a Baixada Fluminense, no mínimo, esta senhora, a Duda, ela tem treta e treta das boas. Ela deve ser do pessoal (não é possível entender o que o apresentador diz). Ela tá arrebetando de porrada”. O outro apresentador interrompe: “O que me chama a atenção, tem um cara morto ali”, logo o outro responde: “Não tem, não” e é interrompido novamente: “Tem sim, quer ver? Mostra na tela aqui, olha lá, tem um cara deitado. Tá morto o cara. Olha aqui, esse cara tá morto”, o outro lhe questiona “Aonde isso?”.

Os apresentadores voltam a aparecer, no estúdio. Agora estão em pé, em direção à televisão, para que o homem no vídeo possa ser apontado pelo apresentador. O apresentador, que estava sentado à direita, continua apontando, na televisão, o local onde estava o homem: “Olha aqui, eu tirei o óculos, aqui, ó... quer ver? Deixa abrir pra cá [a imagem]. Tem um cara morto aqui no canto”. O outro apresentador fala paralelamente: “Localiza aqui... Ou o cara tá dormindo...”. O outro continua: “Não, não tá dormindo não. Numa confusão dessa? Olha aqui, olha aqui... o vermelhinho, de camisa vermelha. Tem um cara morto”.

O apresentador, que estava à direita, complementa: “Eu vou te falar... aí só falta falar que isso daqui foi em Minas também. Olha só...”. Paralelamente, o outro fala: “Que loucura! Não, tem um cara morto nessa confusão. Não, cara... tô tremendo aqui. Sério mesmo” e é questionado: “Por quê? Você não tinha visto esse vídeo?”. “Não, um cara morto”, responde, e é interrompido pelo colega que ri e fala: “Mostra como é você tremendo...”. O apresentador mostra as mãos e continua a falar: “Olha aqui, tem um cara morto aqui... olha aqui, de camisa vermelha aqui”. O outro o interrompe: “Esse objeto não identificado é um cara morto?”. “É um cara morto sim, olha aqui a cabeça, uma perna. Quer ver, solta o vídeo... ó aqui, é um cara morto”, responde. “Vou te falar Jefinho, que você tá igual a médico quando vai fazer ultrassonografia, hein?! Não tem um médico que faz ultrassonografia? Só ele sabe dizer que aquilo é um bebê. É igual ao Pimba”. “Cara, não é possível. Você aí de casa tá vendo aqui. Aqui, ó...”, afirma o apresentador, que estava à direita.

O outro prossegue: “Tem? Mistério agora... mistério. Esse caboclo é um cara morto?”, o colega responde: “É um cara morto. Ele tá morto. Essa mulher matou esse cara e vai matar essa mulher também, pelo que eu tô vendo”. O outro continua: “Impressionante! Ó, tem duas semanas que tá na internet. Se você acompanhar em

qualquer canal, veja se, no momento trolla, eles vão inventar um monte de história... que a polícia civil tá atrás já da mulher”.

O apresentador, que estava à direita, interrompe: “Não gostei desse clima, não. Não gostei desse clima de cara morto”. Nesse momento, a imagem do homem deitado no chão é ampliada na tela. E o apresentador prossegue: “Olha lá, é um cara morto. Ah, não? Ah, o cara tá dormindo no meio de uma confusão daquelas? O cara tá morto”.

Brasil Urgente – Reportagem 3: Homem confessa que matou namorada que estava desaparecida há um mês³⁰. Tempo: 2’46”.

Em plano americano, Datena, no estúdio, introduz a notícia: “A polícia prende o namorado da balconista que estava desaparecida. Ele confessou que matou a garota e mandou mensagem do celular dela pra família. A Fernanda Marion é quem fez a reportagem. O cara ficava mandando... metendo grupo, né? Com o celular da moça, né? E mandando mensagens pra família como se a menina tivesse viva, acho que foi esse o caso, se não foi esse é bem parecido. Por gentileza, ô Jesus. Aqui Latino, um pé na porta”. Ao longo da fala do apresentador, uma tela é projetada com a foto da vítima.

A reportagem começa com a fotografia da moça, em plano fechado. A seguir, é introduzido um GC, com fundo vermelho e letras brancas: “CONFESSOU TUDO”. Abaixo, o quadro de GC, com fundo azul e letras também brancas, complementa: “MATOU NAMORADA E MANDAVA MENSAGENS COM O CELULAR DELA”. Ao longo da fala, em *off*, da repórter, são introduzidas mais fotos de Ana Clara, assim como imagens do momento em que seu corpo foi encontrado.

Além disso, quando mencionados pela jornalista, os familiares e namorado da moça também aparecem, enquanto Fernanda Marion fala: “O mistério do desaparecimento de Ana Clara Lopes da Silva, de 22 anos, chegou ao fim da pior forma possível. O corpo da jovem foi localizado depois de mais de um mês de seu desaparecimento. Ana Clara saiu para trabalhar em um *shopping* de Campinas no dia 4 de julho e, depois disso, nunca mais foi vista. Durante as investigações, a família da moça e o namorado, com quem ela se relacionou por quatro anos, foram ouvidos várias vezes pela polícia, mas nas últimas horas, um fato novo transformou

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-01S26VhjEU>

Emerson Jesus dos Santos, de 25 anos, no principal suspeito da morte da namorada”.

Na sequência, a repórter faz a passagem caminhando em uma rua, à noite. Fernanda está enquadrada em PP e prossegue com as informações: “A reviravolta no caso aconteceu, porque desde o desaparecimento de Ana Clara, os policiais passaram a monitorar o telefone celular da jovem, que já havia sido vendido para uma outra pessoa. Quando os policiais questionaram o homem, sobre quem tinha vendido o celular a ele, chegaram ao namorado da garota. Emerson foi trazido para o setor de Homicídios e Proteção à Pessoa, de Campinas, onde confessou o crime”.

Nesse momento, enquanto são repetidas as imagens da polícia encontrando o corpo da moça, uma voz masculina, aparentemente de um entrevistado, declara: “Deu um golpe nela, fatal, mediante asfixia, onde ela veio a desmaiar. Entrou em óbito, ele esconde o corpo durante 24 horas, no interior da casa dele e friamente ele revela com total... sem resquício nenhum de arrependimento”, enquanto o homem fala, além das imagens da polícia, aparece o entrevistado, em PP, aparentando ser o delegado e também imagens do suspeito, na delegacia.

Mais uma vez, são repetidas as imagens do corpo e as fotos da moça. São inseridas, também, imagens da primeira entrevista que o rapaz forneceu ao programa, enquanto a repórter complementa: “As imagens, cedidas pela Polícia Civil, mostram o local onde o corpo da jovem foi abandonado. Ele estava enterrado e enrolado em um plástico amarelo. Emerson acompanhou todo o trabalho dos investigadores, sem demonstrar qualquer arrependimento. Diferente do que aconteceu, quando conversou com a nossa equipe, na época do suposto desaparecimento de Ana Clara”.

Em primeiro plano, aparece o namorado de Ana Clara, quando foi entrevistado na época do desaparecimento, assim como o celular e mais uma foto da jovem: “O telefone toca e a gente fica pensando que é ela ou alguma coisa. É uma coisa que não tem, sabe? Começou e não tá tendo fim pra gente”. A seguir, a repórter volta a narrar, em *off*, mais detalhes sobre o caso, enquanto são apresentadas as mesmas imagens de Emerson na delegacia: “Ainda como parte da estratégia, Emerson produziu mensagens de texto em nome de Ana Clara e as enviou para a mãe dela”.

Na sequência, novamente aparece o entrevistado (aparentemente delegado) e as mesmas fotografias de Ana Clara, complementando a fala de Fernanda Marion: “Dizendo olha mãe, estou tranquila, estou em um lugar que não pega sinal. Então,

logo eu volto a falar com a senhora. A polícia insistiu e conseguiu localizar hoje o aparelho celular da vítima”.

“Emerson está preso temporariamente e vai responder pelos crimes de homicídio qualificado e ocultação de cadáver”, finaliza Marion, em *off*, enquanto são mostradas imagens de Emerson quando foi preso, na delegacia.

5.2.3 Tratamento, inferências e interpretação

Esta etapa, proposta por Bardin (1977), tem como objetivo decodificar as mensagens, a partir do material coletado e explorado na etapa anterior. A autora ainda destaca que a mensagem é emitida com a finalidade de atingir o seu receptor.

Na primeira reportagem analisada do JN, o âncora informa rapidamente sobre a reconstituição da morte de Claudia, a qual foi baleada durante uma ocupação policial no morro e arrastada pelo carro da Polícia. Além da foto da vítima, são inseridas imagens de Claudia sendo arrastada. É importante que se reflita se a imagem da vítima, nessa situação, acrescenta informações ao caso e se é essencial veiculá-la.

A partir disso, também é possível ponderar os tipos de violência produzidos nesse caso e que ficam implícitos na reportagem. Dentre estes, a violência das instituições, como a Polícia e o Estado, que deveriam zelar pela proteção da população; a violência exibida na mídia, considerada excessiva e, por vezes, irresponsável e, por fim, a violência da mídia sobre o seu público, pois esta tem poder de decisão sobre o que a população deve assistir e, conseqüentemente, tem capacidade de implantar modelos de condutas, como visto nos capítulos anteriores. Essa violência também pode ser comprovada na ausência de entrevistados, que poderiam fornecer mais informações e, até mesmo, novidades sobre o desfecho da reconstituição, configurando uma carência de informações mais aprofundadas.

Uma das hipóteses para tal é que, conforme o ritmo de produção das notícias na sociedade capitalista, o profissional da comunicação, muitas vezes, não possui tempo hábil para desempenhar sua função da maneira mais completa. Além disso, há também outro fator a ser destacado: a comunicação e, sobretudo o Jornalismo, são dependentes de suas fontes e, por isso, em muitos momentos, a informação pode ficar superficial, com a falta destas.

A segunda reportagem selecionada para esta análise é sobre o confronto entre policiais e grevistas da Universidade de São Paulo. Assim como no primeiro vídeo, nessa matéria é possível perceber a violência como violação dos direitos, caracterizada pela violência do tipo institucional (MICHAUD, 1986), na qual é possível identificar os manifestantes como oprimidos pelo Estado, sendo ele em sua forma de empregador ou enquanto Polícia, que age de forma violenta.

Agressões físicas (denominadas por Michaud (1986) de violência de delinquência e por Sodré (2002) de violência anômica) podem ser facilmente encontradas nas imagens de confronto (também violência sociocultural, a partir de Sodré (2002)), conforme a atitude repressiva da Polícia. Além disso, uma série de aspectos, como a desigualdade social, a opressão dos mais fortes sobre os mais fracos, o desprezo ao Outro ficam evidenciados. A violência de resistência também pode ser percebida a partir da reportagem, pois segundo Michaud (1986), essa categoria relaciona-se com as formas agressivas de oposição diante da dominação. Dessa forma, no momento em que os grevistas se uniram para manifestarem às imposições da reitoria da USP, estes responderam à violência estrutural sofrida. A partir de Sodré (2002) também é possível perceber a violência representada na mídia, que busca, por meio da exposição de cenas de violência, elevar a sua audiência, apresentando cenas de agressões de maneira recorrente.

Por fim, a terceira reportagem selecionada refere-se ao “caso Amarildo”, em que 25 policiais são acusados de participarem do seu desaparecimento e morte. Como as demais reportagens acima citadas, nesta, verificam-se traços de violência anômica (a partir das imagens de simulação), violência representada na mídia e violência institucional. Além disso, apesar de apresentar os principais pontos do caso, a reportagem não abordou, de maneira reflexiva, a atuação da Polícia. Dessa maneira, os fatos noticiosos são apresentados de forma isolada, sem uma contextualização. Com isso, transmite-se a sensação de que foi apenas um caso de abuso de poder, que não necessita de questionamentos.

Na sequência, foram selecionadas três reportagens do Brasil Urgente. A primeira refere-se a uma situação de violência, que se originou no trânsito. Além das cenas de agressões exibidas, o apresentador e o repórter reforçam estereótipos e julgamentos, podendo gerar sentimentos de ódio e medo na sociedade. Outro ponto a ser destacado é que a notícia é repetida diversas vezes por Datena e Jaques, sem acréscimo de informações.

Datena também justifica as agressões sofridas pelo motociclista. Nesse discurso, apesar de o apresentador aconselhar os telespectadores a não agirem dessa forma, Datena ri e, até mesmo fala que o motociclista mereceu apanhar. O motociclista, por já ter passagem pela Polícia por uso de drogas, é julgado como descontrolado. Apesar de sua atitude não ter sido correta, o programa em nada contribui para que essa ação seja pensada por seus telespectadores, pois apenas reproduz discursos de ódio.

O segundo vídeo selecionado foi apresentado no Brasil Urgente de Minas Gerais. Nele, aparecem duas mulheres se agredindo fisicamente. A notícia não é contextualizada e o telespectador pouco pode entender sobre o fato. Por meio dessa cena, observa-se a naturalização da violência, que é vista como piada pelos apresentadores. Além disso, as poucas informações sobre o fato noticiado, em muitos momentos, são confusas. O quadro “A hora do nocaute” pode ser entendido a partir do conceito de banalização da violência, a qual é apresentada como um aspecto normal do cotidiano. As notícias não aprofundam qualquer discussão e não trazem acréscimos aos telespectadores. Apesar de ser a edição de Minas Gerais, o programa Brasil Urgente, sendo ele regional ou nacional, mantém em suas edições sua característica de sensacionalismo e espetacularização da notícia.

A terceira reportagem escolhida cita o “caso de Ana Clara”, supostamente morta pelo namorado. Nesse vídeo, questiona-se a importância de veicular as imagens do momento em que a Polícia encontrou o corpo da jovem. Além disso, o fato noticiado é apresentado como um caso de crime passionai, sem a intenção de gerar reflexões e mudanças na sociedade. O caso, assim como as demais notícias, é apresentado de forma superficial e, em muitos momentos, somente contribui para a manutenção de preconceitos e estereótipos.

Destaca-se que a contextualização dos fatos é fundamental, pois como visto, as reportagens que não apresentam os aspectos sociais, culturais, psicológicos, políticos, econômicos e éticos, não contribuem para que os casos sejam vistos de maneira integral, sendo assim entendidos apenas como fatos isolados. Dessa forma, o telespectador, na maioria das vezes, não consegue, de fato, compreender o que está assistindo. Conforme Charaudeau (2012) aponta, por meio da visão do “fazer sentir” os indivíduos são levados a visão do “fazer saber”, isto é, a partir das cenas, os telespectadores podem ter a sensação de que foram informados, quando na verdade, pouco sabem sobre o que foi noticiado.

Ademais, considera-se que a maneira por meio da qual os fatos são apresentados, permite que eles possam ser interpretados como situações cotidianas e que ainda sejam transformados pela televisão em espetáculos. Nessa direção, o formato de apresentação de programas de cunho sensacionalista, habitualmente, destaca aspectos do cotidiano e os transforma em grandes encenações, por parte de repórteres e apresentadores. Assim, questiona-se até que ponto esse modelo de programa permite reflexões aprofundadas sobre temas relevantes.

É evidente que, em várias ocasiões, os apresentadores ironizam e zombam dos fatos noticiosos. Apesar de se dizerem preocupados com a segurança da população, parecem buscar apenas a audiência, por meio do espetáculo. Portanto, estes programas apresentados pouco contribuem para que a sociedade, de fato, apresente pensamento crítico-reflexivo, como propõe a educação para autonomia de Freire (1980). Os telespectadores recebem as informações “prontas”, que não permitem gerar questionamentos e dúvidas. Como consequência, tem-se uma sociedade que não compreende as relações complexas existentes, em sua totalidade.

Tanto as matérias apresentadas pelo Jornal Nacional quanto aquelas exibidas pelo Brasil Urgente apresentam situações de violência nas suas diferentes formas. Destaca-se que o Jornal Nacional apresenta notícias sobre violência de uma forma mais sutil. Entretanto, questiona-se, em muitos momentos, as imagens utilizadas, nas quais, pouco se acrescenta à notícia. Outro ponto a ser destacado é que as notícias pouco ou nada apresentam de questões reflexivas aos seus telespectadores. Entende-se que este deveria ser um elemento básico na construção das notícias. Nesse sentido, os telespectadores são informados de fatos aparentemente isolados e podem não conseguir compreender as reportagens assistidas.

No Brasil Urgente, pode-se perceber a violência até mesmo no discurso dos apresentadores e repórteres. Além disso, o programa parece não se preocupar com o reforço de preconceitos e a manutenção de estereótipos em suas narrativas. Nesse sentido, Brasil Urgente e Jornal Nacional se diferem em parte, pois o JN não deixa de maneira tão explícita o reforço aos preconceitos. Nessa esteira de pensamento, é preciso considerar se os elementos veiculados, como as notícias superficiais, as cenas de agressões e a violência simbólica exercida pela mídia são prejudiciais para a formação identitária dos adolescentes.

Acredita-se que é importante que assuntos relevantes, como a violência, sejam abordados pela mídia, repercutindo em mudanças nos hábitos e atitudes dos indivíduos frente à sociedade. Logo, é importante ponderar sobre as informações realmente necessárias no momento de construção da notícia, pois nem sempre imagens de violência, como as citadas acima, são essenciais para a notícia. Antes ainda, é importante debater e refletir em sociedade sobre a temática da violência e como ela se desenvolve nos diferentes contextos e, a partir disso, entender como a mídia pode contribuir para que assuntos como esse, não sejam apenas reproduzidos superficialmente.

5.3 ESTUDO DE RECEPÇÃO EM GRUPO FOCAL

Após a aplicação da técnica de AC, passou-se à segunda etapa da pesquisa, caracterizada pela aplicação dos Estudo de Recepção em Grupo Focal e técnica de Análise de Discurso.

O Estudo de Recepção mostrou-se fundamental para este trabalho, pois permitiu compreender, em que medida o conteúdo veiculado pela televisão referente à violência, influencia na formação identitária de adolescentes. Conforme Barros (2011), a percepção dos indivíduos sobre o meio em que vivem, passa por mediações balizadas pela mídia. A técnica de Grupo Focal teve como objetivo proporcionar o debate de jovens acerca das cenas de violência veiculadas pelos noticiários e como estes se relacionam com estas cenas.

No dia 10 de agosto de 2015, foi realizado o encontro com o grupo focal de estudantes do ensino médio da Escola Emílio Meyer, escola pública de Caxias do Sul. O grupo foi formado por dez estudantes, sendo duas meninas e oito meninos. Além da pesquisadora, que atuou como mediadora da técnica de GF, ainda estavam presentes dois pós-graduandos, que já haviam aplicado a técnica anteriormente. Estes atuaram como observadores do tipo participante e não participante, sendo que o primeiro auxiliou na condução do debate e o outro no uso dos equipamentos técnicos, como o gravador, o *notebook* e a câmera para filmagem.

Para atender a questão do anonimato dos estudantes, viabilizou-se a sua identificação por meio de letras do alfabeto brasileiro.

A – Sexo masculino, 18 anos, estudante da 3ª série.

B – Sexo masculino, 16 anos, estudante da 2ª série.

- C** – Sexo masculino, 17 anos, estudante da 3ª série.
- D** – Sexo masculino, 16 anos, estudante da 2ª série.
- E** – Sexo masculino, 15 anos, estudante da 1ª série.
- F** – Sexo masculino, 16 anos, estudante da 1ª série.
- G** – Sexo feminino, 16 anos, estudante da 2ª série.
- H** – Sexo feminino, 17 anos, estudante da 3ª série.
- I** – Sexo masculino, 20 anos, estudante da 2ª série.
- J** – Sexo masculino, 18 anos, estudante da 2ª série.

Os estudantes foram previamente convidados e indicados por seus professores. O grupo reuniu-se na sala de vídeo da escola. A pesquisadora/mediadora solicitou que os alunos se sentassem em círculo. Após os estudantes se posicionarem, a mediadora apresentou-se aos participantes da pesquisa e, brevemente, apresentou a técnica de GF.

Na sequência, os participantes se apresentaram e falaram um pouco sobre o que gostavam de fazer, especialmente, nos momentos de lazer. Essa primeira conversa teve o objetivo de tranquilizar os participantes, para que estes se sentissem à vontade para o momento da produção dos dados.

Após, foram apresentadas as reportagens escolhidas e analisadas por meio da técnica de AC. As reportagens foram apresentadas na seguinte sequência: JN – confronto entre policiais e grevistas da USP; JN – conversa mostra farsa da PM em caso Amarildo; JN – reconstituição morte de Claudia; Brasil Urgente – homem confessa que matou namorada; Brasil Urgente – briga entre duas mulheres e, por fim, Brasil Urgente – pedreiro bate em idoso.

5.3.1 Resultados e relatos do grupo focal

A partir dos relatos obtidos na prática do GF, utilizou-se o método de Análise de Discurso (AD), que segundo Orlandi (1999) tem o objetivo de compreender as significações atribuídas por indivíduos a determinadas temáticas. Muito além de preocupar-se apenas com a gramática, à AD se interessa também pelo contexto do enunciador.

Em função do tempo que tínhamos para a realização do GF³¹, optou-se pela apresentação, em sequência, de todas as reportagens aos estudantes, para que, após, fosse desenvolvido o debate.

Alguns jovens pareciam se conhecer e outros não. Percebeu-se também que os meninos, talvez por estarem em maior quantitativo, totalizando 8 rapazes, se manifestaram mais do que as meninas, que eram apenas 2. Além disso, verificou-se que, durante a exibição de alguns vídeos, como por exemplo a reportagem que noticiou a briga entre as duas mulheres, os estudantes manifestaram-se através do riso. Ressalta-se, também, que foi possível observar que algumas reportagens causaram impacto e outras não foram percebidas como violentas pelos estudantes.

Durante o debate, a mediadora e a observadora participante intervieram realizando perguntas para que as discussões fossem ainda mais aprofundadas. Anteriormente à realização do encontro, foi elaborado um roteiro pela mediadora, no qual constavam os seguintes questionamentos, para o caso do debate, em si, precisar ser incitado ou retomado: “Quais os telejornais e/ou programas de informação que vocês assistem com mais frequência? Vocês consideram importante se informarem? O que as reportagens têm em comum? O que vocês sentem ao ver essas notícias? Elas causam algum sentimento positivo ou negativo? Qual(is) e por quê? Como vocês acham que o público reage diante desses dois programas? O que vocês acham que eles sentem vendo essas reportagens? Existe algo que se assemelha entre o Jornal Nacional e o Brasil Urgente? Vocês identificaram alguma forma de violência nessas notícias? Qual(is)? O que vocês consideram como violência? Algum aspecto (narrativa, conteúdo, discurso, apresentação) apresentado nessas reportagens se aproxima da realidade de vocês? Por quê? Em que situações vocês identificaram semelhanças entre essas reportagens e o cotidiano de vocês? Vocês consideram que existe alguma diferença na maneira pela qual os apresentadores desses dois programas apresentam os fatos noticiosos? Vocês acham que a forma de apresentação dessas matérias pela mídia poderia ser diferente? Como? A partir das reportagens, vocês conseguiram identificar o contexto onde aconteceram os fatos, por exemplo, as classes econômicas dos envolvidos, o nível de escolaridade, se eles tinham alguma ocupação, as condições de vida, de

³¹Tendo em vista o parcelamento dos salários dos servidores públicos estaduais, alguns setores estão realizando paralisações. As escolas estaduais, como a Emílio Meyer, por exemplo, estão atuando com períodos mais curtos. Dessa forma, o tempo para a realização do GF também teve que ser reduzido. A discussão sobre o conteúdo exibido durou em torno de 37 minutos.

moradia...? Se o contexto das pessoas tivesse sido comentado, vocês acham que isso mudaria a notícia? Vocês acham que mudaria a forma como a notícia foi apresentada? Vocês mudariam a opinião em relação ao que foi noticiado? O que vocês acham das reportagens sobre violência? O que vocês acham dos programas sensacionalistas? Para vocês o jornalismo tem credibilidade?”. Os questionamentos partiram de reflexões da pesquisadora sobre o que poderia ser apropriado em relação aos pensamentos, ideias e/ou reflexões a partir das matérias apresentadas, por parte dos jovens participantes do GF.

Após assistirem as reportagens, inicialmente, os participantes do GF foram questionados quanto aos programas jornalísticos que assistem. Os estudantes H e F responderam não assistir programas jornalísticos. Os outros estudantes afirmaram que assistem programas como o Jornal Nacional, Brasil Urgente e Cidade Alerta. O estudante J disse se informar, preferencialmente, por meio do jornal impresso regional e rádio local. Já o estudante B declarou que procura as reportagens no *YouTube*.

Os estudantes foram questionados sobre a importância de informarem-se através dos principais meios de comunicação (TV, rádio e impresso). O estudante E respondeu “não muito”. O estudante I concordou com o colega, complementando: “Não é muito importante porque certas reportagens geram mais conflito, vamos dizer assim. O povo fica mais indignado”. Para esclarecer seu comentário, o estudante I utilizou como exemplo a primeira reportagem do Brasil Urgente analisada neste trabalho. Segundo seu entendimento, essas reportagens contribuem para que as pessoas fiquem ainda mais violentas.

Em determinado momento, o estudante E concluiu que: “Todas (as matérias) geram violência”. F complementou: “abuso da polícia”. I acrescentou ainda: “a falta de autoridade, em muitos momentos”. E C: “desigualdades já viraram rotina, né? Se tu ligar a TV, em qualquer horário, vai dar só esse tipo de reportagem. Não dá uma notícia boa”. O estudante A concordou com a fala do colega e completou: “É, a mídia só traz desgraça, não tá trazendo uma coisa boa, só acontecimentos ruins”.

Nesses relatos dos estudantes, é evidente o descontentamento com a mídia, sobretudo a televisão aberta brasileira. Ademais, percebe-se que para estes estudantes, o telejornalismo, apesar da importância conquistada ao longo dos anos, vem perdendo credibilidade, principalmente em relação ao grupo participante da pesquisa.

Em relação ao que os jovens perceberam sobre os dois tipos de programas, o estudante F destacou o segundo vídeo do Brasil Urgente e considerou que é um tipo de programa que trata a notícia como “piada”. Ele destacou também que “a Globo” falaria sobre o mesmo assunto de forma mais “séria”. O estudante I ressaltou que “o Brasil Urgente tenta levar mais na esportiva e a Globo já tenta enfatizar bastante pra dar mais lbope”.

Os estudantes perceberam a violência nas matérias jornalísticas, porém não conseguiram debater, de forma aprofundada, sobre as diferenças entre os dois programas. Dessa forma, entende-se que isso faz parte do contexto vivenciado, no qual a mídia não é refletida, nem questionada, tampouco gera debates em ambientes educacionais. Há, evidentemente, uma carência no ensino brasileiro, no que diz respeito à “leitura” mídia.

A seguir, o grupo passou a discutir o motivo pelo qual acreditavam que as matérias jornalísticas sobre violência são frequentemente exibidas. O estudante E acredita que “é o que mais acontece”. I concordou e acrescentou: “faz parte do dia a dia já”. Entretanto, os estudantes declararam que essa é uma realidade “mais ou menos” próxima a eles. Dessa forma, identificou-se que, por meio “da fala” recebida da mídia, os estudantes apropriaram-se do discurso de medo e violência, mesmo que nada tenha acontecido com eles.

Ao serem questionados sobre suas “realidades”, isto é, se o meio em que viviam assemelhava-se ao das reportagens exibidas, alguns participantes da pesquisa responderam ser uma realidade “distante”. Entretanto, para outros, como os alunos B, I e J, esta é uma realidade que, em muitos momentos, encontra-se próxima a eles. Nesse sentido, o estudante B relatou que acontecimentos violentos são corriqueiros em seu bairro.

I também se manifestou: “Aqui em Caxias tá bem... vamos supor... como sábado, a gente saiu, estava eu e o meu amigo aqui [apontando para J], a gente saiu, a gente estava num lugar ali na Estação Férrea, aí... Mas antes disso a gente estava lá na Caixa, lá no posto do Ramar, aí a gente saiu de lá, foi o que... uns 10, 15 minutos, falaram pra gente ó, mataram um “loco” [rapaz] lá na frente do Arena. Já pensou se a gente tivesse lá? Poderia ter levado um tiro ou coisa assim, vai saber... isso já tá virando quase rotina já”. Concordando com o colega, J afirmou: “todo final de semana entra em órbita alguém”.

No discurso dos jovens, constatou-se um descontentamento em relação à violência no Brasil e, mais especificamente, em Caxias do Sul. Entretanto, alguns mencionaram que as situações de violência exibidas nas matérias eram distantes de seus cotidianos, mesmo assim, percebeu-se sensações de receio e insegurança. Dessa forma, pode-se perceber como a mídia consegue influenciar o pensamento das pessoas. Os estudantes que afirmaram ter certo contato com este tipo de realidade, mostraram-se ainda mais receosos.

Nesse momento, a pesquisadora entrevistou, com um questionamento: “Vocês acreditam que a mídia só está retratando o que acontece?”. O aluno B respondeu afirmativamente e complementou: “Na verdade sim, né?! Os acontecimentos de agora... se tu for ver não tem uma mídia que volta no tempo pra mostrar uma coisa boa que aconteceu, ela só retrata o que chama mais a atenção do povo”. Concordando com a fala de B, C justificou o motivo segundo a visão do estudante, a mídia retrata mais situações de violência: “As pessoas só gostam de desgraça... (risos). Só gostam de assistir desgraça. Se for passar uma coisa boa, talvez não vá dá tanta audiência para aquela emissora”. F concordou e completou: “Não tem o que tá acontecendo de bom. Nada tá acontecendo de bom, daí eles só mostram isso porque eles tentam desviar a atenção do que tá acontecendo tipo na política, nessas coisas, pra violência”.

A partir da fala dos jovens, pode-se novamente perceber a concepção que estes têm sobre a mídia, principalmente a televisão. Eles concordaram que a mídia explora as situações de violência cotidianas e acreditam que ela o faz para “vender” mais. Porém, em muitos momentos, é possível perceber que os estudantes não questionaram o conteúdo assistido, isto é, os jovens não perceberam a violência simbólica da mídia. Apesar de concordarem que há exploração da “desgraça”, os estudantes não aprofundaram o debate ao ponto de refletirem, por exemplo, se realmente vive-se, hoje, em uma sociedade que caminha para uma grande autodestruição ou se a mídia tem usado elementos do grotesco para atrair o público.

I justificou a audiência obtida por notícias sobre violência, pois segundo o estudante: “Ah, na verdade, acho que o povo que é curioso mesmo”. C continuou: “Se, por exemplo, tem um velhinho na rua e precisa de ajuda pra atravessar a rua, ninguém vai ficar olhando. Agora, deu uma batida de carro, vai parar toda a cidade. Todo mundo para pra ver o que aconteceu”.

Na fala dos estudantes, identificou-se a concepção de que a sociedade é quem “comanda” a mídia. Pois, segundo estes, a TV retrata aquilo que acontece, sendo a tragédia o que mais atrai a audiência. Dessa forma, compreende-se que as reportagens exibidas foram montadas, a partir das técnicas de diluição e recuperação de Dorfman e Mattelart (1975), citadas no capítulo anterior.

Ainda sob a perspectiva dos estudantes, a violência vem crescendo e o seu espaço na mídia também. F complementou: “A violência aumentou. Mas com todo o resto, parece que só aumentou a violência e aí... todo tipo de... a situação financeira do país, as coisas assim, diminuiu. Porque como a gente tá vivendo agora, tá tudo ruim, daí eles tentam desviar pra isso mesmo”.

Na sequência, os estudantes passaram a falar sobre seus sentimentos ao assistirem as reportagens. I respondeu: “Com certeza vai ser negativo. No meu caso é negativo, porque dá bastante um... impacto, vamos dizer assim”.

O participante C interrompeu: “Ao meu ver, já é uma questão de cultura. Pra, por exemplo, pra mudar isso, mudar esses acontecimentos, só se mudasse a cultura brasileira. Porque hoje em dia, tu sai na rua ali, tem uns dois ou três ali que tu nunca viu na vida, mas se tu olhar torto pra eles, eles já vão querer te bater. E isso já tá virando cultura do Brasil”. O estudante A acrescentou: “Mas talvez não só no Brasil, a gente vê nas reportagens de outros países, tem muitas mortes e tal”. B interrompeu: “Que nem a professora de Espanhol falou que pros Estados Unidos ela vai, mas se ela for dormir, ela não sabe se vai acordar”. Mais uma vez, os estudantes mencionaram o fato de, segundo o que acreditam, o Governo tenta direcionar o “foco” da população para a violência, a fim de que as demandas dos indivíduos em relação ao país e ao próprio Governo não sejam lembradas e/ou discutidas. I respondeu que, a partir das cenas de violência: “A gente tenta... mudar o temperamento, vamos dizer assim. Contar até dez”.

Neste trecho, é possível perceber que os jovens destacam importante, para que haja uma redução na violência, que o comportamento das pessoas seja alterado, como por exemplo, que as pessoas passem a refletir mais sobre seus atos.

Os participantes foram questionados sobre as impressões sentidas ao assistirem as reportagens específicas. F declarou: “O cara ali, vai pra cima, sem dó. É na covardia mesmo. Os caras não têm pena de criança e de idoso. Não passou nenhuma reportagem de criança, mas tem bastante também”. O estudante estava se

referindo à primeira reportagem do Brasil Urgente, em que um motociclista agride um idoso. Para F, essa reportagem foi a que mais lhe impactou.

Já para C, o segundo vídeo do Brasil Urgente, em que duas mulheres se agridem, chamou mais atenção. A e E mencionaram a reportagem veiculada pelo Jornal Nacional, sobre o confronto entre policiais e grevistas da USP. No entendimento deles, os policiais poderiam ter evitado o confronto. C complementou o pensamento dos colegas: “Eu acho que tudo é uma questão de exemplo, por exemplo, os policiais estão batendo em alguém que tá desarmado, vamos dizer assim. Se os policiais tão batendo, eu posso bater então, né?! Porque eles que tinham que tá defendendo, tão batendo. A mesma coisa, um exemplo, um professor vai lá e rouba o celular de um aluno. Aí a gente vai lá e descobre que foi o professor. Por que que eu não posso roubar se ele tá roubando? O Brasil tá assim. Os políticos estão roubando lá, então o que que a gente pensa? Se eles tão no topo e tão fazendo isso, por que eu não posso?”.

Percebe-se a semelhança entre o discurso de Datena, na primeira reportagem exibida, em que este justifica a agressão ao motociclista e a fala do estudante C. Ou seja, a mídia tem conseguido transmitir o seu discurso com êxito, o qual é internalizado por muitos indivíduos. A partir disso, percebeu-se que as pessoas podem repetir comportamentos apreendidos via TV.

Sobre a percepção dos jovens em relação aos apresentadores e o formato dos programas, o estudante B disse: “A situação lá, do programa que fez piada [reportagem 2 do Brasil Urgente], retrata muito o Governo, né? Porque eles tinham uma situação de briga ali e eles tavam puxando pra outra que não tinha nada a ver”. C e D responderam que o modo com que Datena apresenta o programa “puxa mais para o lado do povo. Já na Globo não”.

Posteriormente, os estudantes foram questionados sobre os tipos de violência percebidos nas reportagens. I prontamente respondeu: “Agressão, principalmente. Agressão física”. O estudante E complementou: “O forte batendo no mais fraco. Tem sempre alguém em maior número ou mais forte, batendo em alguém que não pode se defender”.

Os estudantes passaram a falar sobre o que definiam como violência. F afirmou: “A partir do momento em que tu agride ou ofende alguma outra pessoa”. A complementou: “Pode ser fisicamente ou verbalmente”. G e H concordaram com os apontamentos.

Os participantes foram questionados sobre o que achavam das cenas de violência na mídia, sobretudo, na televisão. I respondeu que: “O Brasil mudou muito, porque antigamente isso não mostrava, vamos supor assim que era censurado. Tem muita coisa que o Brasil tá mudando muito, então, vamos supor assim, abrindo uma brecha pra isso. Porque antigamente, tu não via isso na TV”. A estudante G complementou: “Eu acho que, de uma forma ou outra, isso incentiva. As crianças tão olhando ali a violência e vão fazer igual”.

O estudante F disse que a mídia controlava as informações, pois: “Por exemplo, um policial agrediu uma pessoa. Na mídia, a pessoa agrediu o policial e é ela quem passa a ser vilã”, E completou a fala do colega: “O policial só se defendeu”. De uma forma geral, os participantes acreditavam que a mídia manipula ou influencia as informações e as pessoas.

Pode ser identificado, a partir da reflexão dos estudantes, que eles acreditam que as pessoas têm o poder de “comandar” a mídia, visto que, como apontado pelos jovens, a exposição excessiva das mazelas sociais acontece, pois o “povo gosta de desgraça”.

A estudante G retomou a fala do colega e acrescentou: “Depende do exemplo do pai também né, eu acho que um pai responsável não vai deixar o filho ver aquilo lá”. C interrompeu: “Deveria ter horário pra esse tipo de notícia”. B acredita que, em contato com essas cenas, as crianças passam a imitar os comportamentos. Os estudantes afirmaram que esse tipo de conteúdo pode influenciar no comportamento das pessoas, principalmente das crianças.

Em relação ao público da mesma faixa etária dos participantes da pesquisa, eles acreditam que estes também podiam ser influenciados pelo conteúdo assistido. O estudante A acrescentou: “Tem muito pai e mãe que passa a mão na cabeça, acaba apoiando e não tá nem aí. Aí quando ele tá morto lá, aí por que que ele morreu? Aí tem arrependimento, mas é tarde, né?”.

Acerca das diferenças e semelhanças entre os programas exibidos, os estudantes refletiram que a semelhança entre os dois consistia na exibição de conteúdos e imagens violentas. Contudo, destacaram que a forma de apresentação diferenciava-se entre esses programas.

Depois disso, passaram a se questionar a forma como acreditavam que as notícias sobre violência seriam melhor apresentadas. F afirmou: “Com horários” e C acrescentou: “É, talvez dessa forma, mas em horários diferentes. Se tu ligar o jornal

em qualquer horário que seja, manhã, tarde ou noite, vai tá passando só isso”. I afirmou: “O cara liga a TV e já tem morte não sei aonde, morre mais três... é sempre assim, não tem uma notícia boa”.

H e I acreditam que a solução não está apenas na mudança no horário de exibição. I destacou a necessidade de “censura” desse tipo de conteúdo. H declarou: “Eu acho que a mudança tem que vir de nós e não da TV”. B declarou: “Na verdade, eu mesmo acabo não gostando porque gera uma certa indignação, né?!”. O estudante ainda ressaltou que, se presenciasse uma cena como a da primeira reportagem do Brasil Urgente, agiria com violência para defender o idoso.

Para o estudante C, falta um rigor nas leis, para que não haja violência. J salientou: “Se o governo funcionasse, eu diria isso”. F acrescenta: “Tipo ali, se tu mata alguém e é menor de idade, aí tu só fica alguns dias ali e já vai solto. Não importa se tu mata, tu já vai solto antes mesmo daquele que roubou só pra comer”. C retomou: “Tipo ali, o próprio Datena falou: agora esse cara, a gente nem sabe se ele vai ficar preso. Pô, tá na imagem que ele bateu no senhor lá. Ele tem que ser preso. Ele tem que ficar preso... e, geralmente, ele vai lá e sai. Então... sei lá”.

O participante A concordou com C e acrescentou uma comparação com outros países, como Estados Unidos, no qual, segundo o estudante, não importa a idade, mas sim o crime cometido. D e J balançaram a cabeça afirmativamente enquanto o colega exemplificava. B relatou também exemplos de países como a Alemanha, em que os policiais são gratificados por seu trabalho. A retomou a fala: “Aqui o trabalho do policial é uma vergonha e em outros países deve ser bem melhor”.

F declarou: “Com o povo tá acontecendo isso porque eles não são tão contente com o que tá acontecendo no Brasil, daí eles vão ver que trabalhando e sendo honesto, não tá dando certo. Aí, quem vai pra bandido, tem mais chance de ter as coisas... porque, se tu tem um filho e vai pra prisão aí tu ganha um dinheiro pra dar pros teus filhos e pra tu viver dentro da prisão. Aí quem tá fora e segue as leis, não acontece isso, tu ganha 600 reais”. A interrompe: “Isso, uma pessoa que tá presa ganha mais do que uma pessoa que tá trabalhando”.

C declarou: “Tem a questão da educação também né?! Tipo, precisava a gente tá estudando até às 21h? Pra quê? Os professores tinham que ganhar bem mais. Por isso que tá tudo errado, já é uma coisa de educação, de lei, de Governo, daí tu já vê como é que tá a situação”.

Para que essa situação fosse diferente, segundo os estudantes, são necessárias mudanças em diversos aspectos, sobretudo na própria sociedade. F declara: “Teria que mudar tudo. Desde a forma de pensar, até a forma de agir”. C acrescenta: “Pensar um pouquinho mais só, aí tu já sabe o que tu tá fazendo”. A expõe: “Talvez as pessoas, de tanto verem isso, já perderam a esperança de mudança... de tanto ver desgraça e tal. Virou rotina e é isso”.

A seguir, os participantes do GF foram questionados acerca do demonstrado sentimento de desânimo e falta de esperança. Enquanto alguns balançaram afirmativamente a cabeça, C declarou: “Particularmente, eu se pudesse, se tivesse condições, sairia do Brasil, porque as coisas só tendem a piorar”. I afirma: “Sentimento de revolta”. G acrescenta: “Poderia ser um familiar nosso, né?!”

Ao longo da fala dos estudantes, pôde-se perceber, em muitos momentos, que a mídia tem conseguido contribuir para que sentimentos, como o medo e a revolta, sejam alimentados na sociedade.

Para o estudante B, essas situações de violência cotidiana não deveriam chegar à mídia: “Tu passa na mídia, tu só vai causar indignação, revolta e gera mais briga”. Entretanto, o estudante E mencionou um caso recente de estupro de uma menina menor de idade, o qual não foi veiculado pela mídia e o suposto agressor não havia sido preso. No mesmo final de semana do estupro, o suposto agressor foi a um estádio de futebol e sofreu agressões por parte de alguns integrantes da torcida. O estudante C declarou: “Só bateram nele porque a lei não funcionou. A lei não prendeu o cara. Daí fizeram justiça com as próprias mãos”.

Os participantes também perceberam que poucos elementos de contextualização foram destacados. Isto é, eles identificaram uma carência nas informações das notícias apresentadas. O estudante I falou: “Porque simplesmente tu vai dar uma notícia: ah, os dois brigaram e um morreu. Tá e aí? E o motivo?”. Dessa forma, os estudantes enfatizaram que o jornalista deve gerar a reflexão nos telespectadores.

A respeito dos programas de cunho sensacionalista, o estudante I afirmou: “Sinceramente, eu assisti uma vez. Bah, eu achei péssimo, porque o cara tem uma realidade diferente da nossa. [...] Tu tem que viver alguma coisa, tu tem que viver a realidade pra poder falar. Tu não pode, simplesmente, ah, a minha realidade é comer caviar e a realidade do povo é comer ovo, entendeu? Tipo, tu tem que viver a realidade pra poder falar, pra poder argumentar, pra poder apresentar, entendeu? É

alguma coisa assim”. O estudante C falou que, dependendo do assunto, gosta de assistir reportagens que abordam os fatos de uma maneira mais “séria”. Segundo C, as reportagens da Rede Globo são apresentadas sob esta perspectiva. Porém, alguns assuntos lhe interessam mais quando são apresentados em programas sensacionalistas.

F disse que sempre que liga a televisão e estão sendo exibidos programas de cunho sensacionalista ou, até mesmo, reportagens sobre violência, prefere trocar de canal.

Ao final do debate, os estudantes refletiram acerca da credibilidade do Jornalismo. O estudante B disse que confia mais no jornal impresso do que na televisão. A complementou: “Eu acho que a mídia coloca as coisas como ela quer, como ela quer que a gente veja. Não exatamente a realidade, talvez ela mude alguma coisa”. Os estudantes acreditam que entre o jornal impresso, rádio e televisão, a última manipula mais as informações.

Entretanto, F argumentou que, por meio das redes sociais também são transmitidas diversas notícias falsas ou manipuladas. Dessa forma, este acredita que a TV não representa o meio de comunicação que mais pode alterar as informações.

Nos relatos, alguns pontos destacaram-se: os estudantes perceberam a violência nas matérias, porém não identificaram os diferentes tipos de violência, além da agressão física; os jovens sofrem influências, a partir da exibição de reportagens sobre violência, e manifestam sensações de insegurança e indignação; a carência de informações reflexivas nas reportagens não permite que os adolescentes aprofundem ainda mais seus pensamentos acerca do assunto.

Infere-se que alguns sentimentos, como a revolta e a indignação, mencionados pelos estudantes, podem contribuir para que as pessoas busquem a resolução de certos problemas sociais, de modo que a reflexão pode contribuir ao gerar mudanças. Entretanto, é importante que se busque um equilíbrio, pois como mencionado no terceiro capítulo desta monografia, os seres humanos são conflitivos e movidos pelas pulsões de Eros e Tânatos. Dessa forma, deve-se ponderar o direcionamento destes sentimentos, pois em alguns casos, a revolta pode gerar ainda mais violência.

Apesar das limitações no aprofundamento do debate, ressalta-se que os estudantes não são passivos, pois também apresentaram-se questionamentos sobre

a própria responsabilidade frente à temática. Demonstraram consciência sobre o modo de os programas apresentarem determinados fatos e em relação ao que acreditam que atrai audiência na televisão. Embora não tenham refletido de maneira aprofundada, compreendendo os elementos do grotesco, as pulsões de Eros e Tânatos e o entendimento da violência enquanto fenômeno, que acontece de diferentes formas, os estudantes conseguiram realizar uma discussão acerca dos principais pontos que permeiam este trabalho.

Ademais, destaca-se que algumas das percepções de alguns estudantes são originárias do senso comum, também mencionado neste trabalho. Estas percepções referem-se à situação da política atual e também pôde ser reforçada na fala dos estudantes, quando disseram que um preso recebe mais na cadeia do que alguém que trabalha.

Por fim, considera-se que a realização do GF foi indispensável para uma reflexão maior acerca de como os adolescentes, pelo menos os participantes da pesquisa, recebem as notícias sobre violência, veiculadas na TV. Os relatos dos estudantes são de grande importância para que o Jornalismo seja repensado, de forma mais responsável. No próximo capítulo serão abordadas as principais considerações desta pesquisa, assim como a verificação das hipóteses e objetivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no decorrer deste trabalho, a televisão adquiriu grande importância na sociedade. Este veículo está presente em mais de 95% dos lares brasileiros e é um dos grandes responsáveis pela criação do imaginário coletivo. Por meio da televisão, programas de entretenimento e informação podem ser acessados.

Tendo em vista o papel relevante atribuído a este meio, assim como a necessidade de um debate acerca dos conteúdos veiculados pela televisão, sobretudo no que se refere à apresentação de cenas de violência, fenômeno recorrente e exaustivamente abordado em telejornais e programas de cunho sensacionalista, a pesquisadora estabeleceu como questão norteadora: as matérias jornalísticas televisivas que abordam a violência podem influenciar no processo de formação identitária dos adolescentes?

A partir disso, realizou-se o levantamento bibliográfico, com o objetivo de compreender o funcionamento da mídia televisiva, assim como o fenômeno da violência e como ele é exposto na mídia. No segundo capítulo, buscou-se, por meio do contexto histórico, desvelar o surgimento da televisão no Brasil. Dessa forma, foi possível refletir sobre o modo como a comunicação está estruturada atualmente, em que poucos comandam diversos meios.

Mediante esse entendimento e, ainda, por meio da compreensão do papel da Indústria Cultural, foi possível entender o espaço ocupado e o papel de “produto” da televisão nesta Indústria, que permanece reforçando normas sociais. Pode-se perceber que as Indústrias Culturais continuam a proporcionar a “coisificação” de tudo, pois a sociedade tem se amparado em questões materiais. Além disso, é importante ponderar os discursos transmitidos pela mídia. Como visto, termos preconceituosos ainda são recorrentes em diversos programas da televisão aberta brasileira. Essas atitudes podem contribuir, cada vez mais, com a disseminação do ódio entre as pessoas.

Outro ponto de relevância, quando se trata dos meios de comunicação, é a ideologia de cada veículo, pois esta deve ser considerada ao se analisar o conteúdo veiculado pelas emissoras. É importante pensar, a partir da questão ideológica, como os programas transmitem seus conteúdos. Dessa forma, sendo a Rede Globo comandada pela família Marinho e a Rede Bandeirantes pela família Saad, embora

sejam concessões públicas, a linha editorial segue a opinião dos administradores. Assim, questiona-se até que ponto, estas emissoras estão a serviço da sociedade?

O terceiro capítulo abarcou a influência das pulsões de Eros e Tânatos na estética do grotesco, na televisão brasileira. Compreender os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte foi essencial para que se pudesse analisar o conteúdo das reportagens escolhidas. Sendo Eros, vida e Tânatos morte, as pulsões que permeiam o agir humano, foi possível compreender como a televisão utiliza-se dessas pulsões. Isto é, a partir de sua programação, é possível identificar, em muitos momentos, conteúdos relacionados ao sexo e à violência, por exemplo.

Além disso, mesmo que inconscientemente, essas pulsões chamam a atenção das pessoas, portanto é natural que estejam nos meios de comunicação. Entretanto, é essencial que a mídia, sobretudo o Jornalismo, adotem uma postura mais reflexiva acerca dessa temática, ponderando a necessidade, ou não, de apresentar exaustivamente, cenas de violência e também sobre a possível influência destas para o público. Sob esta ótica, sendo a Comunicação realizada por pessoas e para pessoas, é fundamental que se entendam as manifestações apresentadas pelos indivíduos diante destas cenas.

A estética do grotesco foi outro conceito basilar para esta pesquisa, pois está cada vez mais presente na televisão aberta brasileira. Porém, é preciso que se pense quanto ao uso de elementos do grotesco para a obtenção de audiência das emissoras. Atualmente, o conteúdo exibido em muitos programas, sobretudo os sensacionalistas, deixa a desejar em muitos aspectos, principalmente quando transmite informações sem ter certeza, justifica situações de violência, realiza discursos com narrativas do senso comum, reforça a cultura do ódio, entre outros elementos encontrados na análise.

É importante que se ressalte, também, que diversos programas que não são considerados de cunho sensacionalista podem conter elementos ou “momentos de sensacionalismo”, tais como: o reforço e a cultura de estereótipos e preconceitos, a sensação de informação apesar de uma absoluta desinformação (por meio do discurso e das imagens os telespectadores têm a sensação de estarem informados de tudo, porém, em muitos casos, pouco foi informado sobre o fato noticiado) e a falta de reflexão e contexto para os fatos apresentados.

Como dito anteriormente, a violência é um fenômeno que está presente na sociedade desde a sua concepção, podendo ser entendida como a pulsão de

Tânatos. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber como é realizada a montagem de reportagens sobre violência. A violência foi encontrada de maneira mais “camuflada” no Jornal Nacional, e também, de maneira mais “escrachada” no Brasil Urgente. O sensacionalismo, de fato, pode estar presente em diversos programas, até mesmo nos telejornais, distinguindo-se de um programa de cunho sensacionalista apenas pelo tom de condução do programa.

Percebeu-se que o sensacionalismo pode até causar “mudanças boas” nos hábitos das pessoas, podendo gerar mais cuidado consigo mesmas ou com os outros. Entretanto, ao mesmo tempo, foi percebido um sentimento de medo, visivelmente imposto pela cultura do terror, que pode ser entendida da seguinte forma: o sensacionalismo, por meio da estética do grotesco, apresenta os fatos em forma de espetáculo, fazendo com que os telespectadores internalizem os sentimentos dessa cultura. Nesse sentido, os indivíduos passam a ter relações mais defensivas do que colaborativas.

A partir da fala de alguns estudantes, identificou-se o pensamento de que “em outro país é sempre melhor do que aqui no Brasil”. Em muito, entende-se que a mídia tem sua responsabilidade sobre isso, quando prioriza a veiculação de acontecimentos ruins, em detrimento de boas notícias. Da forma como são apresentadas, as notícias boas parecem poucas. Assim, transmite-se a impressão de que se vive em uma guerra e não há como terminá-la.

Além disso, não existem espaços para reflexões. Evidencia-se, também, que o Jornalismo praticado atualmente no país pouco se interessa em se tornar mais amoroso³², mesmo quando retrata situações de violência. Nesse sentido, busca-se e, até mesmo, idealiza-se um Jornalismo mais responsável e mais preocupado com a coletividade, no qual o Outro é respeitado em sua totalidade e os indivíduos são levados a refletir, de forma consciente, sobre os problemas existentes, a fim de resolvê-los.

Também ressalta-se que a temática da violência ainda necessita de discussões mais aprofundadas em ambientes educacionais, nas comunidades e também na mídia. Ademais, a violência não pode ser atribuída somente a um fator, como a

³²Com base em Humberto Maturana (1998 *apud* BAPTISTA, 2012, p. 96), “o amor é o reconhecimento do outro, como um legítimo outro na convivência”. Ou seja, a amorosidade e a comunicação, como propõe Baptista (2012), estão entrelaçadas. Ou seja, “o amor pressupõe o respeito ao outro e, neste sentido, é fácil compreender a dimensão amorosa, como matéria-prima para a comunicação, para a produção da informação jornalística e para a contribuição no sentido da constituição de um espaço público de respeito mútuo, múltiplo” (BAPTISTA, 2012, p. 97).

televisão, por exemplo. A mídia, sobretudo a televisiva, é apenas uma forma de contato com a temática, pois o indivíduo ainda recebe influências da educação escolar, do seu próprio contexto sociocultural e das relações interpessoais que estabelece. Dessa forma, é equivocado inferir que a televisão é causadora de mais violência na sociedade. Entretanto, é importante que se destaque o papel significativo que a televisão poderia apresentar, se contribuísse com discussões crítico-reflexivas, que poderiam levar a mudanças sociais.

No quarto capítulo, analisou-se a relação entre mídia e sociedade, a fim de compreender como uma pode ter poder sobre a outra, e vice-versa. Depreende-se que as pessoas têm um papel de grande relevância na construção da mídia, porém destaca-se que este papel nem sempre é percebido. Por outro lado, os meios de comunicação têm consciência sobre o poder que exercem sobre a sociedade e utilizam-se deste conhecimento para direcionar discussões na sociedade, implantar modelos, rejeitar opiniões, entre outros elementos.

Além disso, como foi possível analisar, por estarem em processo de busca e construção do seu “eu”, os adolescentes podem se encontrar vulneráveis durante essa fase do ciclo vital, podendo absorver mais o “discurso” da mídia, sem refletir sobre este. Por isso, acredita-se ser importante que os diálogos acerca do conteúdo oferecido pela mídia sejam mais constantes na juventude.

Na metodologia, inicialmente com a Análise de Conteúdo das reportagens do Jornal Nacional e do Brasil Urgente, foi possível identificar a forma como os dois programas tratam desta temática. Percebeu-se que há pouca ou nenhuma preocupação, por parte dos produtores da notícia, com as consequências de discursos de ódio, especialmente na fala do apresentador Datena, em que este justifica a “justiça com as próprias mãos”.

Posteriormente, foi possível entender, mesmo que de maneira superficial em função do tempo de debate, o modo como os adolescentes participantes da pesquisa percebem as reportagens sobre violência. Os participantes do Grupo Focal encontram-se no período da adolescência intermediária (14 a 17 anos) e adolescência tardia (17 a 20 anos). Ao longo do debate, o grupo formado por estudantes de uma escola pública de Caxias do Sul, demonstrou ter um pensamento muito semelhante em diversos momentos, com poucas divergências. Ainda, ressalta-se que os resultados dizem respeito apenas ao grupo participante da pesquisa, não podendo ser generalizado a outros segmentos populacionais.

Evidenciou-se o descontentamento dos jovens participantes da pesquisa diante do conteúdo jornalístico apresentado pelos programas exibidos. Verificou-se, também, a carência de debate reflexivo acerca da temática entre a sociedade em geral, visto que os participantes do Grupo Focal não entenderam a violência simbólica exercida pela televisão, quando afirmaram acreditar que a mídia retrata apenas o que acontece na vida cotidiana.

A partir dos relatos, também foi possível inferir que a visão do “fazer saber” por meio da visão do “fazer sentir”, apresentada por Charaudeau (2012), ainda prevalece, pois em muitos momentos a imagem impactou mais do que o discurso. Importante perceber também que o conformismo social, imposto pela Indústria Cultural, segundo Coelho (2003), ainda é traço marcante na sociedade.

Os jovens mostraram-se descontentes com muitos aspectos da realidade e, ao mesmo tempo, apresentaram-se sem esperança e conformados com o que está imposto. Nesse contexto, em algumas falas, a violência desvelou-se como uma questão apenas de rigor nas leis. Em outros momentos, parte do grupo também mencionou que as reportagens devem continuar sendo exibidas tais como são, apenas em horários diferentes, o que confirma o conformismo destes indivíduos, apesar de mostrarem-se reflexivos diante das discussões.

Portanto, a violência, enquanto fenômeno, deve ser abordada em diferentes meios sociais, como escolas, universidades, comunidades, meios de comunicação, entre outros, a fim de ser pensada e refletida com o objetivo de gerar uma sensibilização e maior reflexão sobre a temática. Enquanto este fenômeno for pensado de forma naturalizada, provavelmente, não passará de um evento corriqueiro, que aos olhos “ingênuos” da sociedade apenas se repete, sem uma ligação entre os fatos.

A discussão sobre a violência na mídia ainda é pouco motivada. Dessa forma, destaca-se a importância de mais estudos e pesquisas acerca dessa temática na televisão e seus efeitos sobre a sociedade, até mesmo com públicos diferentes. Ressalta-se que com este trabalho monográfico não se pretendeu esgotar as discussões que envolvem o assunto. Avalia-se que seja importante que futuras pesquisas busquem contrapor relatos, por exemplo, de estudantes de uma escola pública e particular, afim de identificar suas diferenças e semelhanças.

Uma das hipóteses levantada, neste trabalho monográfico, é a de que a partir da reprodução excessiva de cenas de violência na televisão, há uma banalização do

grotesco, da dor, da violência e do sofrimento do Outro, contribuindo para que os adolescentes tornem-se insensíveis à dor alheia. Esse ponto pode ser percebido, em algumas situações, quando, por exemplo, no segundo vídeo exibido do Brasil Urgente, os estudantes riram das cenas de agressões. O mesmo aconteceu na fala de Datena, enquanto narrava a “capacetada” que o motociclista recebeu.

Outra hipótese é a de que o contato excessivo com cenas de violência na televisão aflora a sensibilidade e o sentimento de solidariedade à dor alheia. Essa hipótese não se confirmou em sua totalidade, pois os adolescentes se mostraram sensíveis aos problemas, porém, ao mesmo tempo, acharam graça de uma situação de violência. Os jovens demonstraram consciência sobre a questão da violência e suas consequências, porém também disseram que agiriam de tal forma se assistissem a uma situação que os revoltasse.

Essa ambiguidade no pensamento dos jovens pode ser entendida também pelo viés do período de maturação, pelo qual estão passando. Nessa fase, são recebidas intensas cargas de conhecimento e experiências, e não há tempo para reflexão. Assim, as reações podem, em alguns momentos, tornarem-se contraditórias.

Também pode-se confirmar a hipótese de que a repetição de cenas de violência, em programas televisuais, gera a sensação de medo em adolescentes, quando esses mencionaram que, apesar de a violência não ser muito próxima às suas realidades, sentem-se constantemente inseguros. Desse modo, mesmo que os jovens não tenham contato direto com a violência, por meio do conteúdo recebido pelos meios de comunicação, eles se sentem amedrontados.

Foi possível confirmar a hipótese de que o conteúdo violento dos fatos noticiados, na televisão, influencia a formação da identidade dos adolescentes, pois segundo os participantes da pesquisa, diante dessas cenas, ao se relacionarem com outras pessoas suas atitudes são repensadas. Sendo assim, alguns estudantes disseram refletir antes de agir, revelando um comportamento positivo (pulsão de Eros). Entretanto, sem a reflexão e como mencionado por alguns, estes agiriam de forma violenta em casos que julgassem necessários. Logo, entende-se que a repetição de cenas e discursos de violência, quando não acompanhados de reflexões, pode contribuir para que os indivíduos continuem a reproduzir estes comportamentos.

Provou-se, também, a hipótese de que as pessoas tendem a repetir no cotidiano o que assistem na TV, demonstrando que o comportamento pode ser

alterado e afetado pela mídia. Isso pôde ser verificado quando a fala de um estudante se assemelhou ao discurso do apresentador Datena, justificando atitudes incorretas para tentar “consertar” comportamentos considerados inadequados.

Identificou-se, ainda, que há uma mudança no comportamento dos adolescentes. Essa mudança ocorre a partir do momento em que se sentem revoltados, amedrontados, inseguros, entre outras sensações negativas (pulsão de Tânatos), ao assistirem reportagens sobre violência.

De maneira geral, considera-se que os objetivos puderam ser alcançados. Além das percepções dos adolescentes, participantes do Grupo Focal, em relação às matérias jornalísticas exibidas também foi possível identificar a forma de recepção dessas matérias. Essas percepções incluíram sentimentos de medo e revolta, a consciência sobre a influência que a mídia exerce sobre as pessoas e a percepção de alguns aspectos do grotesco, como por exemplo, as tragédias exibidas na tentativa de gerar mais audiência.

Quanto à forma de recepção, os jovens afirmaram que já estavam familiarizados com as reportagens que abordam cenas de violência. Isso também foi constatado no momento em que os adolescentes riram da segunda notícia do Brasil Urgente. A violência se tornou, de fato, banal. Esta afirmação fica clara quando os participantes da pesquisa consideraram engraçadas as situações de violência ou não perceberam outras, tais como a violência exercida pela mídia, pois não a reconheceram como tal.

Outro objetivo a ser verificado refere-se aos tipos de violência identificados pelos adolescentes nas cenas apresentadas. Nesse ponto, é possível perceber que há, também, uma carência de informação sobre o tema. Os jovens conseguiram identificar pontos importantes, tais como a violência institucional, exercida pela Polícia e pelo Estado e também as agressões físicas. Entretanto, a discussão limitou-se apenas a esses pontos.

Por meio do debate, foi possível desvelar as reflexões dos estudantes a partir das cenas assistidas, outro objetivo previamente proposto nesta etapa. A partir dos relatos, é importante destacar que os estudantes estão conscientes sobre uma série de elementos, tais como a manipulação midiática e o sensacionalismo, entre outros abordados ao longo deste trabalho. Porém, mostra-se ainda embrionária uma discussão sobre o que, de fato, quer causar a mídia quando veicula exaustivamente cenas de violência.

Portanto, conclui-se que as reportagens sobre violência, veiculadas pela mídia televisiva, podem influenciar o processo de formação identitária dos adolescentes. Porém, não se pode afirmar se elas afetam positiva ou negativamente, pois não se podem impor generalizações, quando se fala sobre os possíveis efeitos em grandes grupos. Os participantes demonstraram essa influência quando relataram sentirem-se mais revoltados, indignados, amedrontados e inseguros.

Como pesquisadora, as considerações acerca desta pesquisa mostram a importância em se pensar a prática do Jornalismo diante de temas como a violência, por exemplo. Por se tratar de um assunto complexo e também por poder causar influências no comportamento dos telespectadores, percebeu-se como necessária uma mudança no *modus operandi* das redações. Esta mudança deve se orientar por um Jornalismo que priorize a amorosidade em detrimento do conflito.

Este trabalho fortaleceu ainda mais o desejo de continuar a pesquisar a temática da violência e suas possíveis influências sobre os indivíduos, uma vez que o debate se faz necessário e as pesquisas a serem realizadas podem abordar diferentes métodos e técnicas.

REFERÊNCIAS

ANDI. **Mídia e Infância**: o impacto da exposição de crianças e adolescentes a cenas de sexo e violência na TV. 2012. Disponível em: <http://www.andi.org.br/sites/default/files/O%20impacto%20da%20exposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20crian%C3%A7as%20e%20adolescentes_.pdf>. Acesso em 20 ago. 2014.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX JR., José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Paixão-pesquisa: encontro com o “fantasminha camarada”. **Textura**. Canoas/RS, v.1, n. 1, 2ª semestre de 1999. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/663/474>>. Acesso em 3 ago 2015.

_____. Jornalismo amoroso. Quem quer (a)provar? Reflexões sobre a aplicação de práticas pedagógicas amorosas, na formação e no cotidiano do jornalista. **REBEJ - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa/PR, v. 1, n. 9, jan. a jun. 2012. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/204/146>>. Acesso em 3 ago 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Laan Mendes. O campo da Comunicação e os estudos de recepção. **Revista Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan/abr. 2011. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/110/40>>. Acesso em 23 nov. 2014.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Título VIII. Da Ordem Social. Capítulo VII. Da família, da criança, do adolescente, do jovem e do idoso. **Artigo 227**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_13.07.2010/art_227_.shtm>. Acesso em: 10 out. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 23 nov. 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

BRASIL URGENTE. Site. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/>>. Acesso em: 2 set 2014.

BRITTOS, Valério Cruz. A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, ano 20, n. 31, p. 9-34, 1999.

CASAGRANDE, Magno Cassiano; PERUZZOLO, Adair Caetano. O fenômeno da violência e sua relação com meios de comunicação, comunicação humana e estado. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da Unesp**, Marília/SP, ed. 10, dez. 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/2648/2078#>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

CASTELLS, M. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura, v. 3, p. 411-439. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <www.virtual.ie.ufrj.br/infoeducar/bib/castells1.doc>. Acesso em 10 jul 2015.

CARPENTER, Edmund; MCLUHAN, Marshall. **Explorations in Communication**. Boston, 1960.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CLEMENTE, Tatiany Araújo. **A função do lead no jornalismo impresso atual**. 2005. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1339/2/20164756.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2015.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CORREIA, João Carlos; PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu (org.). A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. Barbárie estética e produção jornalística: a atualidade do conceito de Indústria Cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 76, p. 106-120, Oct. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2015.

_____. **Estética da Violência**: jornalismo e produção de sentidos. Campinas, SP: UNIMEP, 2002.

COSTA, Tarcisio Ricardo Rios Caxias da. **Programas Televisados Fomentando a Criminalidade.** S.D. Disponível em: <http://www.aopmba.com.br/ckfinder/userfiles/files/ARTIGO_FINAL_TARCISIO_Caxias.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2014.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. In: PEREIRA JR (org), Alfredo Eurico Vizeu. **Telejornalismo: a nova praça pública.** Florianópolis: Insular, 2005.
CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo.** São Paulo: Alegro, 2002.

DOMINGUEZ, Cláudia Rodriguez. **O saber na tela: apropriação de gêneros e formatos televisivos em videoaulas para EAD.** 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Caetano do Sul, 2014. Disponível em: <http://www.uscs.edu.br/posstricto/comunicacao/dissertacoes/2014/pdf/Dissertacao_ClaudiaRodriguezDominguez.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2015.

FERREIRA, Larissa de Souza; SALES, Judy Lima Tavares. A presença do Grotesco em forma de humor, na página Gina Indelicada. In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte – Intercom, Manaus/AM, 2013. **Anais...** Manaus. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0364-1.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREUD, Sigmund. **O Inconsciente.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** 20.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIANESINI, Sarita; GOLEMBIEWSKI, Carlos. Perfil das Categorias e Gêneros na Televisão Brasileira Aberta no Período Matutino. In: X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul – Intercom, Blumenau, 2009. **Anais...** Blumenau. Disponível: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0281-1.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMIDE, Paula. **Crianças e adolescentes em frente à TV**: o que e quanto assistem de televisão. Biblioteca Dante Moreira Leite. 2009. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28421-28432-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2002000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2014.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. O Receptor como Produtor de Sentido: estudos culturais, mediações e limitações. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 2, n. 4, jun/ago. 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Grohmann_recepcao.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2014.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Comunicação e poder**: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. **Os construtores da informação**: meios de comunicação, ideologia e ética. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. Prefácio. In: Sólito, Marlene Branca. **Violência**: um discurso que a mídia cala. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Ática, 1997.

JORNAL NACIONAL. Site. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/evolucao.htm>>. Acesso em: 2 set 2014.

KEHL, Maria Rita. Televisão e violência do imaginário. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias** – ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 87-106.

LACAN, Jacques. O estádio no espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In: Lacan J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 1998.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana**: estudo de caso do programa *Brasil Urgente*. Dissertação (Mestrado) – Universidade

Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/LANA%20L%C3%ADgia.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência e violência**: conseqüências da realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Televisão**: a vida pelo vídeo. 12.ed. São Paulo, SP: Moderna, 1988.

MATTOS, Sérgio. **Um Perfil da TV Brasileira**: 40 anos de história 1950 - 1990. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda/Capítulo Bahia: A TARDE, 1990.

MERTON, Robert K. e LAZARSFELD, Paul F. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MORAES, Viviane Dantas. A significação do grotesco na narrativa de testemunho de Primo Levy. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria/RS, n. 13, nov. 2013. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/article/view/11546/7006>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

NASCIMENTO, Amanda. O Grotesco – uma análise do vídeo “O Banquete” de Anna Natale. **Revista de Investigação em Artes**, Florianópolis/SC, v. 2, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/plasticas/Amanda%20-%20PPGAV.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2015.

NEGT, Oskar. **The Media**. Tools of Domination or instruments of Emancipation. 1978.

NJAINE, Kathie. **Violência na mídia e seu impacto na vida dos adolescentes**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://teses.icict.fiocruz.br/pdf/njainekd.pdf>> Acesso em 19 ago. 2014.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente Hoje**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.

PACHECO, Elza Dias (org.) **Televisão, Criança, Imaginário e Educação: dilemas e diálogos**. 3ª edição. Campinas: Papyrus, 1998.

PAIXÃO, Cândida Gomide; SOUZA, Débora Moreira de; HENRIQUE, Flávia Avelar et al. Ontogenia: do nascimento à velhice. **Revista de Psicofisiologia**, v. 2, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://labs.icb.ufmg.br/lpf/mono4.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

PASSARELLI, Brasilina et al. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 159-178, jan./jun. 2014. Disponível em: <>. Acesso em: 10 out. 2014.

PEDROSO, Rosa Nívea. Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista. **R. Bibliotecon. & Comun.**, Porto Alegre, v. 6, p. 37-50, 1994. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/404/pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

PENTEADO, Marina Pereira. **Os breves momentos isolados em Generation X: tales for na accelerated culture**, de Douglas Coupland. 2012. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura, Porto Alegre/RS, 2012. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3878>. Acesso em: 20 mai 2015.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 152-171, jul/dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a07.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2014.

POSSAS, Ana Carolina Melo; CAMPBELL JÚNIOR, Ronaldo de Oliveira. O Jornalismo Policial do “Hoje em Dia” e sua Função Social. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Brasília, 2006. **Anais...** Brasília. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R2012-1.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

RAMOS, Fabiana Pinheiro; NOVO, Helerina Aparecida. Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v.8, n.3, p. 491-7, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19971.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, jul/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

ROSA, Douglas Corrêa et al. A Análise do Discurso na Tirinha da Personagem Mafalda. **Identidade Científica**, Presidente Prudente/SP, v. 3, n. 1, p. 72-83, 2012. Disponível em: <http://www.unoeste.br/facopp/revista_facopp/IC5/IC56.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2014.

SANTOS, Aline Lemos dos; CORTEZ, Andréia Sanches; OLIVEIRA, Heloisa S. et al. A influência da mídia na adolescência. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2005, Presidente Prudente/SP. **Anais...** Presidente Prudente: Centro Universitário Antônio Eufráasio de Toledo, 2005. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/940/911>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

SANTOS, Fabiano Rodrigo da Silva. **Lira dissonante**: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SERVA, Leão Pinto. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo: SENAC, 2001.

SILVEIRA, Isabel Orestes; RABINOVICH, Nora Rosa. A imagem da mulher na mídia impressa brasileira e sua idealização na cultura. In: Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades e Deslocamentos, Santa Catarina, 2010. **Anais...** Santa Catarina. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277471255_ARQUIVO_Aimagemdamlhernamidia-definitivo.pdf>. Acesso em: 07 ago 2015.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. Sociedade, mídia e violência. Rio Grande do Sul, Sulinas, 2002.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SÓLIO, Marlene Branca. **Violência**: um discurso que a mídia cala. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

SOUZA, Anamaíra Pereira Spaggiari. Jornalismo policial sensacionalista: entre a

audiência e a função social. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Curitiba, 2009. **Anais...** Curitiba. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1123-1.pdf>>. Acesso em 19 ago. 2014.

SOUZA, Anamaíra Pereira Spaggiari. Sensacionalismo: uma revisão conceitual através das teorias de Danilo Angrimani, Lígia Lana, Márcia Franz Amaral e Rosa Nívea Pedroso. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2010, Caxias do Sul/RS. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2892-1.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SOUZA, Thiago Lopes de. **Encontro marcado com o Grotesco**. 2006. Monografia (Comunicação Social) – Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora/MG, 2006. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/TLdeSouza.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

STRASBURGER, Victor C. Os Adolescentes e a Mídia. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. **O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TEIXEIRA, Ana Paula Baratta. A televisão e sua influência no imaginário infantil. **Revista Eletrônica Faculdade Metodista Granbery**, Juiz de Fora/MG. S.D. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/index.php?centro=resultado&curso=pe&num=12>>. Acesso em 19 ago. 2014.

TEMER, Ana Carolina. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Vol. 19, nº 3. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312009000300013>. Acesso em 23 nov. 2014.

VIANA, Luciane Pereira. Estudos de Recepção de Manifestações Culturais Cinematográficas: aprimorar a experiência de consumo. In: Congresso Internacional de Comunicação e Consumo, 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Escola Superior

de Propaganda e Marketing, 2014. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_seis/GT06_Luciane_Vi_ana.pdf>. Acesso em 19 nov. 2014.

VIDIGUEIRA, Vânia Cristina Rosário. **A influência da televisão no desenvolvimento sócio-emocional dos adolescentes**. 2006. Monografia (Licenciatura em Psicologia) – Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Portugal, 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0061.pdf>>. Acesso em 19 ago. 2014.

WEYNE, Luciana Maria Godoy Webler. A espetacularização do crime nos telejornais populares: análise da cobertura do massacre de Realengo feita pelo programa Balanço Geral. In: I Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito, 2012, Niterói/RJ, 1, p. 82-92. **Anais...** Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/las/periodicos/index.php/seminariointerno/article/view/9/10>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. Editora Ática, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – PROJETO DE MONOGRAFIA